MACMANIA
ANO 6
Nº67
1999
R$ 5,00
BOOKMAKERS
Tudo para o seu Mac
Um guia para quem quer comprar scanners, monitores, impressoras, modems e outros periféricos
Aprenda a desenhar no Illustrator
Sharewares que vão acelerar o seu trabalho
Testamos a nova versão do Norton Utilities
MacPRO: Saiba porque o PDF vai dominar a editoração
CD-ROMs Folha 99 e Aurelinho
WWW.MACMANIA.COM.BR
ISSN 1414-4395
SNAPSCAN 1212
AGFA
USB Hard Drive
SCUSI Bee

As Cartas Não Mentem

Pedido de ajuda urgente

Tenho um iMac e, por azar, perdi o meu CD de instalação do sistema 8.6. Adquiri um novo CD junto à autorizada e, com medo de um segundo desastre, fiz uma cópia de segurança. O CD copiado copiou todos os arquivos, mas a cópia não dá boot (lembrando que essa cópia não tem fins de pirataria). A minha pergunta é se esse problema deve-se a alguma opção no Toast que eu não conheço. Usei o programa Toast 3.0, gravando na velocidade 4x, formato Files & Folders. Como devo configurar o Toast para que a cópia dê boot certinho?

Fidel Duarte
lamine@uol.com.br

O método mais seguro de copiar o disco de sistema é arrastar o CD do sistema para o Toast como Mac Volume e criar uma imagem dele (File ▸ Save as disc image). Depois, duplo-clique a imagem gerada e aperte o botão Mount do Toast. O volume do CD será montado no seu desktop. Arraste-o para a janela do Toast. Depois clique no botão Data e selecione a opção Bootable, para tornar o disco "butável". Agora pode mandar queimar o bicho.

Linux no Mac

Em boa parte influenciado pelo artigo na Macmania 63, encomendei uma versão do LinuxPPC para mim. Recebi, feliz, a encomenda, mas, até agora, não pude desfrutar do Linux em meu computador. Vamos por partes. Meu equipamento é um iMac, 233, Revision A, com 96 MB de RAM, muitos gigas (mais de 11, na verdade) disponíveis em discos internos e externos (um SCSI e um IDE). Meu problema é o seguinte: ao instalar o LinuxPPC em meu iMac, tudo rola bem na primeira fase, a da pré-instalação. O instalador disponibiliza, no "reboot", a alternativa Linux, o "kernel" roda bonitinho, tudo legal. Até a fase final, quando roda o X-Windows. Ele constrói o desktop Linux com tudo a quem se tem direito e com uma janela aberta onde há as diversas possibilidades da instalação. O relógio está funcionando, sinal de que não congelou, mas o mouse e o teclado ficam tetraplégicos, para não dizer paralíticos, mesmo. Nada funciona. E assim não posso prosseguir na tarefa da instalação. Já li o manual e não atino onde estou errando: fiz a partição para Linux com a opção de automontagem desativada, tudo bonitinho. Mas não chego ao final. Você tem idéia de qual seja o problema? Será alguma limitação de minha máquina? O manual afirma que ele roda em iMac. Como meu outro computador é um PowerBook 1400, não posso sequer testar o Linux ali. Se puderem me dar alguma orientação, ficaria muito agradecido. Não quero terminar sem dar o testemunho da excelente qualidade de seus artigos na Macmania. Talvez a prova mais evidente seja a sedução que exerceu sobre minha determinação, levando-me a adquirir o LinuxPPC. Em tempo: tentei instalar o MKLinux, com o mesmo insucesso.

Luis Filipe Ribeiro – Rio de Janeiro (RJ)
lfilipe@usa.net

Você provavelmente está utilizando um adaptador USB-SCSI em seu iMac para utilizar o HD externo. Pode ser que o kernel esteja se confundindo com o adaptador. Tente instalar o LinuxPPC sem o HD SCSI. Se tudo funcionar, aí o jeito é procurar nas listas de discussão uma solução para o adaptador SCSI.

Problemas de conexão

Sou assinante da Macmania desde que o iMac saiu, por isso o comprei. Entrei na Internet através da OpenLink (RJ), mas agora dá tudo errado. Gostaria de saber se tem algum provedor bom para Macs aqui no Rio.

Bruno Andrade
brunoandrade@openlink.com.br

Segundo nossos colaboradores cariocas, seu problema deve ter mais a ver com as condições da telefonia em seu aprazível balneário (ou seja, Telemar) do que com determinado provedor. Se quiser uma dica de um provedor com algum conhecimento de Mac, tente a RioLink (21-577-8899), que conta com os serviços de Mario Jorge Passos, o homem que ama a Apple.

PPProblemas

Possuo um G3 minitorre 266 MHz com 128 MB de RAM, rodando Mac OS 8.1 e fazendo conexão com a Internet através do FreePPP. Há cerca de 20 dias não consegui mais surfar pela rede, sem razão aparente. Apesar do PPP fazer a conexão, verificar a senha e confirmar o sucesso, nenhum programa que utiliza a Internet conseguiu seguir a conexão. Tentei diversas soluções (trocar o PPP, verificar no provedor as configurações, conferir o modem, se novos programas estavam conflitando etc.), mas nada. Levei a uma assistência e me falaram para instalar o Explorer 4, mas expliquei que nenhum programa que utiliza a Internet conseguia localizar a rede (ICQ, Netscape, NetCD). Insatisfeito, levei minha máquina para casa e como nada tinha sido resolvido, reinstalei o FreePPP e nada. Em desespero, acionei o Virtual PC e, para minha grande, imensa e bizarra surpresa, tudo funciona corretamente através dele. Estou inclusive mandando este mail por ele. O que pode estar acontecendo? Deixo aqui também a minha insatisfação com as autorizadas Apple: tenho Macs desde 94 e nunca encontrei uma que resolvesse qualquer problema a contento.

Carlos Eduardo de Azevedo
porsche@tba.com.br

Que tal trocar o FreePPP pelo PPP do sistema? E aproveitar o ensejo e fazer um upgrade para um 8.5 ou 8.6? Se for muito trampo, experimente jogar fora as preferências do TCP/IP e recolocar os endereços de DNS.

Milhões de cores

Olá, vou direto ao assunto, pois de elogios vocês já devem estar cansados... Bem, tenho um Performa 6360 e necessito que ele fique com milhões de cores. Como faço isso? Preciso de uma placa de vídeo? Qual? Serve alguma de PC? Quanto custa? Onde encontro, aqui no RJ? Se eu colocar uma placa de vídeo não vou poder fazer um upgrade para G3?

Caio Cesar
ruthreis@rio.com.br

Compre um iMac, o Performa não permite aumentar a memória de vídeo. O 266 dá milhões de cores e vai custar um pouco mais que uma placa de upgrade, e você ainda vai poder usar seu Performa como drive de disquete (colocando nele uma plaquinha Ethernet, é claro).

Nomes longos

O Mac OS 8.1 tem limite de letras para nomes de arquivos? Não consegui colocar nomes de mais de 32 letras. Tem jeito?
Outra coisa: vocês sabem se é possível eu usar um modem ISDN instalado em meu PC para obter acesso à Internet do meu Mac? Eu ligaria os dois em rede (Ethernet?) e o PC seria uma espécie de servidor...

Evandro F. e Silva
vates@uol.com.br

Ninguém que usa Mac consegue usar mais de 31 caracteres para nomear arquivos. O único jeito é esperar pelo Mac OS X, que suportará nomes mais longos. Em relação à conexão compartilhada, você precisará instalar um software de gateway no PC. A Microsoft tem um, o MS Proxy.

Índice

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Gerência Comercial: *Francisco Zito*

Contato: *Kátia Regina Machado*

Gerência de Assinaturas: *Rodrigo Medeiros, fone/fax 11-253-0665*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Fotógrafos: *Andréx, Edilson G. de Oliveira, J.C.França, Hans Georg, Marcos Bianchi, Mario AV, Ricardo Teles, Tony de Marco*

Capa: *Mario AV*

Redator: *Márcio Nigro*

Revisora: *Danae Stephan*

Colaboradores: *Alberto Alerigi Jr., Ale Moraes, Bruno Mortara, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Celso Reeks, Cláudia Tenório, Daniel de Oliveira, David Drew Zingg, Dimitri Lee, Douglas Fernandes, Everton Barbosa, Fargas, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, João Velho, Luis Carlos Zardo, Luiz F. Dias, Marcello Gaú, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Rabelo Zouain, Roberto Conti, Rodrigo Martin, Silvia Richner, Tibo, Tom B, Viviane Rocha.*

Fotolitos: *Postscript*

Impressão: *Copy Service Ind. Gráfica*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. – Rua Teodoro da Silva, 577 – CEP 20560-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone (021) 575-7766*

Find...

Macmania *é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua Itatins, 95 – Aclimação CEP 01533-040 – São Paulo/SP Fone/fax: 11-253-0665*

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

O Mac na mídia

Chique até a medula, o cartaz do Concurso de Criação da Bacardi tem um mouse gigante de Mac comum, mas promete dois iMacs entre os prêmios. A loiraça não deixa dúvidas: vem que tem! No happy hour, a mão que segura o copo é a mesma que segura o mouse. Parece que o Jobs conseguiu o que queria: Apple está na moda.

De olho nos jovens, que são modernos, que são bonitos, que são descolados, a Yopa está dando o que eles querem: tatuagens e 30 iMacs de prêmio!!! Na mosca!! É delicioso ir na padaria da esquina e ver uma promoção dessas.

Tony de Marco

ATM no Mac OS 9

Possuo um iMac 233 com 96 MB de memória RAM e com o System 8.5. Trabalho com artes gráficas e uso o ATM Deluxe 4.0 para gerenciar minhas fontes. Instalei o System 9.0 em cima do 8.5 e este usa 34 MB da minha máquina – está certa essa quantidade de memória que ele usa? O ATM Deluxe 4.0 não funciona, trava o computador, como vou gerenciar minhas fontes? Para que servem o painel de controle e a extensão FontSync? Atualmente, coloquei todas minhas fontes dentro da pasta "Fonts" no System Folder, mas não gosto muito, parece que sobrecarrega o sistema. Por favor, me dêem um HELP!

Wagner M. Costa
direct@dglnet.com.br

A Adobe (www.adobe.com) tem um update do ATM (4.5.2) em seu site para permitir que ele funcione com o Mac OS 9. Da próxima vez que for fazer um upgrade de sistema recém-lançado, espere a chegada da Macmania. Você vai economizar muita dor de cabeça.

Mac vs. PC

Ao ler a carta do tal Duetec e a matéria Mac x PC, fiquei inspirado para escrever este emêio. São dúvidas sobre o mundo PC que há muito tempo estão incubadas em minha cachola. É claro que não consegui escrever todas as dúvidas e nem quero respostas, pois sei que nem o Bill Gates conseguiria me convencer.

1) Por que, às vezes, aparecem misteriosos quadradinhos coloridos nas imagens do Photoshop?
2) Por que, às vezes, as porcentagens das cores das imagens misteriosamente se alteram, como se tivessem sido convertidas de CMYK para RGB e novamente para CMYK ou vice-versa?
3) Por que quando aquele sistema que começa com W trava, os arquivos que estavam abertos misteriosamente nunca mais abrem?
4) Por que aquele tal sistema trava?
5) Por que eles precisam encontrar e deletar arquivos temporários periodicamente?
6) Por que eles precisam fazer um Defrag e passar o Scan Disk periodicamente?
7) Por que fazer um Defrag e passar o Scan Disk periodicamente não adianta nada?
8) Por que eles precisam ficar fazendo becape para ter seus arquivos a salvo?
9) Por que eles precisam "tentar" configurar o autoexec.bat e o config.sys?
10) Por que não adianta de nada gastar tempo e neurônios tentando configurar o autoexec.bat e o config.sys?
11) Por que os arquivos precisam de extensões de três caracteres?
12) Por que, às vezes, quando se ejeta uma mídia, aparece uma tela azul horrorosa dizendo pra botar o dito cujo de volta?
13) Por que os mouses têm dois ou mais botões?
14) Por que a Microsoft tem medo da concorrência?
15) Por que não é possível fazer um drag & drop para instalar um programa e simplesmente jogar na lixeira para desinstalar?
16) Como o tal Duetec conseguiu fazer uma rede de PCs funcionar como um relógio? Ele poderia ganhar muito dinheiro escrevendo um livro.

Evandro/Alessandro
opht@truenet.com.br

Por que fazer essas perguntas numa revista de Macintosh?

Achei a resposta da revista inadequada para os comentários do Duetec, pois, se não ler as páginas 20 a 32 da edição 65 da revista, aí sim, dificilmente ele retornará algum dia à plataforma Mac. Creio que a missão da revista, entre outras, deve ser a de estimular novos usuários Mac. Os comentários do Duetec têm algum bom senso e algumas bobagens que merecem ser contestadas. Os usuários Mac não têm dor de cotovelo de nada, pois invejar o quê? O que existe de bom, o usuário Mac também usa. As empresas mais prestigiadas e respeitadas do mercado sempre têm programas para Mac, tais como Adobe, Corel, Symantec, a própria Microsoft. Todo mundo sabe: quando não temos um programa para Mac, temos a chance de usar o emulador. Aliás, em muitos anos de Mac, ainda não precisei de um emulador, pois a minha solução é comprar programas da Beyond.com e outras que atendem internacionalmente. Vê-se claramente que o espírito comunitário, a fidelidade ao Mac e, o mais importante, o menor percentual de pirataria são sem dúvida qualidades da minoria que pensa diferente! Outra comparação que precisa ser melhor analisada é sobre a rede de Mac que o Duetec teve no passado, pois a mesma tem que ser comparada com as redes PC também do passado. Se o próprio Exército americano analisou e passou a usar rede Mac, é sinal que funciona também como um relógio... Tenho certeza, com muito mais de 15 computadores. Quanto à menção sobre os "trocados" recebidos da Microsoft, não é verdade, foram mais de cem milhões de dólares que parecem ter sido decisivos para a continuidade da Apple. Acredito piamente

que Bill Gates deve ter sido um usuário Mac, e que isso seja um dos prováveis motivos que o ajudou a tomar a decisão de fazer a parceria com a Apple, que hoje já está tendo lucro com essas ações. Uma pena que a Microsoft não seja tão sensível em fazer mais lançamentos para Mac, como a Enciclopédia Encarta e alguns outros, apesar de ter o Explorer e o Outlook. Tem também o site Mactopia, que está indo muito bem. Aliás, faço um apelo ao Duetec que experimente as máquinas atuais e, quem sabe, voltará a ser um dos nossos.

Jose Tadeu de Assis – Cuiabá (MT)
jdeassis@netscape.net

A respeito da matéria do último número, acho que vocês esqueceram uma questão fundamental: o idioma. Tristemente, acho que nós, macmaníacos, fazemos questão de pertencer a uma elite que não se interessa por espalhar essa maravilha de OS pelo país, já que nunca vi nenhuma cobrança, abaixo assinado ou qualquer outra iniciativa para ter, no mínimo, o Mac OS e o AppleWorks traduzidos ao português (e olha que eu sou argentino!). A versão do Mac OS em português é uma m...! Cheia de bugs, incompatível com programas de DTP e, pior, pessimamente traduzida. Para piorar ainda mais as coisas, o AppleWorks que vem com o iMac é em inglês, deixando para trás os usuários de primeira vez. Não temos nenhum dicionário digno para ser utilizado com processadores de texto (quanta falta me faz!), nem falar de programas como o Word, o Photoshop ou o Illustrator, que têm versões em português para o Windows e não para o Mac. Acho que deveríamos parar com essa rivalidade tola, e lutar pela verdadeira popularização da plataforma no Brasil. A oportunidade da Apple aqui é imensa, já que somente uma parcela mínima da população tem acesso a um computador. Também acho uma tremenda desvantagem os preços ridiculamente caros para todo tipo de periféricos (as impressoras Epson que combinam com o iMac custam quase o dobro das beges, sendo que nos USA, essa diferença não existe) e, por favor, parem de usar como referência os preços anunciados nos Estados Unidos. Por favor, publiquem mais matérias ensinando a fazer coisas no Mac, que sempre são uma mão na roda para todos, pokaprátikas ou profiças, e muitíssimo obrigado pelo teclado em português (apesar de já estar acostumado com o Option-E). Uso o Mac desde os tempos do MultiFinder, espero continuar usando o meu Mac por muitos anos mais.

Alejandro Alvaro
mail@alejandroalvaro.com

Com certeza, a falta de programas em português é um dos grandes empecilhos à difusão da plataforma. Mas eles dependem da tal massa crítica citada pelo romântico MJ Passos no Ombudsmac desta edição.

O melhor da MacHack!

Li a matéria na Macmania nº 65 sobre os programas que são elaborados na MacHack. Nessa matéria, Douglas Fernandes indica o site da MacHack (www.machack.com) para que possamos procurar os programas citados na referida matéria. Porém, estive nesse site, vasculhei o que pude e não encontrei os links para os programas. Me interessei muito pelo Unfinder, que, particularmente, acho que já deveria vir com o Mac OS. Agradeceria se vocês pudessem informar os sites desses programas ou, pelo menos, indicar aonde no site da MacHack podemos baixá-los.

Karlo Murillo Honotório
Joinville (SC)
exit@joinville.net

O site é esse mesmo. Você só precisa clicar onde está escrito "Archives" no lado esquerdo, nos links dos programas de 1999 identificados como "1999 Hacks" ou nos de 1998 como "1998 Hacks". A intenção, ao dar o link do MacHack, era fazer nossos leitores irem ao site e saber mais sobre um dos melhores e menos ortodoxos eventos existentes no mundo Mac. Quem sabe um dia não aparece algo assim por aqui?

Boot com o Zip

Possuo um iMac, meu primeiro computador Macintosh, e estou com umas pequenas dúvidas. Sou um pokaprátika confesso e gostaria, se possível, da ajuda de vocês para poder solucioná-las:
1) Como faço para que o iMac inicialize pelo Zip USB? Já instalei no cartucho um *core* System Folder e o Norton Utilities. No Startup Disk, selecionei-o e restartei a máquina. Não funcionou. Tentei ainda fazer o restart segurando as teclas Maçã, Option, Shift, Delete e também não funcionou.
2) Para instalar os programas que vêm em CDs, recomenda-se que se inicialize com as extensões desligadas. Só que quando faço isso, não aparece o ícone do CD e eu fico impossibilitado de abrir o instalador. Para contornar a situação, criei um set no Extensions Manager habilitando apenas as extensões multimídia. Há outra saída? Pois, desse jeito dá certo, mas o Mac não está com as extensões desligadas.

Juliano C. Beraldo
jberaldo@nw.com.br

1) Não tem como. Pelo menos até sair um Firmware que permita o boot por drives USB.
2) Com o set Mac OS All, seu Mac já está seguro para instalações. O maior problema que ocorre é quando programas são instalados com antivírus ou programas que checam o HD em funcionamento.

Pau no PAL-M

Nas ProNotas da revista 66, vocês dizem que o sistema PAL é padrão no Brasil. Existe uma grande diferença entre o PAL-M brasileiro e o PAL europeu. Digamos que o nosso sistema seja um desejo banal de políticos que não entendem nada de televisão e quiseram ser únicos em alguma coisa no mundo.É mais fácil achar caixinhas *NTSC to PAL-M* do que *PAL to PAL-M*, sem contar as televisões brasileiras mais modernas que já "entendem" NTSC, Então ajudem os iniciantes (como vocês fazem muito bem) a não procurarem o PAL para fazerem seus vídeos caseiros ou semi-profissionais.

Marcelo Porto
mrporto@uol.com.br

Você tem toda a razão. Mas diz a lenda que o sistema PAL-M foi escolhido nos idos da ditadura militar por uma "questão de segurança", seja lá o que eles quisessem dizer com isso. Agora só nos resta torcer para a TV digital chegar logo e acabar com essa história.

Bomba do leitor

Sorry, but an error occurred while loading a sound resource. I'd love to give you an error code but it won't help you.

Quit

Pau conseguido com o auxílio do tocador de MP3 Audion. Impressionante como esses programadores têm bom humor.

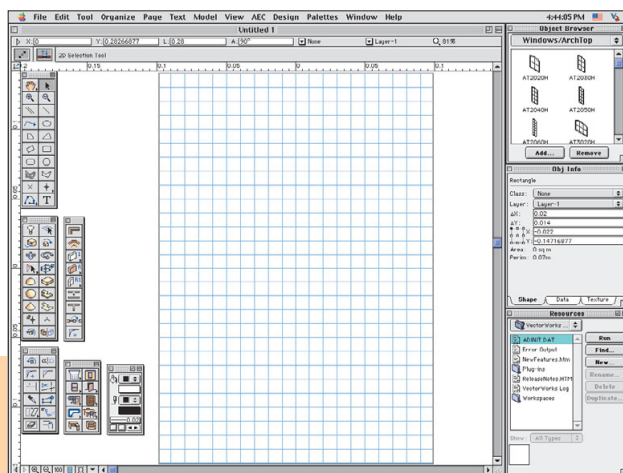
André Parazzoli
af5com@matrix.com.br

O céu é o limite!

Ações da Apple sobem ainda mais com anúncio de upgrade nos G4 mais baratos e novo monitor LCD

A festa continua. As ações da **Apple** passaram dos US$ 110 no início de dezembro, e não dão sinais de queda a médio prazo. Elas foram impulsionadas pela notícia de que a Apple decidiu transformar o Power Mac G4 de 350 MHz em um G4 de verdade, substituindo a motherboard Yikes! (que não passava de uma placa de G3 adaptada) por uma Sawtooth, a mesma dos G4 topo de linha. A notícia foi encarada pelo mercado como uma resposta aos que achavam que a Apple ainda sofria com problemas de falta de suprimentos. Com a nova placa, os modelos de 350 MHz deverão ter um ganho expressivo de velocidade. E o melhor: o preço continua o mesmo. Essa notícia dá sentido à decisão da Apple Brasil de não importar os G4 de 350 MHz (até o momento só estão à venda no país os modelos de 400 e 450 MHz). Ainda não há uma definição sobre o preço dos G4 de 350 MHz no Brasil.

Chega ao Brasil nova versão do VectorWorks

A Diehl Graphsoft lançou a nova versão 8.5 do **MiniCAD VectorWorks**. Além de corrigir alguns problemas da versão 8.01, a nova versão traz diversos novos recursos, como um render mais rápido e interativo e o suporte a QuickTime 4, permitindo assim a compatibilidade com mais formatos de imagens (TGA, SGI, PNG etc.).
A nova versão traz a paleta Object Browser (Gerenciador de Objetos), que permite ao usuário navegar visualmente pelos símbolos da biblioteca, possibilitando escolher um rapidamente, mesmo em grandes bibliotecas.
A Diehl Graphsoft e a CAD Technology, distribuidora exclusiva do VectorWorks para o Brasil, estarão disponibilizando o update para a versão 8.5 gratuitamente para os usuários de VectorWorks registrados no país. A essa altura, a CAD Technology já deverá ter lançado a versão em português do VectorWorks 8.5.
CAD Technology: 11-829-8257
www.cadtec.com

VectorWorks agora suporta o QuickTime 4

Adobe brasileira promove seminários gratuitos

Evento acontece toda sexta-feira e já aborda o InDesign

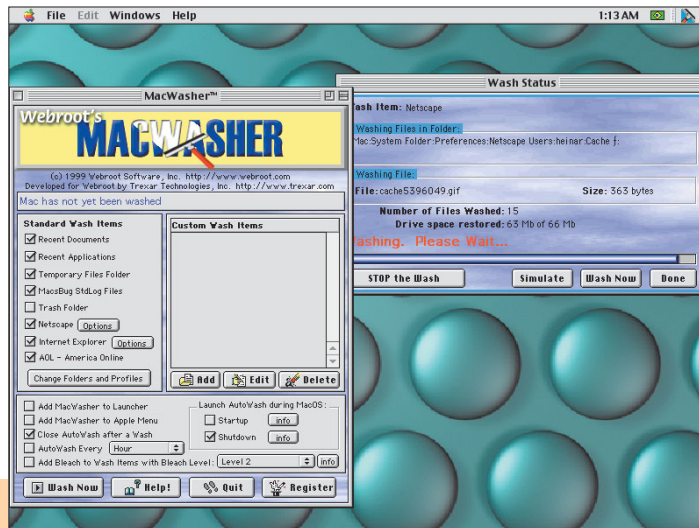
A **Adobe Systems Brasil** está promovendo, todas as sextas-feiras, das 14 às 17h, seminários gratuitos para demonstrar seus produtos e tecnologias. Destaque especial vai para o seminário "InDesign: o futuro da editoração profissional", tema que, com certeza, vai atrair a atenção de quem trabalha com ou quer conhecer melhor o novo programa de editoração da Adobe.
Os seminários gratuitos estão distribuídos em cinco temas:

- **Ferramentas para sites de última geração** - Apresentação do GoLive
- **PDF** - Comunicação sem limites com o Acrobat
- **InDesign** - O futuro da editoração profissional
- **Produtividade na criação gráfica** - Soluções completas para realização de qualquer tarefa na área de comunicação impressa ou na Web
- **Soluções de vídeo** - Edição de vídeo e criação de efeitos especiais com o Premiere, AfterEffects e Photoshop

Os interessados em participar dos seminários devem fazer sua inscrição pelo telefone 11-881-9939, ramal 101, pelo fax 11-280-7548 ou pelo email mktbr@adobe.com.

Não deixe rastros

MacWasher apaga os sinais de sua passagem por um Mac

O **MacWasher**, com esse nome sugestivo, serve para limpar o histórico do seu Macintosh. Várias pessoas não se ligam que o Mac OS, browsers e outros programas guardam informações sobre o que elas têm feito com o Mac, ou por onde navegam na Internet.
Qualquer um com acesso ao computador local pode ver as atividades do usuário anterior, o que compromete a privacidade do usuário. E mais, muito dessa informação pode ocupar espaço valioso no seu disco, e recuperar esse espaço gasto pode melhorar a performance da máquina.
Remover manualmente essas informações desnecessárias pode ser uma coisa tediosa. Se você quer manter sua privacidade e salvar espaço no disco rígido, o MacWasher automatiza esse processo para você. A função Auto Wash rodará automaticamente em background e vai limpar quaisquer "resíduos" que você queira.
Para os mais cautelosos, o MacWasher tem uma simulação, assim ele dá uma "lavada" no seu Mac sem apagar nada na verdade. Essa função permite que os usuários testem suas configurações antes de procederem com a limpeza.
A função "bleach" (ou "alvejante"), que apaga os arquivos de vez, coisa que nem reza braba, Unerase ou Undelete salva.
MacWasher: www.webroot.com

Lave seus resíduos cibernéticos

Formatador FireWire

A El Gato Software lançou o **FireWire Disk Control 1.01** (US$ 39,95), o primeiro pacote de formatação universal de discos FireWire para Mac OS. O Disk Control é projetado para trabalhar com uma grande variedade de HDs FireWire e dispositivos de mídia removíveis, como drives magneto-ópticos, Zip e ORB.
O Disk Control vem junto com vários produtos de armazenamento FireWire, como os HDs da VST, Indigita e EZQuest. Agora ele pode também ser comprado pelo site da El Gato. O Disk Control é também o único pacote de formatação que suporta os discos FireWire fabricados pela "finada" Mactell.
O software tem um driver de alta performance que suporta várias partições, proteção por senha, encriptação e suporte completo para os formatos de arquivos de sistema HFS, HFS+, UDF e DOS. Com uma interface elegante, o pacote da El Gato oferece a instalação automática do driver e teste de benchmark.
El Gato: www.elgato.com

Apple na mira dos japoneses

Não é só a Microsoft que está sendo acusada de práticas monopolistas. Agora, é a Apple que está tendo problemas, só que no Japão. Autoridades desse país realizaram, na última terça-feira, uma inspeção na sede da Apple Japan motivadas pela suspeita de que a empresa esteja violando as leis antitruste locais. A Apple ainda não se pronunciou a respeito, mas consta que o fato está relacionado aos preços fixados para o iMac, e o iBook.
Segundo as reportagens, a comissão japonesa suspeita que a subsidiária impeça suas revendas de vender Macs abaixo dos preços mínimos estipulados para o varejo sob a ameaça de suspender as entregas. Essa prática faz parte da política da Apple em vários países, inclusive no Brasil.
O Mac tornou-se bastante popular no Japão, desde que foi introduzido em 1988. O País também é estratégico para a Apple, que possui cerca de 7% do mercado japonês de PCs, enquanto no resto do mundo a média é de 4%.

ShareWay IP ganha nova versão

A Open Door Networks lançou updates para o ShareWay IP: **ShareWay IP Pro**, **DoorStop Server** e uma nova versão beta do **DoorStop Personal Edition**, adicionando compatibilidade com o Mac OS 9. O utilitário de compartilhamento de arquivos via Internet **ShareWay IP 3.0** (US$ 80) inclui novos recursos de segurança, ajuda online, informação sobre os usuários conectados, número de porta TCP configurável e log de conexão.
Já o **ShareWay IP Pro 2.0.1** (US$ 479) acrescenta arquivos log compatíveis com WebSTAR, *SLP proxying* e ainda suporte a Network Browser, Navigation Services e Apple Help.
A versão beta do DoorStop Personal Edition 1.0b8 implementa suporte para o recurso de Program Linking através do TCP/IP do Mac OS 9, possui novos controles avançados para proteger qualquer serviço TCP/IP e traz logs de conexão.
Por fim, o DoorStop Server Edition 1.0.2 inclui apenas compatibilidade com Mac OS 9.
Outras informações podem ser obtidas no site da Open Door.
Open Door: www2.opendoor.com

Cuidado com o Nine 11

A Akua Interactive lançou um patch para o Mac OS 9, chamado do **Nine 11** que impede que o novo sistema da Apple bloqueie alguns programas incompatíveis, gerando erros tipo 119. Para aumentar o numero de arquivos que podem ser abertos simultaneamente no Mac OS 9, a Apple teve que mudar a tabela de FCB *(file control block)* que o sistema usa para rastrear os arquivos abertos. Devido a isso, programas que acessam diretamente o FCB (como o ATM em versões anteriores à 4.5.2) não funcionam no Mac OS 9. O patch da AKUA elimina o erro tipo 119, mas seu uso pode corromper dados em seu disco; portanto, é melhor não utilizá-lo.
AKUA Interactive: www.akua.com

Agfa e MacMouse montam bureau VIP

Espaço é destinado às mais novas tendências em web design, multimídia, prepress, áudio e vídeo digital e arquitetura

Ricardo Teles

Um bureau que pode ser visto funcionando pela vitrine em uma avenida de São Paulo. Inaugurado no início de dezembro, o **Centro de Tecnologia Digital**, investimento da Agfa e da MacMouse, revenda de produtos Apple, tem o objetivo de mostrar ao público as mais recentes novidades no mundo Mac. “Aqui, as empresas poderão conhecer os computadores, experimentá-los, ver se é isso mesmo o que precisam”, diz Márcia Pantaleão, diretora da MacMouse.

Segundo Márcia, o CTD vai servir como showroom tecnológico, mas também vai funcionar como um bureau. Funcionários ficarão à disposição para demonstrar computadores, scanners, plotters e fotocompositoras. “Nosso público é, essencialmente, profissionais de design, desktop publishing, arquitetura, áudio e vídeo”, diz Márcia.

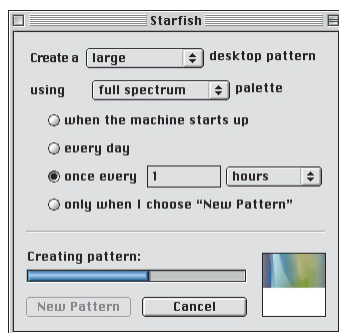
A Agfa investirá, ao longo de dois anos, US$ 500 mil no Centro, que terá em exposição o que há de mais avançado em excelência gráfica e atendimento personalizado, com a presença constante de consultores Agfa para orientar os clientes.

Além de prestar serviços de fotolito, o CTD irá alugar ilhas baseadas em Power Macs G3 para edição de vídeo. Em breve, será montado no local um estúdio fotográfico, que poderá ser alugado por profissionais que trabalhem com foto digital.

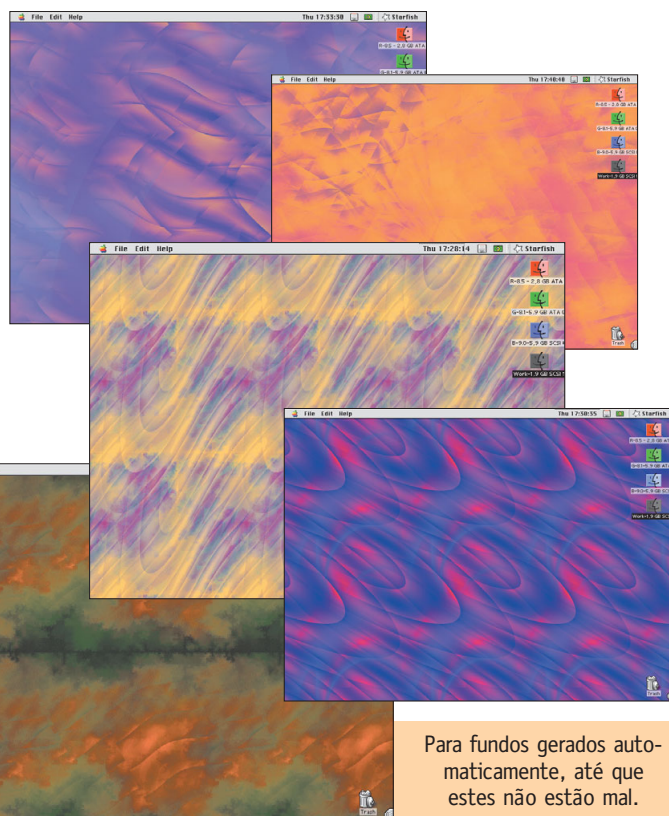
O Centro de Tecnologia Digital fica na esquina da rua Estados Unidos com 9 de Julho, em São Paulo. O telefone é 11-884-7799.

Fundo de telas que vêm do nada

O **Starfish 1.3** é um daqueles programinhas que servem para quebrar a monotonia visual de seu Mac. Ele gera padrões de fundo de tela aleatórios para o seu desktop, utilizando diferentes tamanhos e cores. O programa é muito simples, formado por uma janela de preferências onde você escolhe o tamanho do *pattern* (padrão), que pode ser até do tamanho da tela, e o tipo de paleta de cores. Você ainda pode botar tudo isso no modo aleatório e deixar que o software faça uma surpresa.

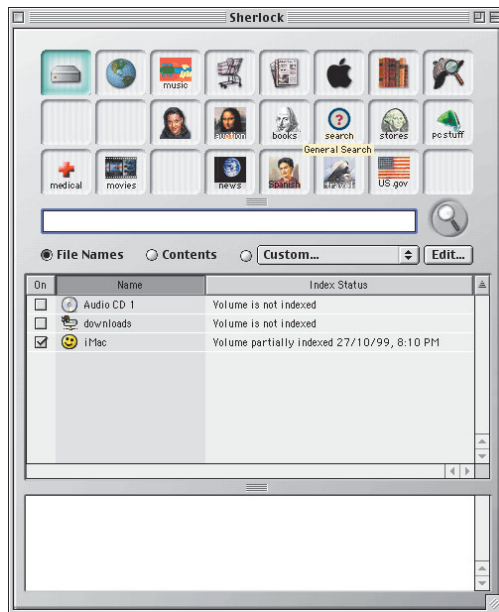
Além disso, é possível definir a periodicidade com que o seu fundo de tela será atualizado — diariamente, só quando for requisitado, a cada startup ou até mesmo a cada minuto. O lado ruim é que para fazer a atualização periódica o programa tem que estar aberto, ocupando cerca de 3 MB de memória RAM. Para isso, o ideal é colocar o programa na pasta

Startup Item a fim de que seja lançado logo após o startup.

De resto, o processo é muito fácil e a rapidez da geração do fundo de tela varia de acordo com o tamanho do padrão e, é claro, de acordo com a capacidade de processamento de sua máquina. O melhor é que o programa é freeware, podendo ser baixado do site da RedPlanet. Não custa nada experimentar.

RedPlanet:
www.redplanet.com/starfish

Para fundos gerados automaticamente, até que estes não estão mal.

Mude a cara do Sherlock

Programinha tira interface "fora do padrão" do programa de busca do Mac OS 9

Não gostou da cara nova do Sherlock? Isso não é mais motivo para não usá-lo. Um programador chamado Raul Gutierrez colocou em seu site um patch (remendo) que faz o Sherlock voltar a ter a interface original do Macintosh, com direito a poder minimizar as janelas com um duplo clique na barra de título e tudo mais.

O **Winfix** (péssimo nome, abreviação de Windows Fix) foi baixado por 40 mil usuários em apenas um mês, muitos estão descontentes com a nova interface, inaugurada com o QuickTime 4 e depois utilizada no Sherlock e no iMovie (programa de edição de vídeo que vem junto com os novos iMacs DV).

Com o Winfix, a interface de aço escovado desaparece, voltam os botões da barra de título, mas as gavetas de favoritos continuam. Gutierrez inclusive colocou em seu site um set especial de plug-ins e canais que dão uma incrementada no Sherlock, além de ícones, padrões de desktop e coisas do gênero.

Winfix:
www.teamdraw.com/raul/stuff/stuff2.3.html

Diga não ao aço escovado

Gravador de CD três em um

Novo drive une CD-R, CD-RW e DVD-ROM em um só produto

A Ricoh acaba de anunciar o seu novo drive que combina CD-R, CD-RW e DVD-ROM. Batizado de **MediaMaster MP9060A**, o novo produto é ideal para quem quer gravar e regravar CDs e ler discos de DVD-ROM. Ele é 6x4x24. o que significa que ele grava CD-R em 6x, CD-RW em 4x e lê CDs a 24x.

Além disso, lê discos de DVD-ROM a 4x. Perfeito mesmo, só se ele fosse um DVD-RAM também. O novo drive sai nos EUA ao preço de US$ 399 e vêm com vários softwares queimadores de CD incluídos. Segundo a Ricoh, o produto deverá estar nas ruas em janeiro.

TechTool Pro compatível com o OS 9

O utilitário de reparo **TechTool Pro** foi atualizado para a versão 2.5.2 e agora suporta o Mac OS 9. Além disso, foram incluídos os novos recursos Rebuild Volume, CheckDrive e Technical Comparison. O programa também oferece compatibilidade com os novos modelos de Mac e inclui novas rotinas de reparo.

Essa atualização do TechTool Pro aparenta ser bem mais rápida na hora da checagem de discos e no becape das informações de diretórios. A interface permanece a mesma e deve continuar assim até a versão 3. A única coisa que mudou no novo TechTool é o fato de você ter que iniciar o computador de outro disco para otimizar o seu HD (a cópia do programa também não pode estar no mesmo disco que está sendo otimizado). Isso não acontecia na versão anterior e pode ser um inconveniente. De qualquer maneira, é um update necessário mesmo para os usuários que não têm o Mac OS 9 instalado. A atualização pode ser baixada do site da Micromat.

Micromat: www.micromat.com

Update gratuito do Virtual PC

Quem comprou o programa no Brasil depois de 20 de junho tem direito à nova versão, pagando apenas o frete

A Passport, distribuidora do Virtual PC no Brasil, está oferecendo o upgrade quase gratuito do **Virtual PC 3.0** para os usuários que adquiriram o programa após o dia 20 de junho deste ano (comprovado pela nota fiscal) e que tenha sido importado pela Passport (um cartão de registro da Passport em português acompanha o produto). Tudo que o usuário tem que fazer é mandar por fax esses dois documentos, os dados para entrega (nome, endereço, cidade, UF, CEP, telefone, RG e CPF) e um recibo de depósito de R$ 45, referente ao frete internacional, custo de alfândega e frete aéreo até o endereço de entrega.
Outra boa novidade: a Passport em breve começará a distribuir as placas de upgrade da Sonnet Technologies para todo o território nacional. Com isso, os usuários brasileiros de Mac poderão contar com duas das principais marcas do mercado. Até agora, os únicos modelos distribuídos no Brasil (também pela Passport) eram os da Newer Technologies.
A notícia vem em boa hora, já que a Sonnet está disponibilizando para seus distribuidores a nova linha Crescendo de placas de upgrade G4 de 350 MHz e 400 MHz para Macs PCI, incluindo o software AltiVec Enabling e completa compatibilidade com o Velocity Engine do Mac OS 9. Elas são compatíveis com Macs 7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600, Workgroup Servers 7350, 8550, 9650 e clones do gênero. Os preços no Brasil ainda não foram definidos.

O Windows é um sistema muito fácil de usar, principalmente quando está dentro de um Macintosh

Passport: www.passportnet.com.br
Sonnet Technologies: www.sonnettech.com

Largue o mouse e pegue o taco

Se você se é daqueles que não joga sinuca ou bilhar de computador porque sente falta do taco para controlar o jogo, talvez queira conferir o **Real Feel PoolShark**, o primeiro e único periférico que substitui o mouse por um taco de verdade. O produto, que acaba de ganhar uma versão para Mac, permite que o usuário use seu próprio taco em cima de uma plataforma em forma de "U", montada sobre um controlador do tamanho de um mouse, possibilitando que o jogador defina a rotação da mesa, pontaria e ângulo de cada lance. O PoolShark utiliza o padrão USB e é compatível com todos os principais programas de sinuca virtual.

MiaComet: www.miacomet.com

Não tente usar o taco para bater na bola que está na tela

Apple quer adquirir empresa de chips 3D

Ao que parece, a Apple está perto de fechar um acordo para a aquisição da fabricante de processadores gráficos integrados **Raycer**, que compete no mercado de chips 3D de alta performance. O motivo da aquisição não está completamente claro, mas o fato certamente parte do plano da Apple de trazer processadores e chipsets integrados para o seus produtos. O chips integrados não oferecem a mesma performance de chips separados, mas são mais baratos. Outra provável razão para a aquisição pode ser a incorporação do portfólio de patentes e do time de projetistas da Raycer.
Mas nada disso é certo. Os analistas dizem que, se a Apple quisesse entrar no mercado de chipsets e processadores integrados, seria bem mais fácil licenciar tecnologia ou co-desenvolver produtos com a sua parceira gráfica, a ATI Technologies, que fornece todos os chips 3D dos Macs. Não é provável que a Apple tenha alguma intenção de usar os chips 3D integrados que viriam da aquisição. Mais razoável é presumir que a Raycer, sua equipe e o portfólio de patentes vão ser usados em um futuro produto Apple, que poderia ser desde um console de jogos até um organizador pessoal tipo PalmPilot, o que seria um boa idéia. O negócio é esperar e ver no que vai dar.

iBook é o número 1

Vendas altas dobram participação da Apple

Apesar do temor de falta de estoque, o iBook já ganhou sua primeira briga. No mês de outubro, ele foi o notebook mais vendido nos EUA, de acordo com a empresa de pesquisa PC Data. Com isso, a participação da Apple no mercado americano de computadores portáteis saltou de 6,5% para 11%. A Apple ainda está longe de bater a Compaq (26%) e a Toshiba (27,5%), os peso-pesados no mercado de laptops, mas garantiu um honroso quinto lugar. A empresa garante que superou seus problemas de estoque, causados por um terremoto em Taiwan. A expectativa é que, com a passagem do Natal, as vendas subam ainda mais.

TransBurti Network abre seus braços

Rede de 2 megabits agora é voltada para qualquer empresa da área de comunicação

Há cerca de quatro de anos, a Burti, uma das maiores gráficas da América Latina, criou a **TransBurti**, uma rede de comunicação que inclui as maiores agências de publicidade de São Paulo, com a finalidade de possibilitar a troca de informações e de arquivos de modo rápido, tudo eletronicamente. A idéia deu tão certo que agora o conceito da TransBurti está sendo ampliado, graças à utilização da tecnologia de fibra óptica, e já não é mais necessário ser uma agência de publicidade ou ser cliente da Burti. A TransBurti Network (TBN), como é conhecida agora, é fruto de uma parceria da Burti com a Impex Comunicação Integrada e passa a ser aberta a qualquer empresa da área de comunicação que esteja interessada em entrar nessa rede digital de negócios. A idéia é conectar, em tempo real, agências, fornecedores e veículos através de uma conexão de fibra óptica com velocidade de 2 megabits por segundo, oferecendo comunicação através de imagem, vídeo, voz e dados em qualquer formato. Os usuários terão também acesso a uma agenda interativa, na qual todos os profissionais que participam da TBN vão estar cadastrados, além de poder contar com recursos de validação eletrônica de mensagens, o que permitirá fechar negócios através da rede. O cliente da TBN também contará com uma tecnologia que possibilita criar arquivos auto-contidos, ou seja, a pessoa poderá abrir o documento mesmo que não tenha o programa que o criou.

Na lista de fornecedores que já se encontram na TBN estão a Stock Photos, com seu catálogo de 110 mil cromos digitalizados; o Catálogo Digital de Imagens da Casa do Vaticano, com mais 60 mil imagens; a Omni Music, que conta com 188 CDs com trilhas brancas; o Extreme Register, um banco de dados com propagandas de todo mundo; além, é claro, do serviço de recepção de fotolitos da Burti. Outro detalhe importante é o fato de as 30 maiores agências de publicidade já estarem cadastradas na TBN, o que não é algo que dá para ser ignorado.

E o melhor dessa história é o preço: R$ 499 mensais mais o ICMS local (em São Paulo, isso dá uns R$ 600). Para se ter uma idéia do que isso significa, a assinatura mensal de um link de 2 MB baseado em fibra óptica custa cerca de R$ 5 mil. Isso é possível graças ao acordo com a Netstream, que é quem garante a infra-estrutura e ainda pode vender separadamente o serviço de acesso à Internet, que não faz parte do pacote da TBN, pelo menos por enquanto.

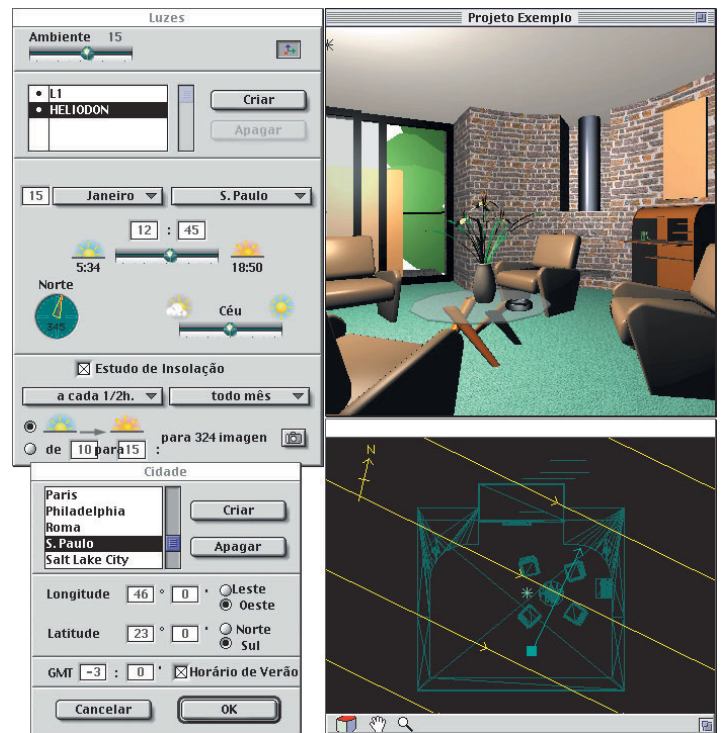
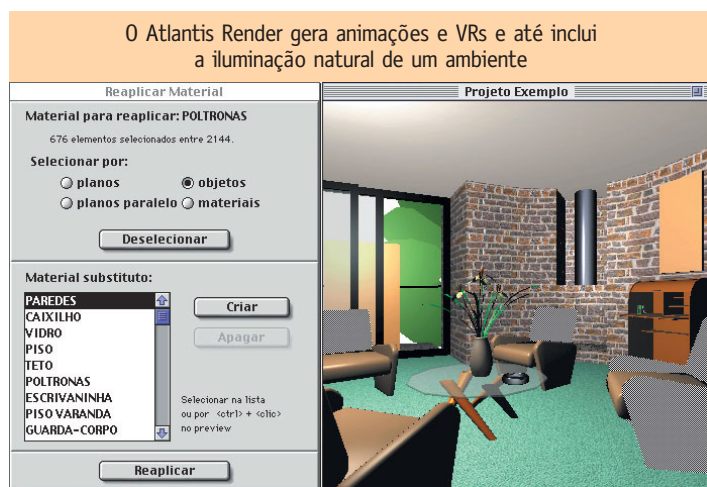
O serviço deverá estar disponível em março de 2000, primeiramente para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, seguindo depois para Campinas, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador e Brasília. Futuramente, a idéia é cobrir todo o território nacional. De qualquer modo, os interessados já podem se cadastrar no site da TBN ou então ligar para a Impex, no telefone 11-5506-4664, para obter mais informações.

TBN: www.tbn.com.br

Renderizando projetos

Artlantis Render 3.5 traz recursos avançados

O software francês de render para arquitetura e design **Artlantis Render** acaba de chegar a versão, a 3.5. Ele inclui recursos avançados, como o Heliodon, para realização de estudos (inclusive animados) da iluminação do Sol sobre o projeto beseando-se na localização geográfica do projeto, assim como na data e horário. Também oferece o Reapply Material, para criar e editar materiais sem sair do Artlantis, além de separar e replicar materiais separando-os por plano, material ou objeto. O programa traz compatibilidade com QuickTime 3 e 4, permitindo gerar animações e VRs nas plataformas Mac e PC, e fila de renderização, para calcular imagens e animações de seus projetos enquanto você faz outra coisa. A versão 3.5 também apresenta novos formatos de compatibilidade em importação e exportação, como o DWG R14, que permite a importação direta (via DWG) de projetos gerados no AutoCad. O software pode ser encontrado na CAD Technology.
CAD Technology: 11-829-8257
www.cadtec.com

O Atlantis Render gera animações e VRs e até inclui a iluminação natural de um ambiente

3Dfx lança placas Voodoo4 e Voodoo5

A **3Dfx Interactive** tem favorecido os usuários de Mac na área de jogos 3D. A empresa lançou recentemente as versões beta (sem suporte) dos drivers para a linha de placa Voodoo3, reiterando assim seu compromisso com os usuários de Mac, feito firmado durante uma coletiva de imprensa no começo desse ano. Naquela época, a 3Dfx garantiu que a sua próxima geração de placas funcionaria com o Macintosh.
Dito e feito. O cenário escolhido para o lançamento foi a Comdex de Las Vegas, onde a 3Dfx mostrou sua nova tecnologia, o chipset VSA-100, que funciona com os drivers da 3Dfx para Macintosh.
Apelidado de Napalm, o VSA-100 é a peça central de duas séries de placas da 3Dfx – Voodoo4 e Voodoo5. O produto mantém a compatibilidade retroativa com o chipset Glide e também é o primeiro a apresentar suporte ao T-buffer, uma nova classe de tecnologia que a 3Dfx desenvolveu para efeitos especiais cinemáticos 3D no hardware. Foram mostradas cinco novas placas com chipset VSA-100 – duas baseadas em PCI e mais três baseadas na interface AGP, que agora ganha popularidade, com a introdução dos novos Power Macs G4. Os preços variam de US$ 179, para o modelo básico Voodoo4 4500, até US$ 599 para o topo da linha, a Voodoo5 6000.
3Dfx: www.3dfx.com

Microsoft conserta bug do Outlook 5.0

Um *patch* (remendo) para o **Outlook Express 5.0** saiu para consertar um furo de segurança recentemente encontrado no programa de email da Microsoft. O tal furo poderia permitir que os usuários do Outlook Express 5 para Mac fossem vítimas de um cavalo de Tróia (**Trojan horse**, uma espécie de vírus). Até o lançamento do patch, recomenda-se aos usuários que não abram arquivos desconhecidos que estejam na pasta de downloads do Outlook Express.
A falha de segurança não está relacionada com attachments usados no Outlook Express, já que tais arquivos são mantidos em um banco de dados até que o usuário os coloque manualmente em seu disco. O perigo está em mensagens em HTML, que podem ser escritas de forma que o programa as coloque também na pasta de downloads. Você pode encontrar mais informações sobre o uso do OE 5 no site Mactopia.
Mactopia:
www.microsoft.com/mac

Tudo o que você precisa para multiplicar o poder do seu Mac

Periféricos

por Márcio Nigro*
fotos Marcos Bianchi

Que os Macs são lindos e maravilhosos todo mundo sabe, mesmo que não admita. Mas ter um nem sempre é o bastante. Um Mac sozinho não é capaz, por exemplo, de imprimir um texto, tirar uma foto ou digitalizar uma imagem. Quase todo mundo precisa de uma impressora. A maioria não pode passar sem um modem. Aquele ali precisa de um scanner para sobreviver. O outro lá tem que ter um belo joystick para ir além dos seus limites nos jogos de computador. Um outro odiou o mouse do iMac e decidiu que vai comprar outro.

Enfim, existem mil razões para você querer comprar um periférico para seu Mac. Mas também podem aparecer mil dúvidas na hora de comprar um novo brinquedinho para sua máquina. A pergunta mais óbvia é, sempre: "Qual comprar?" Felizmente, com a recuperação da Apple, a vida dos macmaníacos nacionais vem melhorando. Cada vez mais, há novas opções de lojas e produtos. Isso é bom, pois estimula a concorrência e faz os preços baixarem, derrubando o mito de que tudo para Mac é caro ou simplesmente inacessível.

A adoção do padrão USB, por sua vez, provou ser uma das decisões mais acertadas já tomadas pela Apple. Com o USB, não importa mais se um periférico novo é "para Mac ou para PC": basta ter o driver apropriado (às vezes, nem isso), plugar e sair usando.

Mas nem por isso escolher o periférico adequado para você deixa de ser uma tarefa difícil. Este é um guia que procura dar uma idéia geral do que está disponível e por quanto.

USB é a salvação da lavoura

A questão da escolha dos periféricos não passa somente pela variadíssima gama de opções na atual geração de produtos. Desde a volta do venerado Steve Jobs à Apple, os Macs vêm mudando muito, deixando a maioria dos usuários extasiados, mas, de certa maneira, confusos em relação aos padrões de conectividade de periféricos. Quando os Macs bege dominavam, não havia dúvidas sobre como conectar as coisas na máquina. Modems, impressoras e afins se ligavam às portas seriais; teclado, mouse e tablets tinham seu espaço reservado no ADB; os demais dispositivos iam no conector SCSI.

Mas aí chegou o iMac, que aboliu tudo isso e incluiu como única opção as portas Universal Serial Bus (USB). Esse padrão havia sido criado há anos para os PCs, mas até então ninguém tinha ousado pôr essa tecnologia em um produto de massa. Jobs encarou o desafio e se deu bem. Hoje, toda a indústria já fala a língua do USB.

Melhor ainda: a velha história de que periféricos de PC e de Mac são coisas diferentes aos poucos está virando um conto da carochinha. De uma hora para outra, apareceram produtos que servem tanto em Macs quanto PCs, até mesmo quando não são criados para serem usados em Macs (o joystick Sidewinder da Microsoft é um caso exemplar). Graças ao USB, o mercado Mac passou de nicho elitista a terreno disputado.

Mas alguns problemas surgiram com a adoção radical do

USB. A primeira questão que surge é: "E aí, o que eu faço com meus periféricos antigos? Jogo fora ou o quê?"
Para solucionar isso, muitas empresas lançaram adaptadores de todo tipo para permitir usar periféricos ADB ou SCSI nos novos Macs.
Mas isso só resolveu parcialmente o impasse, uma vez que o segundo e maior problema do USB é a velocidade de comunicação. O padrão pode ser muito bom para modems, mouses, teclados, Zip Drives, SuperDisks, tablets e outros dispositivos que não dependem de altas taxas de transferência de dados. No entanto, o USB é muito mais lento que o SCSI e não é capaz de suportar as taxas de transferência que um HD, por exemplo, pode oferecer. Até existem discos rígidos USB, mas eles não são rápidos o suficiente para determinadas aplicações.

FireWire 4 Ever

É nesse ponto que entra o FireWire (IEEE 1394), uma interface criada pela Apple capaz de alcançar velocidades de até 400 megabits por segundo e que, por isso, ganhou rapidamente o mercado de vídeo digital, contando com o apoio decisivo da Sony, que rebatizou a tecnologia de i.Link. Ele é totalmente plug and play, permite o uso de cabos mais longos que outros tipos de conexão e dispensa o hub.
O FireWire estreou oficialmente em uma máquina da Apple com o lançamento do G3 azul, há cerca de um ano, e hoje todos os Macs (exceto o iBook) já contam com ela. A intenção é substituir o conector SCSI, que não foi incluído em mais nenhuma máquina da Apple desde então. Porém, na época em que foi introduzido o FireWire, quase não existiam periféricos compatíveis. Só agora começaram a surgir dispositivos feitos especificamente para o Mac, como HDs, scanners, dri-

Impresso

As impressoras são, sem sombra de dúvida, os periféricos mais requisitados pelos usuários. Existe uma boa variedade de impressoras compatíveis disponíveis para Mac.
A novidade é que, com a adoção do USB, vários modelos que teoricamente são voltados apenas para PC podem ser plugados no Mac, com ou sem o auxílio de adaptadores.
As impressoras evoluíram tremendamente em qualidade de impressão; mesmo os modelos mais baratos podem oferecer resultados quase fotográficos numa folha de papel sulfite. Além disso, os modelos mais simples podem ser encontrados a preços convidativos, começando a partir de uns R$ 400. Mas é claro que o custo é relacionado às características que você procura. As impressoras jato de tinta, por exemplo, têm a fama de serem mais baratas que as laser. Isso não é necessariamente verdade. Muitas jato de tinta são voltadas para o usuário profissional e podem custar mais do que uma boa impressora laser.

Epson Stylus Color 740i

Jato de tinta

Epson

Quem curte o visual do iMac e quer uma impressora USB pode dar uma checada na **Stylus Color 740i** (R$ 999), com resolução de 1400 dpi. Ela é distribuída somente no "sabor" blueberry (azul), devido à popularidade dessa cor no iMac. Caso você queira trocar de cor, basta tirar a tampa da impressora e substituí-la por outra, uma vez que a parte de baixo é toda incolor, mas para isso é preciso encomendar a nova carcaça.
Além de USB, a Epson 740i também tem porta serial de Mac e paralela de PC, agradando a qualquer usuário. Só tem um probleminha: ela é importada e, por isso, sai pelo dobro do preço da **Stylus Color 740** (R$ 589), que é fabricada no Brasil e é exatamente a mesma coisa, só que bege (ugh!).
Há rumores de que a Epson venha a produzir o modelo colorido no Brasil, já que ele é utilizado em sua propaganda na TV, mas não há nada confirmado. A única coisa que conta contra a 740 é a impossibilidade de compartilhá-la em rede.
Se você tem um Mac com porta serial, uma boa opção é a **Stylus Color 850** (R$ 851). Cerca de 50% mais rápida que a 740 – sete páginas por minuto (ppm) no modo colorido e 9 ppm em preto e branco – ela tem resolução de 1440 dpi e pode ser incrementada com uma porta Ethernet opcional, o que a torna uma boa opção para ambientes de rede.
Subindo um pouco o nível, temos a **Stylus Color 900** (R$ 1.233), uma jato de tinta com performance de laser. Projetada para lidar com altos volumes, ela imprime 12 páginas por minuto com

HP DeskJet 970

oras

resolução de 1440 x 720 dpi. Com suporte à linguagem Adobe PostScript Nível 3 (saiba mais no MacPRO desta edição), ela possui conectores USB e seriais para permitir a conexão com qualquer Mac, além de poder receber placas Ethernet.

Hewlett-Packard

Mas, se você está atrás de uma impressora barata e de boa qualidade, com certeza deve ir atrás da **HP DeskJet 810C** (R$ 499), indicada tanto para usuários domésticos como pequenos escritórios. Ela é capaz de imprimir em cores 50% mais rápido do que a geração anterior (710C) e oferece ótima qualidade de saída em qualquer tipo de mídia. A 810C imprime a até 6,5 páginas por minuto (ppm) em preto, 4,5 ppp em cores e também possui porta USB.

Outra boa opção da HP é a recém-lançada **DeskJet 970** (R$ 1.500), capaz de chegar à resolução de 2.400 x 1.200 dpi em papel especial. A 970 mostra que a HP está seriamente preocupada em recuperar o terreno perdido para a Epson nos últimos tempos. Mesmo com a resolução maior, ela consegue ser mais rápida que uma Epson 900. Usuários de Macs mais antigos, porém, não vão poder utilizá-la, pois ela só tem USB.

Epson Stylus Color 740

Laser

Devido ao preço e recursos, as impressoras laser dificilmente são recomendadas para uso doméstico. Elas normalmente são indicadas para empresas e profissionais que precisem de uma impressora rápida e com baixo custo de impressão por página.

Esses equipamentos funcionam quase da mesma maneira que uma fotocopiadora, fundindo o toner (pigmento em pó) no papel através de um complicado mecanismo eletrostático. A vantagem é que o processo é muito rápido, sendo possível imprimir dez páginas por minuto ou mais. Além disso, as imagens são bem definidas (quase todas as lasers têm PostScript) e o papel e o toner são baratos. Em compensação, os modelos mais acessíveis só trabalham em preto e branco. Nessa área a HP reina quase absoluta, principalmente no Brasil. (Outros, como a GCC, têm impressoras para Mac a preços competitivos nos EUA, mas não estão presentes aqui.) Uma das melhores escolhas é a **LaserJet 2100M** (R$ 3.300), que oferece resolução de 1200 dpi, imprime até dez páginas por minuto e tem suporte ao PostScript.

Onde encontrar

Epson: 0800-55-1441
Tektronix: 0800-16-0220
Hewlett-Packard: 11-822-5565 (SP); 0800-157751
Elgin/Canon: 11-3225-5961

ves de DVD-RAM e até caixas acústicas. Alguns desses equipamentos estão aparecendo por aqui e devem decolar com a chegada dos novos iMacs DV.

Guerra de padrões

Apesar de parecer que pode haver a convivência pacífica entre os dois padrões, a verdade é que por trás deles existe uma briga entre Apple e Intel para ver quem vai ser o "rei da conectividade". Ambas estão atualizando suas especificações para oferecer maior velocidade de comunicação. De um lado, estarão sendo produzidos os primeiros produtos FireWire a atingir 800 Mbps, no primeiro semestre de 2000. Do outro, o USB Promoter Group, liderado pela Intel, divulgou o rascunho da especificação do USB 2.0, que pretende elevar a taxa de transferência para 480 Mbps (megabits por segundo). Isso representa um incremento estratosférico em relação aos 12 Mbps do padrão USB atual, com o qual manterá a compatibilidade, de modo que ninguém tenha que se desfazer de seus periféricos antigos.
É claro que a Intel puxa a sardinha para sua brasa, afirmando que o USB 2.0 será a grande solução de conectividade, enquanto o FireWire continuaria a existir no mercado de produtos eletrônicos de consumo, interligando coisas como videocassetes e TVs digitais. Assim, o novo USB substituiria sozinho todos os conectores de um computador. Mas será inteligente deixar o padrão universal de interface na mão de uma empresa de chips que impõe à indústria o que quer? O resultado dessa briga fica para depois do bug do ano 2000 (que, por sinal, não preocupa nenhum macmaníaco).

Para conexão direta, o produto traz tanto conexão ECP paralela (para PCs) quanto LocalTalk (via serial ou Ethernet). Traz também uma porta infravermelha, que só serve para imprimir a partir de iMacs Bondi blue ou PowerBooks (mesmo assim, é meio chatinha de configurar).
O modelo **2100TN** (R$ 3.400) oferece um slot EIO (Enhanced Input/Output) para servidores de impressão Ethernet e Token Ring, utilizando a tecnologia JetDirect. Ela vem com 8 MB de memória EDO DRAM, que podem ser expandidos para 40 MB – suficientes para as páginas mais complexas que você venha a criar.

Profissionais

Se você é designer, mexe com DTP ou trabalha como modelagem de objetos/projetos 3D,

Jato de tinta ou laser: qual é a melhor?

As impressoras jato de tinta vêm melhorando muito, oferecendo melhor nitidez de imagem e maior fidelidade de cores. Ao mesmo tempo que a qualidade aumentou, os preços caíram. Assim, se você está pensando em adquirir uma impressora colorida de baixo custo, não tenha dúvida: compre uma jato de tinta. Porém, essa tecnologia costuma ter suas desvantagens. Se você mandar imprimir uma imagem colorida mais complexa na melhor resolução oferecida pelo produto, é bem provável que o processo demore bastante. Por outro lado, para texto e gráficos simples, elas chegam a imprimir várias páginas por minuto. Outra coisa: se você precisa imprimir uma grande quantidade de páginas diariamente, uma impressora laser pode ser uma opção melhor, desde que você não se importe com o seu tamanho e consumo de energia maiores.

Canon volta ao Mac

Fazia tempo que a Canon não dava as caras no mercado de impressoras jato de tinta para Macintosh. A sua volta ao mundo Mac é, com certeza, motivo de comemoração, porque ela, como grande fabricante de impressoras, mostra que voltou a acreditar na plataforma Mac (e também porque ela nunca decepcionou com os seus produtos).
Mas, antes de você sair para comprar a sua Canon, deve saber de algo importante: o único conector da impressora é uma interface paralela pecezóide. Portanto, você não poderá usá-la em seu Mac se não comprar um kit de conexão da própria Canon (R$ 249), que converte a paralela em USB. E você tem que ter também um Mac com USB (iMac, G3, G4 ou iBook).
Ao tirar a **BJC-6000** (R$ 649) da caixa, você percebe que ela tem um design mais arredondado que o de seus concorrentes, e também é um pouco maior. Os materiais coloridos e transparentes do design iMac ainda não chegaram até ela, por enquanto.
A instalação no Mac é tranqüila e sua operação também. Ao imprimir, aparecem as opções de sempre, como qualidade e tipo de papel (aceita formatos carta, envelope e A4). Ela aceita papel glossy (brilhante) para deixar a impressão com aspecto melhor e tem opção de usar uma carga de tinta "fotográfica" (com seis tintas) para obter uma qualidade melhor.

Canon BJC-6000

Performance tranqüila

Nos testes com texto, fotos e páginas da Web, ela se saiu muito bem, imprimindo razoavelmente rápido (cerca de 8 ppm para texto e 5 ppm para cor) e com uma qualidade muito boa (até 1440 x 720 pixels de resolução), mas nada além do que se espera de boa uma impressora jato de tinta. Uma grande vantagem sua é ter cartuchos separados para cada uma das tintas; assim, você não precisa trocar tudo só porque uma delas acabou.
Infelizmente, o preço arrasador com que a Epson e a HP estão vendendo suas impressoras montadas no Brasil acabam desequilibrando as vantagens da Canon, que é importada (lá fora, ela é bastante competitiva, mesmo com o cabo USB extra). É bom ressaltar que ela é um modelo mais recente que os concorrentes; tanto a Epson quanto a HP têm modelos mais novos, que ainda não são vendidos no Brasil.

vai precisar de uma impressora profiça para realizar a apresentação e provas de cor de seus trabalhos. Como é de se esperar, os preços desses equipamentos não são baixos. As impressoras profissionais podem oferecer recursos sofisticados, como: seis tintas de impressão com cartuchos independentes; suporte a formato tablóide ou maior; suporte a PostScript 3; interface de rede; e – o mais importante – impressões de qualidade fotográfica. As tecnologias de impressão são variadas: jato de tinta, laser, transferência térmica e sublimação de pigmento, entre outras. Por isso, é bom comparar as diferentes marcas e modelos para verificar qual é a mais indicada para o seu caso.

Tektronix

Uma marca tradicional nesse campo é a Tektronix, que lançou recentemente a **Phaser 840 Designer Edition** (R$ 8.200), uma versão da Phaser 840 criada especialmente para atender à demanda dos profissionais que usam Macs G3 azuis e G4. Entre os recursos avançados estão os 128 MB de memória, resolução de 1200 dpi, suporte a Adobe PostScript 3, padrão de conectividade Ethernet 10/100Base-T ou USB e velocidade de até 10 páginas por minuto. A divisão de impressoras da Tektronix foi comprada recentemente pela Xerox; ainda é uma incógnita o que isso deverá significar para o futuro de seus produtos.

Epson

A Epson tem também uma opção voltada para fotógrafos ou amadores que queiram uma alta qualidade em reprodução fotográfica: a **Stylus Photo EX** (R$ 2.095) . Através de um kit opcional Direct-to-Print, a Stylus Photo EX pode ser ligada diretamente em câmeras digitais, como a nova Epson Photo PC 700, para impressão sem a necessidade de usar computador, transformando-se em um verdadeirto lambe-lambe digital. Ela possibilita ampliações de até 29 x 43 cm e impressões panorâmicas de até 1,12 metro de largura! Trabalha com PostScript 2 e oferece calibração de cores pelo sistema Pantone Color Matching (opcional).

Scanners

Há dez anos, pela bagatela de US$ 6 mil você conseguia comprar um belo scanner de mesa, com resolução de 400 dpi, capaz de digitalizar imagens maravilhosas em até 256 tons de cinza. Uau! Hoje, com uns 200 ou 300 paus no bolso, você consegue sair da loja com um scanner infinitamente mais poderoso embaixo do braço.

Inicialmente utilizado apenas por bureaus e estúdios de design, o scanner se popularizou e ganhou as massas. Junte um Mac e um scanner e você já pode digitalizar fotos para fazer seu próprio álbum de família digital, criar imagens para Web sites, fazer uma revista como esta e o que mais lhe der na telha.

Agfa SnapScan 1212u (na cor azul-marinho)

Como escolher

Se você está decidido a comprar um scanner, aqui vai nosso primeiro conselho: não compre um Genius ou qualquer uma dessas marcas semi-desconhecidas de PC.

Calma, não estamos sendo preconceituosos. O motivo é que não será possível encontrar um driver que permita usá-lo com seu Mac e, por isso, será dinheiro jogado fora. Procure comprar um modelo de marca confiável, como Agfa, Epson, Microtek ou Umax. Dessas quatro, a Epson e a Agfa são as únicas que possuem escritório no Brasil, o que é um ponto a favor na hora em que for preciso suporte ou assistência técnica.

Atualmente, os scanners USB tendem a ser os mais baratos, enquanto os SCSI são mais orientados para profissionais, devido às rápidas taxas de transferência de dados. Se você quer um scanner para digitalizar imagens que irão ser impressas em uma gráfica, você certamente vai preferir ir atrás dos modelos topo de linha, que ainda usam SCSI (se bem que já começam a despontar os primeiros modelos compatíveis com FireWire).

Teoricamente, é possível ligar um scanner SCSI à porta USB com o auxílio de um adaptador (ver a página 43).

OCR nem sempre resolve

A tecnologia de reconhecimento óptico de caracteres (OCR) é o bicho na hora de converter textos impressos em textos eletrônicos que possam ser editados em qualquer processador de texto. Mas nem sempre funciona a contento. Uma taxa de 95% de acerto pode parecer fantástica a princípio, mas se você pensar bem, vai ver que precisa corrigir dez letras a cada três linhas escaneadas. Pode ser melhor redigitar o texto.

Software incluído

Todos os scanners incluem uma coleção de software para algumas tarefas específicas:

• **Digitalização** – Os programas criados para escanear imagens são feitos para simplificar ao máximo essa tarefa. O programa de scan pode fazer uma captura preliminar

Agfa SnapScan 1212u (na cor Bondi blue)

do que está na mesa do scanner, antes de fazer o scan final. Se você usa o Photoshop, confira se o software de captura que acompanha o scanner permite que a tarefa seja feita a partir do próprio Photoshop, via plug-in.

Os softwares mais sofisticados incluem recursos e tecnologias avançadas para o gerenciamento de cor, corrigindo a imagem durante a captura. Alguns utilizam o ColorSync da Apple, que é um padrão da indústria gráfica.

• **Software de edição** – Existem vários programas para dar um trato na imagem depois de escaneada, possibilitando retirar imperfeições e aplicar efeitos especiais.

O Adobe Photoshop é o rei absoluto dos programas gráficos: faz de tudo e não tem concorrência à altura. Para quem não tem tantas pretensões de utilização ou investimento, são recomendáveis programas mais simples como o Kai's Photo Soap (que vem de graça com os iMacs), o Adobe PhotoDeluxe e uma versão "light" do Photoshop que acompanha alguns scanners.

Agfa

A empresa alemã, conhecida por seus produtos fotográficos e os voltados ao high-end publishing, há anos decidiu lançar uma linha popular. Com certeza, uma das melhores ofertas é o **SnapScan 1212U** (R$ 299), scanner USB com resolução de 600 x 1200 dpi. Lançado na cor do iMac original (Bondi blue), ele também está disponível em azul-marinho; ambos são translúcidos. (Não adianta chorar: a Agfa não pretende fazer versões abóbora, abacate e rosinha.)

Para quem tem Macs SCSI, a opção é o **SnapScan 1236s** (R$ 619), com cor de 36 bits e resolução de 600 x 1200 dpi. Inclui também os softwares da MetaCreations Kai's Power Tools SE, Bryce 2.0 SE, Convolver Full e Photo Soap SE. Possui um módulo opcional para transparências, capaz de escanear slides e filmes de até 20 x 25 cm.

Umax

Essa há tempos é uma escuderia fiel dos usuários de Mac, oferecendo produtos de boa qualidade e confiabilidade (ela chegou a fabricar clones de Mac por algum tempo).

O **Astra 1220U** (R$ 499) foi o primeiro scanner para usuários domésticos e pequenos escritórios a trazer uma porta USB para ligá-lo aos novos Macs. Ele oferece profundidade de cor de 36 bits (68 bilhões de cores) e resolução de 600 x 1200 dpi, podendo chegar até 9600 dpi no modo interpolado. Para quem não tem USB, existe o modelo **Astra 1220S**, com porta SCSI. Inclui os programas Adobe PhotoDeluxe, Presto! PageManager e Caere Omnipage LE OCR para conversão de scans em texto editável.

Para os usuários profissionais há o **PowerLook III** (4.689), que tem profundidade de cor de 42 bits (4,3 trilhões de cores), resolução de 1200 dpi e capacidade para digitalizar cromos de 12 e 35 mm, transparências e negativos. Ele possibilita escanear até 12 slides de uma só vez. Um adaptador opcional para transparências também está disponível.

Resolução interpolada: que bicho é esse?

Um dos critérios básicos para comparar scanners é a resolução da digitalização da imagem, medida em dpi (pontos por polegada). Por exemplo, os modelos mais recentes oferecem resolução óptica de 600 x 1200.

Mas atenção: existe a resolução óptica e a interpolada, e ambas têm significados muito diferentes. Somente a óptica é a medida real da capacidade do mecanismo de leitura. A interpolação nada mais é do que um truque do scanner para conseguir imagens com resolução nominal superior; é equivalente a ampliar dando um Image Size no Photoshop.

A interpolação aumenta a imagem, mas não gera nenhuma informação visual adicional além daquilo que foi originalmente obtido com a resolução óptica. Não adianta um scanner mandar para o Mac imagens a 2400 dpi, se elas são captadas a 300 dpi.

Resumindo: na hora de comparar equipamentos, confira sempre e principalmente a resolução óptica. E, se você usa o Photoshop, prefira a interpolação dele, pois é melhor que a da maioria dos scanners.

Onde encontrar

Agfa: 11-5188-6500
www.agfa.com
Umax:
www.umax.com
Microtek:
www.microtek.com
Epson: 0800-55-1441
www.epson.com.br

Microtek

Tem como destaque dois modelos da conhecida linha ScanMaker. Uma boa opção é o **ScanMaker 6400XL** (R$ 3.100), um scanner de 36 bits que oferece resolução óptica de 400 x 800 dpi (6400 dpi no modo interpolado) e é capaz de digitalizar imagens de até 30 x 43 cm. Suas dimensões possibilitam escanear até dez fotos de 7,6 x 12,7 simultaneamente. Uma placa controladora Ultra SCSI da Adaptec é incluída para permitir o uso do equipamento com Macs G3 azuis e G4.

O **ScanMaker 9600XL** (R$ 4.680) possui quase as mesmas características, só que oferece resolução de 600 x 1200 dpi (9600 dpi interpolados) e já inclui um adaptador para transparências, que é opcional.

Epson

A grande fabricante de impressoras oferece o **Expression 836XL** (R$ 7.716), com resolução de 800 x 1600 dpi e 36 bits de cores. É capaz de digitalizar documentos no formato tablóide (30,99 x 43,68 cm). O scanner pode salvar seqüencialmente as imagens escaneadas no HD do computador, de forma completamente automatizada, proporcionando maior rapidez. Ele possui ainda recursos especiais para a otimização de OCR e inclui uma unidade de transparência para negativos de filmes.

Para quem tem Macs com interface USB, também há o **Epson Perfection 636U** (R$ 864), que captura imagens com cores de 36 bits a 600 dpi, podendo chegar a 600 x 2400 dpi com a tecnologia Micro Step Drive ou a 9600 dpi no modo interpolado. Para Macs sem USB existe o **Perfection 636** (R$ 865), que se conecta à interface SCSI.

Monitores

Tamanho de tela nunca é demais. Ainda vai chegar o dia em que os monitores de mesa de 14 e 15 polegadas serão tão arcaicos quanto as TVs preto e branco são hoje. Enquanto esse dia não chega, a maioria de nós se resigna com suas telinhas pequenas. Mas, para quem trabalha com DTP, artes gráficas, vídeo e Web design, não há como pensar em um monitor com menos de 17". Ter um monitor de 21", então, é o Sonho Maluco do Gugu, porque cada polegada a mais faz com que seu preço cresça exponencialmente. Por outro lado, encare isso como um investimento extremamente durável, que vai sobreviver ao seu Mac atual e servir de companhia para o próximo.

Em termos gerais, o mais sensato é um monitor de 17 polegadas, pois são raras as situações em que você vai precisar de uma tela com dimensões físicas maiores, a menos que tenha uma aplicação realmente específica. Só tenha em mente que os monitores grandes, além de caros, ocupam um espaço monstruoso e consomem muito mais energia. Agora, se você está pensando em trocar de monitor e acha que uma tela de 15" está de bom tamanho, tudo fica mais fácil, porque os monitores dessa envergadura são produzidos em larga escala e os preços caíram para um nível bem aceitável.

A briga entre os fabricantes de monitores esquentou este ano. Todos eles estão interessados no mercado Mac, pois os G3 e G4, ao contrário dos PCs, são vendidos sem monitor.

Apple Studio Display 17"

Não se deixe impressionar à toa

Quando for analisar a propaganda ou conversar com um vendedor, não tome por vantagem de determinada marca uma característica comum a todas elas. Todo monitor atual tem:

- Consumo reduzido, administração de energia Energy Star e modo sleep.
- Tela de alto contraste com revestimento anti-brilho, anti-estática e anti-reflexo.
- Serve em Mac e PC (basta um adaptador).
- Controles digitais em vez de rotativos.
- Controles com menu na tela.
- Várias resoluções.

Apple

A Apple tem apenas dois modelos, que casam maravilhosamente bem com o design dos G3. O belo **Apple Studio Display 17"** perde em custo/benefício para os concorrentes da Sony, LG, ViewSonic e Samsung. Já o ColorSync de 21 polegadas, com seu sofisticado sistema de calibração, vale o que custa.

Sony

A Sony é famosa pela qualidade de seus monitores com tubo Trinitron; tanto é assim que os monitores high-end da Apple são feitos pela Sony. O novo **MultiScan Trinitron FD CPD-E200** de 17" pode ser descrito com uma palavra: matador. Para começar, por ser montado no Brasil ele tem um preço surpreendentemente bom para um produto que sempre foi considerado de luxo.

Sony MultiScan E200

O maior diferencial, porém, é o nova versão totalmente plana do tubo Trinitron (conhecido tecnicamente como aperture grille). Além de não ter qualquer distorção na imagem, a superfície plana capta menos reflexos do ambiente. Depois de usar um desses, você se convence de que o design tradicional arredondado na verdade nunca prestou. Uma vantagem do Trinitron é que os elementos luminescentes ("fósforos") são muito

Cristal líquido ati

Monitores com tela de cristal líquido ainda são o futuro da informática, mas esse futuro está chegando cada vez mais perto. Eles estão atingindo volumes de vendas de massa – a última coisa que faltava para baixarem de preço (ainda muito alto) e competirem de igual para igual com os tradicionais.

O crônico problema da qualidade da imagem foi superado pela atual geração, com cristal líquido TFT (Thin Film Transistor). As cores são razoavelmente mais confiáveis e o ângulo de visibilidade é bem mais amplo que nos modelos de outrora. Fora que sempre são planos e ocupam um espaço muito menor na mesa de trabalho.

Apple Studio Display

A Samsung, por exemplo, possui dois modelos. O **SyncMaster 700 TFT**, de 17", com 6,4 cm de espessura, oferece resolução máxima de 1280 x 1024 pixels e suporta milhões de cores. O **SyncMaster 520 TFT** de 15" inclui falantes e microfone. É claro que esses dois objetos do desejo são bem caros.

A Apple lançou, junto com o G4, o seu deslumbrante **Apple Cinema Display**, o maior monitor de cristal líquido existente. Ele tem

próximos entre si, permitindo trabalhar confortavelmente a resoluções maiores do que em qualquer outro modelo.
Os ajustes são concentrados em um botão direcional, similar ao de um controle de PlayStation, sob a beirada inferior da face frontal. Só uma coisa atrapalha: embora o Sony seja espetacular quando é visto de frente, de outros ângulos o seu gabinete é tão monótono e convencional quanto poderia ser. Merecia uma remodelagem estética.

Samsung SyncMaster 700p

nge a maturidade

incríveis 22 polegadas de diagonal, a mesma proporção dos filmes DVD e resolução de 1600 x 1024 pixels. A conexão de vídeo é digital, resultando em uma imagem mais nítida e firme. Por outro lado, somente o G4/450 é compatível com ele, porque é o único Mac que vem com placa de vídeo AGP com saída digital (a qual, porém, poderá ser comprada à parte dentro de alguns meses). Custa US$ 4 mil nos Estados Unidos e terá produção limitada. Ainda não tem previsão de chegada ao Brasil (se é que vai chegar).
No início de dezembro, a Apple lançou um novo modelo de LCD, de 15". O novo **Apple Studio Display** (US$ 1.299) substitui o modelo homônimo, que ainda é vendido no Brasil, com a diferença de também ter a entrada de vídeo digital no lugar da convencional analógica.

Apple Cinema Display

Samsung

A coreana Samsung é (ou, pelo menos, foi) a marca mais difundida de monitor no Brasil. Para os profissionais da imagem, um destaque é o novo **SyncMaster**, que tem uma versão de 17" e uma de 19", com a tela plana e gabinetes iguais aos mais antigos.
A tela plana da marca se caracteriza por ser realmente plana por fora, mas ligeiramente curva por dentro, criando um efeito de lente - segundo a empresa, para compensar o efeito de paralaxe que faz a tela parecer côncava aos nossos olhos através do vidro grosso. Isso faz seu sentido, mas também soa como marketing. Esperar tantos anos por uma tela totalmente plana, só para descobrir que ela não é ideal?
Tudo bem: em qualidade de imagem, o Samsung é o melhor de todos os monitores do tipo shadow mask, com brilho excepcional, nitidez fabulosa e pré-calibração de cores perfeita. A imagem, porém, tende a ser um pouco melhor no centro que nas laterais, mesmo com o ajuste anti-moiré no máximo.
Com o melhor acabamento estético dentre todas as marcas (fora a Apple), o SyncMaster tem um painel de controle embutido que desliza para fora do gabinete, como uma gaveta. Os monitores Samsung são, aliás, os que têm os controles mais completos e ergonômicos. Todos os monitores profissionais da marca aceitam uma base opcional que vem com um hub USB de quatro portas, tornando-os mais úteis para quem tem um G3 azul ou um G4.

Philips

Na categoria de uso geral, a Philips dispõe do **Brilliance 109** de 19", que tem como principal destaque a baia USB na parte de trás, onde se pode colocar um hub USB (opcional) para integrar os periféricos diretamente no monitor. Foi uma boa sacada, pois embora a Samsung também ofereça esse recurso, a empresa holandesa o apresentou quando os iMacs nem tinham sido lançados. Outra característica interessante é o fato de ele possuir falantes embutidos e conectores de vídeo BNC, que é a opção ideal para quem precisa de alta fidelidade de cores. A ergonomia, porém, é discu-

Quanto custam

Apple (11-5503-0090 ou 0800-1-27753)
www.apple.com

Apple Studio Display 17"	R$ 1.760
Apple Studio Display 15"	R$ 4.380
Apple Studio Display 21"	R$ 4.840

LG (0800-17-1514)
www.lge.com.br

15" SVGA	R$ 472
17" SVGA	R$ 891

Philips (11-5188-8243)
www.philips.com.br

14" SVGA	R$ 435
15" SVGA	R$ 600
Brilliance 109 19"	R$ 3.291

Samsung (0800-12-4421)
www.samsung.com.br

SyncMaster 450B 14"	US$ 173
SyncMaster 550S 15"	US$ 193
SyncMaster 550B 15"	US$ 204
SyncMaster 520 TFT 15"	US$ 1.700
SyncMaster 710S 17"	US$ 357
SyncMaster 700P+ 17"	US$ 510
SyncMaster 700 TFT	US$ 1.010
SyncMaster 700 TFT 17"	US$ 5.800
SyncMaster 900 TFT 19"	US$ 1.360
SyncMaster 900p 19"	US$ 1.050
SyncMaster 1000p 21"	US$ 2.220

Sony (11-3824-6586)
www.sony.com

15" Trinitron SVGA	R$ 559
MultiScan 210sf 17"	R$ 1.098
CPD-E200	R$ 1.112

ViewSonic www.viewsonic.com

E771 17"	U$ 589
Optiquest O51 15"	R$ 623
G771 17"	R$ 1.423
Optiquest 17" V73	R$ 1.101
GS 790 19"	R$ 1.746
ViewSonic 21"	R$ 5.258

O que significam as polegadas

As polegadas se referem à medida da diagonal do cinescópio (tubo de imagem). Também é comum uma outra especificação, chamada *viewable* (visível), que corresponde à área útil da tela - em média, algo como uma polegada e meia menor que o cinescópio.

tível: o estranho botão de ligar, em posição fora do usual, é acompanhado por uma etiqueta adesiva que só está lá para esclarecer a sua função.

ViewSonic

A taiwanesa **ViewSonic**, que sempre fez muita propaganda da sua vantagem de preço, tem uma variedade de modelos profissionais muito bons: sem frescuras, com o design mais tradicional de todos e a opção entre o CRT convencional arredondado e o novíssimo de tela plana. Lembram muito os Radius dos velhos bons tempos. Têm características similares aos Philips, porém com a imagem aparentemente mais nítida e controles de imagem excelentes. Existe uma variação com falantes embutidos.

LG

Outra marca que vale mencionar, por ter grande preocupação quam a qualidade e a ergonomia, é a coreana **LG** (antiga GoldStar), que, assim como a Sony, já fabricou muitos monitores para a Apple. Os modelos de uso geral atuais, porém, em nada lembram os da época dos Performas, pois têm telas muito menos arredondadas e nitidez consideravelmente superior. A LG também tem novos modelos com tela completamente plana, similares aos da Samsung, que vale a pena levar em consideração.

Drives

Atualmente, são muitas as opções para armazenamento: Zip, Jaz, DVD-RAM, CD-R, CD-RW, SuperDisk... (Disquetes tradicionais estão fora de cogitação, é claro.) Qual é o melhor? Tudo depende do que você precisa e de quanto tem para gastar.

Zip Drive

Depois do disquete, o **Zip Drive** da Iomega é a opção de armazenamento mais popular. Ele é uma espécie de substituto do disquete (mas não diretamente compatível), com capacidade de 100 ou 250 MB, e o drive foi incluído em várias máquinas da Apple.

O drive e a mídia do Zip são relativamente baratos e os discos são fáceis de transportar, mas não são muito rápidos (900 kbps), de modo que servem exclusivamente para becape e transporte de arquivos. Como ele é também bastante utilizado pelos pecezistas, tem se mostrado uma das melhores opções para trocar arquivos grandes entre as duas plataformas (segundo a Iomega, existem mais de 19 milhões de Zip Drives espalhados pelo mundo).

Zip 100 MB USB

Os drives vêm nas versões de 100 e 250 MB – sendo esta compatível com as mídias de 100 MB – e podem ser encontrados tanto com SCSI quanto com USB.

Imation SuperDisk

A opção por um Zip depende de vários fatores, sendo o mais importante o quanto você tem de cash. O Zip Drive 250 é a melhor opção em capacidade, mas é bem mais caro, principalmente quando comparado às versões USB. O Zip 100, por sua vez, tem uma base instalada maior, mas não lê cartuchos de 250 MB. Uma boa opção que surgiu nos últimos tempos é a possibilidade de instalar um Zip interno IDE (R$ 299). Cheque se o seu Mac permite isso e, mais importante, veja se a revenda instala o Zip para você.

SuperDisk

Uma boa alternativa ao Zip Drive USB é o **SuperDisk USB** da Imation, que além de ter capacidade de 120 MB e custo similar ao do Zip (ao redor de R$ 27 o cartucho), dá de quebra a chance de continuar usando os bons e velhos disquetes de 3,5". O SuperDisk usa um engenhoso mecanismo que mantém compatibilidade com o disquete. Os novos modelos que acabaram de chegar ao Brasil são bem mais rápidos que o original, equiparando-se à velocidade do Zip. Infelizmente, a Imation resolveu vender por aqui uma versão do drive totalmente branca, bem mais feia que a original, que imitava com perfeição o design dos iMacs Bondi blue. O principal problema do SuperDisk é a falta de uma grande base instalada. Hoje, ele serve muito mais como aparelho de becape do que para troca de arquivos.

Quanto custam

Produto	Preço
CDR-W 2x2x6x Phillips	R$ 1.240
CDR-W 6x2x24x Smart & Fire	R$ 2.380
CD-RW Imation Super Recorder 8x2x20	R$ 1.950
Que Drive USBCD-R	R$ 1.200
Que Drive DVD-RAM	R$ 1.440
Imation SuperDisk USB	R$ 570
Iomega Jaz Drive 2 GB	R$ 1.098
Iomega Zip Drive Plus	R$ 680
Iomega Zip Drive 100 USB	R$ 489
Iomega Zip Drive 250	R$ 692
Iomega Zip Drive 250 USB	R$ 740
Jaz Drive 2 GB externo	R$ 1.400
LaCie CD-R 8x20	R$ 1.378
LaCie CD-RW 4x4x16	R$ 1.465
LaCie CD-RW 2x2x6 USB	R$ 1.201

LaCie CD-R

Jaz Drive

Para quem quiser um produto que ofereça rapidez na transferência de dados e boa capacidade armazenamento, a Iomega

oferece o **Jaz Drive** de 2 GB. Ele utiliza cartuchos de 1 ou 2 GB, de ótima performance. Os únicos inconvenientes são o custo da mídia (cerca de R$ 300) e o uso em pequena escala. No entanto, ele tem sido o preferido entre quem trabalha com áudio, vídeo e foto. A razão é que ele tem tempo de acesso de 10 milissegundos (comparável a um bom HD fixo) e transfere dados a velocidades de até 7,4 MB/s. Detalhe: o Jaz só serve para máquinas com SCSI, até porque ele jamais funcionaria rapidamente na interface USB.

Jaz 2 MB

DVD-RAM

O DVD está deixando de ser a tecnologia do futuro e virando coisa do presente. Ainda mais agora, que a Apple resolveu embutir drives de DVD-RAM nos Macs topo de linha. O DVD-RAM é a versão regravável do DVD, que pode armazenar até 5,2 GB (nos cartuchos de dois lados). Em geral, o drive é capaz de ler CD-ROM, CD-RW, CD-Audio, DVD-ROM e DVD-Video – além, é claro, de ler, gravar e regravar DVD-RAM como se fosse um disquete ou HD.

O tempo de leitura pode variar, dependendo do formato, mas no geral o desempenho é bem satisfatório. No entanto, na hora de gravar o processo demora bastante; gravar um grande volume de dados pode levar horas. O custo elevado do drive (cerca de R$ 2.400) também não ajuda, e a mídia de 5,2 GB custa uns R$ 320. Mas isso é compensado pelo baixo custo da mídia por megabyte. Assim como o DVD já está substituindo o CD-ROM (por exemplo, nos novos iMacs DV), o DVD-RAM deverá também tomar o lugar dos atuais gravadores de CD-R. No Brasil, já podem ser encontrados o modelo da **LaCie** e o **Que! Drive DVD-ROM** da QPS. Os dois são bem parecidos quanto ao funcionamento e incluem o software **DVD-RAM TuneUp**, da Software Architects. Porém, enquanto o produto da LaCie traz seu visual bege-pragmático e aparência ultraconservadora, o Que! Drive entra na onda do visual iMac/G3, com design arredondado e cores translúcidas.

CD-R e CD-RW

O CD-R e o CD-RW estão se tornando cada vez mais populares, o que tem levado o patrulhamento de caça à pirataria a aumentar seus esforços. Mas esses equipamentos não foram feitos exatamente para esse propósito. O CD-R é recomendado especialmente para fazer becape de arquivos ou trabalhos já concluídos. Com o baixo preço da mídia, por volta de R$ 5 ou menos cada CD, você pode queimar CD-ROMs com todo o peso morto de seu HD. E o melhor disso é que a grande maioria dos computadores tem CD-ROM para ler o que você gravou no CD, desde de que você tenha cuidado com a escolha do formato da gravação para manter a compatibilidade. Além disso, você pode gravar seus próprios CDs de áudio, que podem ser lidos em qualquer tocador de CD. O lado ruim do CD-R é a impossibilidade de regravar a mídia. Para corrigir isso, surgiu o CD-RW (de rewritable ou regravável). Ele apresenta todas as vantagens do CD-R, mais a possibilidade de regravar a mídia, utilizando uma mídia especial, mais cara que os CD-R (R$ 40) e com a mesma capacidade de 650 MB. O único problema é que não é qualquer drive que pode ler a mídia CD-RW. E a velocidade de gravação é baixa, mas isso tende a mudar. Atualmente, muitos dos novos gravadores de CD já suportam CD regraváveis. Por isso, talvez valha mais investir num CD-RW. Um dos modelos mais recentes lançados no Brasil é **Super Recorder 8x2x20** da Imation. O 8x2x20 significa que o aparelho consegue gravar mídia normais a 8x, mídia regraváveis a 2x e ler CDs a 20x. Utilizando a velocidade máxima (8x) é possível gravar 650 MB em apenas 9 minutos, o que não é nada mau. Num CD regravável, esse tempo sobe para uns 40 minutos. Ele traz conector Ultra SCSI, mas infelizmente não traz adaptador de Ultra SCSI para SCSI do Mac, o que obriga a comprar um. Não é nada caro (uns R$ 30), mas é um pé no saco.

A **LaCie** tem um drive de CD-RW 2x2x6 compatível com USB. A velocidade é um tanto baixa, mas em compensação, o preço é bastante atrativo: R$ 1.200.

Que! Drive é o que há!

Se o iMac original viesse com um gravador de CD em vez de apenas um drive de CD-ROM, a turma que defendia o disquete não ia poder falar nada. Mas, por óbvias questões de custo, não vinha. De qualquer jeito, um gravador de CD é uma ótima companhia para o iMac. E melhor ainda se ele tiver um design que se integre ao computador, atenção aos detalhes e seja fácil de operar. O **Que! Drive** (pronúncia: "Kíu") tem tudo isso e mais. As diferenças começam quando você abre a caixa e encontra uma linda bolsinha de couro. Dentro dela estão o drive, cabos, manuais e um CD, tudo muito bem acondicionado em compartimentos próprios. Simplesmente um luxo!

A velocidade do Que! é de 2x4x8, mas ele ainda é mais lento que modelos SCSI com a mesma configuração. Mas nada que comprometa seu uso. O drive tem formas arredondadas em plástico azul e branco, mas outras cores podem ser encomendadas. Ele vem com o ótimo software de gravação de Toast 3.8. Basta instalar os drivers USB, restartar, abrir o Toast e sair gravando seus CDzinhos.

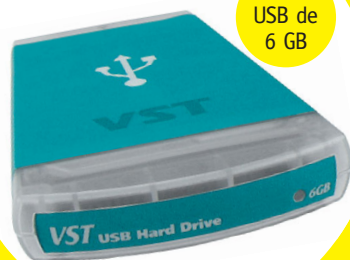
O único problema do Que! é o preço pelo qual ele está sendo vendido no Brasil, meio salgado devido aos custos de importação.

Que! Drive

Com bolsa a tiracolo

Drives FireWire e USB: pequenos e portáteis

Pequenos, portáteis, coloridos e com adereços, quer dizer, saídas FireWire e USB. Essa é a tendência da estação para HDs externos. Com eles, você talvez nem precise sair à rua com outro tipo de disco, pois eles são pequenos e caem bem em qualquer lugar, sem que você e seu novo Mac percam a elegância.

A **VST Technologies**, por exemplo, tem um HD FireWire vermelho e amarelo, com dimensões de apenas 8 x 13 centímetros e versões de 2 GB, 4 GB e 8 GB, que são vendidos nos EUA aos preços de US$ 300, US$ 400 and US$ 500, respectivamente. Os drives podem transmitir dados a 8 MB por segundo e incluem duas portas FireWire: uma lock port (porta de bloqueio) Kensington e outra para uma fonte de alimentação.

VST USB de 6 GB

Para quem tem um iMac sem porta FireWire ou um iBook, a VST também possui discos rígidos USB ultracompactos, com capacidades de 4 GB (US$ 330) e 6 GB (US$ 430, nos EUA), disponíveis nas cores tangerina e blueberry. Apesar de não ter representação no Brasil, os produtos da VST devem chegar logo por aqui.

E já que estamos falando de FireWire, também estarão desembarcando em breve no país os dois modelos de gravadores CD-RW da EZQuest que utilizam essa tecnologia. Com visual na cor gelo, o **Boa FireWire** vem nos modelos 4x4x24 (US$ 369) e 6x4x24 (US$ 409, também nos EUA) e funciona com o iMac DV, G3 azul e G4. Ainda não há previsão do preço dos produtos da VST e da EZQuest para o mercado brasileiro.

EZQuest Boa FireWire

Teclados, mouses, joysticks e tablets

Há quem os classifique como um mal necessário. Mas, enquanto você não puder fazer tudo o que quiser no Mac com comandos de voz – ou, quem sabe um dia, mentais – o teclado, mouse e afins são indispensáveis para o funcionamento do computador, queira ou não. O máximo que podemos fazer é escolher modelos que tornem a interação com o computador mais fácil e confortável.

A relação de amor e ódio com o teclado tornou-se mais intensa a partir do lançamento do iMac, quando a Apple abandonou os tradicionais e pragmáticos modelos bege e adotou o teclado compacto – similar aos dos PowerBooks – que desagradou muitos usuários pela omissão de teclas importantes, como o Delete para a frente, e pelo encolhimento de outras, impedindo a digitação rápida. Assim sendo, não se acanhe em trocar o seu teclado translúcido se achar que ele é feio, desconfortável (ele pode ser a causa de uma bela tendinite) ou delicadinho demais.

MacAlly iKey

Teclado tradicional USB

Se você gosta do layout tradicional dos teclados bege, mas prefere o visual colorido e translúcido da moda, use o **iKey** da MacAlly, que tem todas as 105 teclas, nos lugares a que nos acostumamos.

Teclado ergonômico

Para quem tem um Mac bege e está preocupado em evitar tendinite, a empresa tem o **New Wave Extended Keyboard**, que permite acoplar um apoio para os pulsos para uma digitação ergonomicamente correta.

Mouses

O mouse da Apple sempre teve apenas um botão, mesmo agora na sua fase "sabonete". Ou seja: mais simples, impossível. No entanto, o atual design revelou-se bastante polêmico. Não são poucos os usuários que acham ele é pequeno demais e que seu formato torna seu uso cansativo por um longo período. Quem se iniciou no mundo das maçãs já com esse modelo talvez não o ache estranho, mas os usuários de longa data não gostam de manusear o mouse redondo só com as pontas dos dedos e a toda hora terem que ajeitar o bicho para que ele fique voltado para frente. Se você sente esse problema com seu

iMac, G3 ou G4, troque de mouse.

Um botão

Se você quer continuar clicando em apenas um botão, confira o **iMouse** (R$ 99) da MacAlly, que aliás, vem com jaquetinhas nas cinco cores do iMac (e, em breve, uma cinza pra combinar com o iMac DV Special Edition).

MacAlly iMouse

Dois ou mais botões

Existe também a tradição pecezista, pela qual um bom mouse tem que ter dois ou mais botões. Essa filosofia tem muitos adeptos entre os macmaníacos. Para esse grupo, existem duas opções: o **iMouse Pro** (R$ 125), da MacAlly, e o **ClassicMouse** (R$ 36), da Belkin. Ambos vêm sem drivers que permitam a configuracão dos botões extras (o driver USB genérico da Apple só permite usar um botão). A MacAlly disponibiliza um driver em seu site para configurar o segundo botão de seu mouse. Já o mouse de três botões da Belkin precisa do auxílio de um software como o **USB Overdrive** (www.montalcini.com/overdrive/index.html), do sharewarista Alessandro Levi Montalcini, que permite configurar livremente qualquer mouse, joystick, trackball etc. Você terá que gastar mais US$ 20 pelo software. Mesmo assim, como o ClassicMouse custa uma merreca, você ainda sai ganhando.

Belkin ClassicMouse

Trackballs

Uma variação de mouse é o trackball, que é quase um mouse de ponta-cabeça e traz um ou mais botões. É uma idéia interessante, pois o dispositivo fica sempre parado no mesmo lugar e economiza espaço na mesa. Por outro lado, leva algum tempo até se acostumar, e tem gente que não consegue se adaptar. O **iBall**, da MacAlly, é uma boa opção e o mais fácil de encontrar.

Joysticks

Opções de joysticks é o que não falta, com preços variando de R$ 100 a mais de R$ 400.

Um dos melhores é **F-16 Fighterstick** (R$ 411), da CH Products. Ele é caro, mas a grande vantagem dele são suas 24 funções programáveis, que ajudam ou dispensam totalmente o teclado em simuladores de vôo.

Ele pode ser programado para executar qualquer atalho de teclado do Mac e traz comandos prontos para os jogos mais populares. Você pode achá-lo grande demais, mas ele é uma réplica perfeita do manche do caça F-16 "Falcon".

Para quem tem USB, o **iStick** (R$ 206) da MacAlly vem com o visual translúcido no estilo do iMac, oferecendo ajuste de quatro direções, controles precisos e gatilho de disparo rápido, além do próprio manete. É um dos únicos joysticks USB disponíveis no Brasil.

Microsoft Sidewinder Pro USB

Para quem gosta de gamepads, o **Sidewinder Precision Pro USB** (R$ 219) da Microsoft é uma boa. Apesar de não ter sido criado para ser plugado em um Mac, ele funciona surpreendentemente bem com as máquinas USB da Apple. Super-anatômico, é disparado o melhor controlador disponível para o iMac. Mas só funciona com jogos que usem os Apple Game Sprockets (pequenas extensões de sistema disponíveis para download gratuito no site da Apple)

A Microsoft acabou de lançar novos modelos da linha SideWinder, incluindo um gamepad e um conjunto de volante e pedais, mas infelizmente não conseguimos testá-los a tempo para esta edição.

Tablets

Muito utilizado pelos artistas gráficos, o tablet é considerado a melhor maneira de liberar a criatividade no Mac. Além de ter sensibilidade à pressão da caneta, permitindo simular meios de desenho tradicionais como lápis e pincel, o tablet é uma ótima opção para quem está preocupado com seus tendões. Os tablets mais conhecidos para Mac são os da Wacom.

Atualmente, a melhor pedida é o **Graphire USB** (R$ 295), um modelo muito semelhante ao **PenPartner**, resenhado na Macmania 66, só que com um preço ainda mais acessível. É ideal para o iMac e Macs com monitores de 15" em geral, uma vez que seu tamanho é 13 x 9,5 cm, mas também pode ser utilizado em telas de 17" ou maiores. A caneta vem com um botão lateral (programável, mas geralmente usado como duplo-clique) e é capaz de identificar 1024 níveis de pressão. A Wacom também tem outros modelos, mais profissionais (e bem mais caros), que se adaptam a telas de até 21 polegadas.

Wacom PenPartner

Onde encontrar

Imation: 11-3901-7002
MacAlly: 11-287-0448
Microsoft: 11-822-5764
LaCie: www.lacie.com
QPS: www.qps-inc.com
Wacom: www.wacom.com
Entrega: www.entrega.com
Second Wave: www.secondwave.com
Keyspan: www.keyspan.com
Microtech: www.microtech-pc.com
XLR8: www.xlr8.com
Belkin: www.belkin.com
Epson: www.epson.com.br
EZQuest: www.ezq.com
VST: www.vsttech.com

Onde encontrar

Distribuidores de periféricos para Mac

RedNetwork: Belkin, ViewSonic – 11-253-5432, 11-253-4006
Passport: SCUSBee – 61-344-0550
Apple Store: Belkin, LaCie – 11 535-6161 www.applestore1.com.br
SED Magna: Entrega, XLR8, Belkin – 11-3649-0888
Plug Use: Imation, Belkin – 11-865-2030
Controle: Iomega – 11-870-5995

Adaptadore

Não adianta chorar: o SCSI, o ADB e as portas seriais são coisas do passado. Nenhum modelo atual de Mac vem com essas coisas. Usuários de máquinas mais antigas (com slots PCI) podem modernizá-las instalando placas com portas USB, como a **BusPort** (US$ 100), da Belkin. Placas FireWire já começam a aparecer no mercado, mas ainda são caras, direcionadas ao mercado de vídeo e fotografia digital. A Texas Instruments tem uma, chamada **Solectron**, que põe duas portas FireWire em qualquer Power Mac PCI. Quem possui periféricos antigos e pretende continuar a usá-los vai precisar de um adaptador para ligá-los em seu iMac ou Mac G3 ou G4. A boa notícia é que esses adaptadores já estão chegando ao Brasil, tornando a vida mais fácil. A má notícia é que, dependendo do tipo do periférico, às vezes é melhor vendê-lo e comprar um modelo USB. A lista de incompatibilidades com determinados equipamentos é muito grande. Um mesmo adaptador pode funcionar com um modelo de impressora e não funcionar com outro do mesmo fabricante.

A melhor recomendação é: vá até o site do fabricante e veja se ele diz explicitamente que o seu produto funciona com aquilo que você já possui. O lado bom é que, a cada novo driver lançado, o Mac vai ganhando compatibilidade com mais periféricos. Vamos analisar as opções, porta a porta.

Extensão USB

Cabo Belkin USB/ paralela

Serial

Quem tem impressoras, câmeras digitais ou outros dispositivos que normalmente são ligados à porta serial (a redondinha de oito pinos, também conhecida como Mini DIN-8) pode ficar tranqüilo. Os adaptadores seriais/USB são os que apresentam menos problemas de compatibilidade. A velocidade também não é problema, pois o USB é bem mais veloz que a porta serial.

Atualmente, o único fabricante deste tipo de conversor com representante no Brasil é a **Entrega**. Segundo informações da empresa, o conversor é compatível com alguns modems, impressoras, câmeras digitais e com o berço (cradle) dos Palms. Não funciona para ligar um iMac a um Mac com porta serial via AppleTalk ou GeoPort, nem para ligar equipamentos MIDI, nem rola com

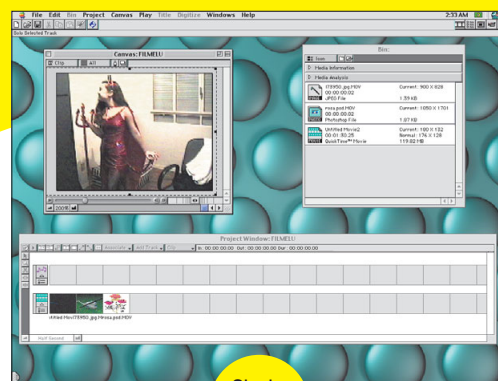
Entrega SCSI-USB

InterView: transforme seu iMac Bondi em um DV

Está com inveja dos novos e charmosos iMacs DV e sua fantástica capacidade de capturar e editar vídeo? Bom, você pode transformar seu iMac da primeira geração em algo parecido, gastando pouco.

O **InterView** (R$ 299), da XLR8, é um cabinho fantástico que permite capturar vídeo de uma HandyCam via USB e editá-lo no Mac. Não é vídeo digital com qualidade broadcast, mas quebra o galho de quem não tem uma câmera digital.

O mais legal é que ele vem com uma versão completa do **Strata VideoShop**, um belo programa de edição de vídeo, que sozinho vale mais do que o preço cobrado pelo pacote.

O funcionamento é simples e direto: basta plugar o cabo na sua câmera (saídas RCA ou SVHS) e abrir o VideoShop para começar a digitalizar seus vídeos domésticos. Ele não é compatível com o nosso formato PAL-M; portanto, sua câmera precisa ser NTSC. Por esse mesmo motivo, a maioria dos videocassetes e TVs brasileiras não funcionam com o InterView (a não ser que tenham uma saída NTSC). Você não vai ter como dar saída no seu videozinho diretamente em uma fita VHS, mas poderá salvar em movie QuickTime.

XLR8 InterView

Strata VideoShop

es USB

nenhum tablet Wacom, a não ser a PenPartner. O preço no Brasil é R$ 163. Já o modelo da **Keyspan**, ainda não disponível no Brasil, funciona melhor com tablets Wacom, tem sua respectiva lista de modems, câmeras e impressoras e permite o uso de interfaces MIDI, mas apresenta problemas com a QuickCam. A Keyspan também tem o USB Twin Serial Adapter (US$ 79), um modelo com duas saídas seriais.

SCSI

Existem duas opções de adaptadores SCSI disponíveis no Brasil: o **SCUSBee** (R$ 265), da Second Wave, e o **SCSI-USB** (R$ 210) da Entrega. Ambos funcionam com Zip, Jaz, HDs externos e uma grande variedade de drives removíveis. O modelo da Entrega, em plástico transparente, é um conversor cujo plug SCSI é do tipo DB25, igual ao existente na traseira dos Macs antigos, facilitando a adaptação. Para usar com HDs externos, você terá que comprar também um cabo com o conector DB25 de um lado e do outro o Centronics 50, que é o que a maioria dos HDs externos usa. Segundo o fabricante, o adaptador funciona com os scanners Agfa e Umax, mas não é compatível com os da HP. A Microtech tem o **XpressSCSI USB** (US$ 79), que também funciona com vários drives. Usar um adaptador SCSI é mais ou menos como fazer sexo virtual: não é igual à coisa de verdade. A velocidade do USB é bem menor que a do SCSI. Você não pode fazer muita coisa no Mac enquanto algo é copiado, porque isso pode resultar em erros, e não pode confiar nas barras de progresso.

MacAlly iHub (5 cores)

Paralela

Uma das maravilhas do USB é permitir a utilização no Mac de impressoras com porta paralela que só podem ser utilizadas em PCs. Mas nem todas as impressoras funcionam com qualquer adaptador. Adaptadores genéricos, encontráveis em qualquer loja de informática, só funcionam se você possuir o driver de Mac para sua impressora – e, mesmo assim, não há garantias.

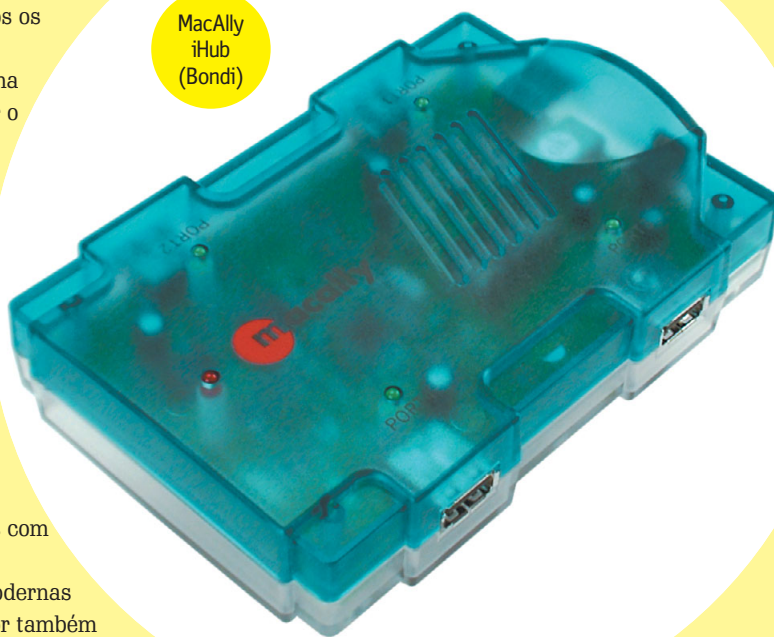
Se você possui uma **Epson**, pode adquirir o kit USB do fabricante, que custa R$ 117 e funciona com praticamente todos os modelos Stylus Color, como as 440, 600, 640 e Photo EX. A HP não vende seu kit USB no Brasil, mas, assim como no caso da Epson, você pode comprar o cabo USB/paralela da **Belkin** (R$ 90 na SED).

O adaptador para impressora paralela da Belkin funciona com praticamente todas as impressoras paralelas do mercado com padrão PCL. Se você tem uma HP DeskJet (menos os modelos da linha 700) encostada, seu problema acabou. Basta conectar o cabo na impressora e na porta USB do seu Mac, instalar o driver MacJET a partir do CD de instalação e sair imprimindo de qualquer programa, feliz da vida, inclusive com suporte para RET (Resolution Enhancement Technology) para impressões de fotografias com mais qualidade.

Além das DeskJets (modernas ou antigas), o adaptador também funciona com impressoras laser PCL de fabricantes como HP, Epson, Lexmark, Xerox, IBM e QMS.

Se a sua impressora é nenhum dos modelos acima, ainda resta uma esperança. O PowerPrint USB (R$ 339) é um conjunto de cabo e software que reproduz milhares de drivers de impressoras de PC e é o meio mais confiável de conectá-las ao Mac. O único problema é o preço salgado no Brasil.

Tá na hora do hub

Entusiasmado com o preço dos produtos USB, você mete o pé na jaca e enche seu iMac de periféricos. Então chegou a hora de comprar um hub. Hubs USB começam a aparecer no mercado brasileiro e a tendência é aparecerem modelos de tudo quanto é marca. Às vezes o mais importante é dar uma olhada na fonte de força, item fundamental para um bom hub. A porta USB permite que vários equipamentos sejam plugados sem precisar de fonte de força, mas isso tem um limite. Se você está atrás de um modelo que orne com seu iMac coloridinho e transparente, pode escolher entre os hubs da **Belkin** (R$ 165) e o **iHub** (R$ 260), da MacAlly.

SCUSBee

MacAlly iHub (Bondi)

MÁRCIO NIGRO

Colaboraram: Heinar Maracy, Jean Boëchat, Douglas Fernandes e Mario AV

Macintosh cai nas graças da Web

Sites sobre Mac em português se proliferam

Não consegue encontrar informações na Web em português sobre Macintosh e o mundo que rodeia essas máquinas fantásticas? Então, você deve estar surfando pelos lugares errados.
Até há pouco tempo, era difícil encontrar uma fonte online de notícias em português sobre Macs. Até mesmo o site da Macmania só foi reavivado recentemente. Mas o retorno triunfal de Steve Jobs felizmente também teve impactos positivos na Web brasileira. Hoje já existem pelo menos cinco sites brasileiros voltados aos amantes da Apple, nos quais é possível encontrar notícias, resenhas, bate-papo e até uma rádio com programação via Internet. Confira a seguir o que está nas ondas da Internet.

Macmania www.macmania.com.br

É claro que não vamos falar de sites sobre Mac sem puxar descaradamente a sardinha pro nosso lado. Primeiro, porque é o nosso site e temos mais é que divulgar mesmo. Segundo, porque na nossa modesta opinião, o site tem se mostrado uma boa fonte de informações e referência, com notícias diárias sobre o que rola por baixo e por cima do pano no mercado de Macs, trazendo em primeira mão as promoções da Apple e de suas revendas. O visitante também pode fazer busca em todo o conteúdo do site e ler as principais matérias das últimas edições da única publicação de Macintosh do Brasil. No site da Macmania ainda é possível realizar a assinatura da revista, realizar downloads e anunciar nos classificados. E, aguardem, em breve já estará disponível o plug-in de Sherlock para o nosso site.

MacBBS www.macbbs.com.br

O MacBBS começou, obviamente, como um serviço de BBS (Bulletin Board System), na época em que Internet ainda era apenas uma palavra vaga e distante. Hoje ele é o único provedor de acesso brasileiro a utilizar um servidor baseado no Mac OS X Server. Apesar de não ser exatamente um site de informações, o Mac BBS está investindo firme na tecnologia stream do QuickTime 4, com uma rádio que transmite áudio estéreo e promovendo o primeiro webcast da Apple Brasil.

MacOS Rumors www.macosrumors.com.br

Versão brasileira (não da Herbert Richers) do já conhecido site homônimo em inglês. O site fala dos rumores, fofocas, intrigas, traições e tudo mais que rola no mundo dos Macs. Sidney Sheldon que se segure. O visual e o conteúdo, com algumas pequenas exceções, são superfiéis às páginas originais. O site ainda não está completamente acabado e alguns links ainda não estão funcionando. Mesmo assim, as notícias quentes do dia, que são o mais importante, estão sendo sempre atualizadas, o que já justifica uma visita periódica.

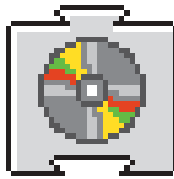
MacNews www.macnews.com.br

Site de notícias sobre Mac e afins, que está até exportando notícias para sites estrangeiros, como o da MacWeek. Além de publicar notícias diariamente, traz rumores que rolam nos bastidores e corredores do mercado macintoshiano, assim como links para assuntos relacionados a games e seções dedicadas para resenhas, fórum, bate-papo e LinuxPPC. De lambuja, ainda traz uma completa ferramenta de pesquisa. Promete para breve também fornecer acesso à Internet, com atenção especial aos macmaníacos.

e-Mac www.e-mac.jor.br

O e-Mac traz notícias semanais às vezes pouco ortodoxas sobre Mac, com chamadas do tipo "Judeu usa iBook e AirPort para transmitir aos parentes a circuncisão do rebento" ou "Usuário de PC se impressiona com gato magnético". Quem edita os texto é o jornalista Marcos Carlson, usuário de máquinas da Apple desde 1985. As notícias do e-Mac também são publicadas aos domingos no jornal O Estado do Paraná.

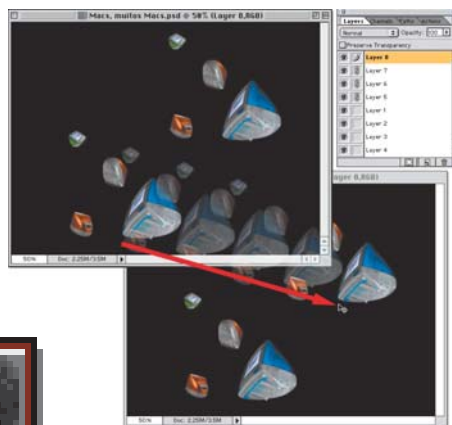
Monte CD-ROMs, mesmo com o Shift apertado

Eis uma dica para aquelas emergências em que você precisa consertar o Mac – com as extensões desligadas — com os programas utilitários que vêm dentro do CD de instalação do sistema (Drive Setup e Disk First Aid). O problema é que, ao segurar Shift no startup para impedir o carregamento das extensões do HD, a extensão Apple CD/DVD Driver não carrega; por isso, se um CD for inserido no drive, ele não irá montar no desktop. Existe, porém, uma gambiarra que resolve esse problema. Se você der partida no Mac com o drive ocupado por um CD-ROM "bootável" (isto é, com System Folder) e que contenha a extensão de CD, o Mac OS acessará aquele drive, carregará o driver na memória e o CD irá montar no desktop. Isso funciona com todos os CDs instaladores do Mac OS, incluindo o que veio com o seu Mac. Uma vez carregado, o driver permanecerá na memória. Você poderá, então, ejetar o CD e colocar outro, que ele irá montar normalmente.

Duplique grupos de layers no Photoshop

Você já deve ter se deparado com a seguinte situação ao criar layouts complexos no Photoshop: existe um certo conjunto de layers com figuras e textos que você quer duplicar e mover para outro lugar, mas a palete Layers só permite duplicar um layer de cada vez. Você seleciona e duplica os layers pacientemente, um a um, e depois não sabe qual é qual para deslocar para a nova posição. Felizmente, existe um jeito muito melhor de fazer isso:

•Agrupe os layers que devem ser duplicados juntos, clicando nos quadradinhos junto aos seus nomes na palete Layers (aparece um ícone de elo de corrente).

•Crie uma nova vista do documento (menu View ▸ New View).

•Selecione na lista o primeiro layer do grupo que deve ser duplicado e arraste-o de uma janela para a outra.

•Feche uma das duas vistas (tanto faz fechar a nova ou a original).

Pronto! Os layers estão duplicados, já na ordem certa na palete e prontos para serem deslocados para onde for necessário.

Mario AV mav@macmania.com.br

Atalhos clicáveis do Word

O Word 98 oferece acesso rápido para certas caixas de diálogo quando você dá dois cliques no item apropriado. Eis alguns atalhos que você pode experimentar:

•Duplo-clique Indent Marker na régua (Ruler) para abrir a caixa de diálogo Paragraph.

•Duplo-clique a régua para abrir a caixa de diálogo Document.

•Duplo-clique a barra de status Go To para abrir a seção Go To da caixa de diálogo Find and Replace.

•Duplo-clique em um espaço vazio no barra do menu para abrir a caixa Customize.

Como dar reset em monitores Apple antigos

Se você tem um monitor Apple Multiple Scan 17" ou Multiple Scan 20" e gostaria de "resetar" (voltar aos ajustes originais de fábrica), veja aqui o que fazer:

•Para dar um reset no brilho e contraste, aperte o botão Reset no painel do monitor com um clipe de papel.

•Para dar um reset em todos os parâmetros de imagem, segure Control (que está perto do botão Reset) e use o truque do clipe de papel. Para dar um reset em todos os parâmetros de imagem exceto brilho e contraste, selecione qualquer um dos botões de ajuste (aperte o botão Command no monitor) e então aperte o botão Reset.

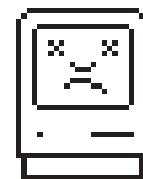
Outlook Express 5 sem janela

Aqui vão duas dicas para quem já está usando o Outlook Express 5.0 para pegar e enviar emails.

Se você está procurando um modo de fechar a janela principal do programa, existe uma opção nas preferências gerais (Edit ▸ Preferences ▸ General) que diz Display close box in main browser window. Marque o quadradinho e o botãozinho de fechar padrão do Mac OS irá aparecer na janela.

E mais: para mudar sua assinatura padrão (default), vá até Tools ▸ Accounts, selecione a abinha Options e escolha a assinatura que quiser.

Códigos do Mac morto

Em tempos modernos, os Macs não emitem mais a "musiquinha de caminhão de gás" quando há uma falha no teste de startup do hardware. Em vez disso, eles emitem um certo número de "bips", que depende do problema encontrado e do modelo de Mac.

Os códigos abaixo valem para o iMac, o G3 azul e os PowerBooks Bronze:

1 bip – RAM não detectada/instalada
2 bips – RAM incompatível
3 bips – Nenhum banco de RAM passou no teste de memória
4 bips – *Checksum* errado para o resto do *ROM boot block*
5 bips – *Checksum* errado para o *ROM boot block*

Estes são os códigos para o Power Mac G4:

1 bip – RAM não foi instalada
2 bips – Tipo de RAM incompatível
3 bips – Bancos de RAM ruins
4 bips – Imagens de boot ruins no *ROM boot* (e/ou *sys config block* ruim)
5 bips – Problema com o processador

Se você ouvir qualquer um desses bips e não acabou de instalar uma placa de RAM nem andou fuçando dentro do Mac recentemente, a Apple sugere que você não mexa em mais nada e entre em contato com uma assistência técnica autorizada.

Mande sua dica para a seção **Simpatips.** Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da **Macmania.**

MÁRCIO NIGRO

Domine seu email

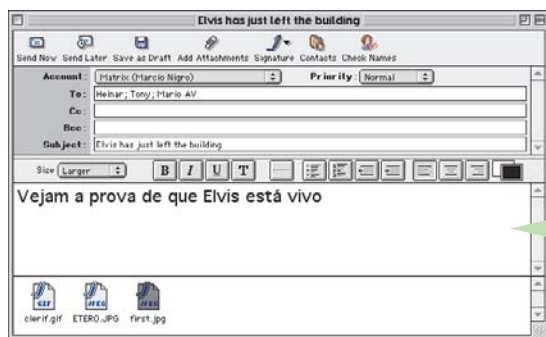
parte 3

Como lidar com arquivos “atachados”

Nas duas últimas edições, mostramos em nossas humildes páginas como configurar o Emailer, Outlook Express, Communicator e Eudora para receber e enviar mensagens, além de ensinar a criar filtros de email. Agora, nesta última parte, veremos como enviar *attachments* – arquivos anexos, também distos “atachados” (ou “atarrachados”, como se diz por aqui) – e como combiná-los com uma vida saudável e sem estresse.

Atachar algo a uma mensagem é uma tarefa simples, mas que exige alguns cuidados. Teoricamente, é possível enviar qualquer arquivo por email. O programa transforma o arquivo em texto, usando um sistema codificador (BinHex, MIME ou uuEncode). Ao chegar no destinatário, o seu programa de email detecta e transforma esse texto anexo em arquivo.

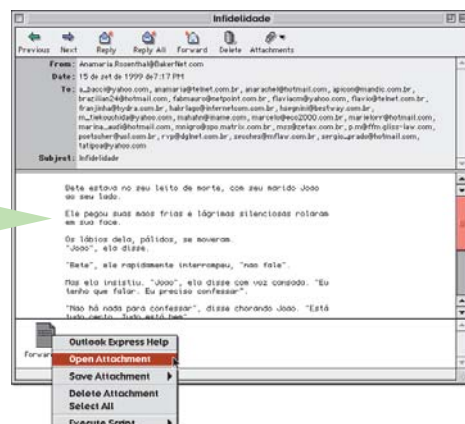
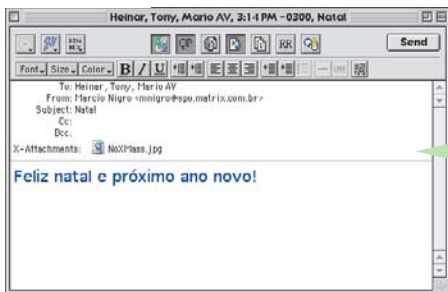
Se algo der errado, o destinatário só vê um monte de letrinhas sem sentido *(para entender melhor o assunto, veja a Macmania 55)*. Como veremos mais à frente, documentos anexos grandes podem incomodar muito quem está recebendo a mensagem. Por isso, o bom senso manda que você inclua arquivos que não demorem demais para serem baixados, a menos que enviar algo mais pesado seja realmente necessário (ou previamente combinado com o destinatário). Confira a seguir como “atachar” arquivos a uma mensagem e abri-los em cada um dos clientes de email disponíveis para o Mac.

Microsoft Outlook Express 4.5

Enviando – Crie uma nova mensagem com o comando ⌘N, ou clique em New na barra de ferramentas. Para anexar algum arquivo à mensagem, clique em Add Attachments (com o ícone de um clipe) no alto da nova mensagem. Pressione ⌘E. Ao contrário do que normalmente acontece, na caixa de diálogo de seleção você pode selecionar vários arquivos de uma vez, clicando no botão Add. Você pode incluir todos os arquivos de uma pasta clicando em Add All. Quando já tiver selecionado os arquivos, clique em Done.

A outra maneira de “atachar” arquivos é pelo velho método de arrastar os documentos para a janela do Outlook; é simples é rápido.

Se você clicar no attachment enquanto segura a tecla Control, aparecerá o menu contextual, pelo qual será possível abrir o arquivo (Open Attachment) ou excluí-lo (Delete Attachment). Escreva o que quiser no corpo da mensagem e envie o email.

Recebendo – Quando você receber alguma mensagem com algo “atachado”, um ícone de clipe de papel aparecerá ao lado do título da mensagem na lista. Se você apenas selecionar a mensagem, o texto aparecerá na parte inferior da janela principal do Outlook. À direita, haverá um clipe maior. Clicando nele, um menu permitirá que você salve cada um ou todos (All) os arquivos em algum local no seu HD.

No caso de você duplo-clicar a mensagem, será possível ver os ícones dos attachments, lado a lado, na parte inferior da janela. Se o arquivo for uma imagem JPEG ou GIF, ela provavelmente vai aparecer no próprio corpo da mensagem. Se o documento for de outra natureza, clique duas vezes sobre o seu ícone para abri-lo (se não houver nenhum programa normalmente associado ao documento, o Outlook perguntará qual software você quer usar para abri-lo). Ou então, clique sobre ele enquanto segura a tecla Control para acionar o menu contextual, pelo qual você poderá abrir, salvar ou deletar o documento.

Eudora Pro 4.2

Enviando – Crie uma nova mensagem no Eudora clicando no botão da "carta reluzente" na caixa de ferramentas ou use as teclas ⌘N.

Existem três jeitos de adicionar um attachment:

- Arraste um ou mais arquivos de alguma pasta ou do desktop para a janela da mensagem.
- Adicione-os um por um, clicando o terceiro botão (da direita para esquerda) na caixa de ferramentas.
- Use o atalho de teclado ⌘H.

Os arquivos "atachados" vão aparecer no cabeçalho Attachments. Se quiser excluir algum deles, selecione-o e pressione a tecla Delete. Seu email já está pronto para ser enviado.

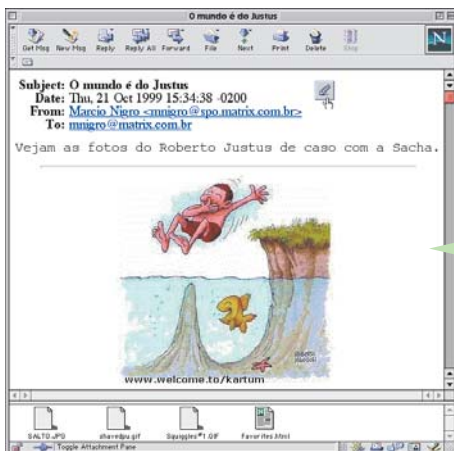
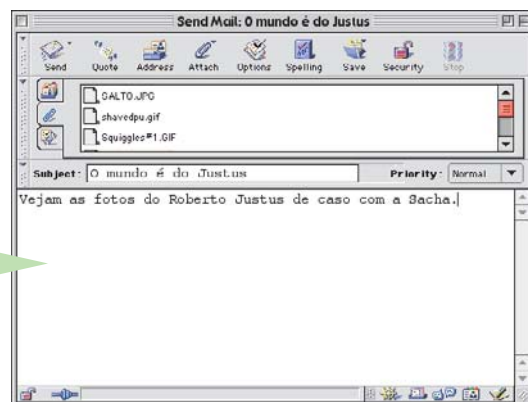
Recebendo – Quando receber um email com um arquivo "atachado", você verá o ícone de uma folha de papel ao lado da mensagem.

Ao abri-la, as imagens GIF e JPEG deverão aparecer no corpo da mensagem, e os demais attachments serão apresentados na forma de ícones de documentos.

Duplo-clicando qualquer ícone de attach, o documento será aberto com o programa que estiver associado a ele; senão, uma caixa de diálogo vai aparecer perguntando qual programa será utilizado para a tarefa (por exemplo, sugerindo associar o SimpleText a um arquivo tipo TXT). Indique onde está o software e selecione opção "Always use this application" caso queira que o Eudora sempre use o programa especificado para abrir outros arquivos do mesmo tipo.

Para salvar os arquivos em algum lugar específico no seu HD, simplesmente arraste-os da janela da mensagem para o seu destino.

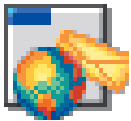
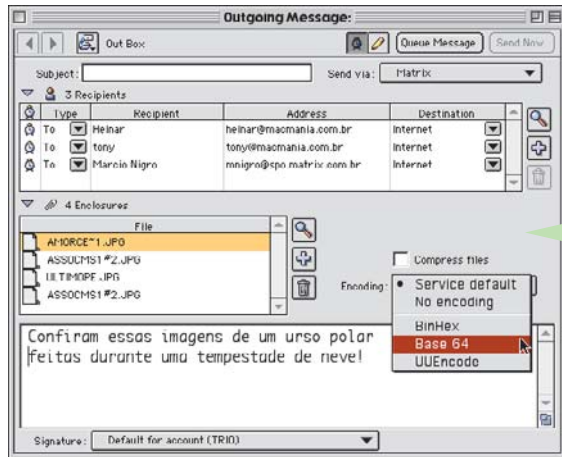
Netscape Messenger 4.5

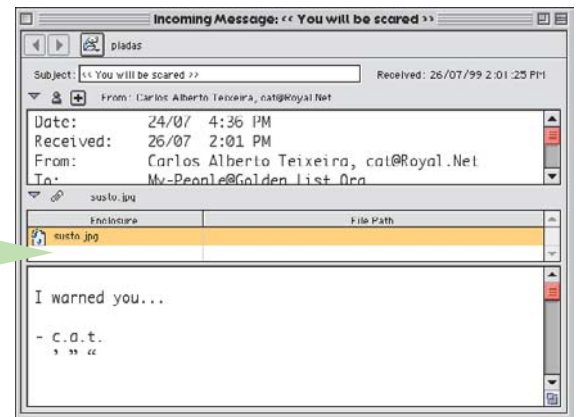
Enviando – Para "atachar" arquivos no Messenger do Netscape Communicator, clique em Attach após criar uma nova mensagem (⌘M ou clique em New Msg nas opções de ferramentas). Na caixa de diálogo, você poderá selecionar apenas um item por vez, de modo que, se quiser acrescentar outros, terá que repetir a operação. Por isso, o modo mais fácil de adicionar vários attachments é selecionar a abinha lateral com um clipe de papel e arrastar os documentos de uma pasta ou do Desktop diretamente para essa área. Para excluir algum documento anexado, simplesmente selecione-o e então aperte a tecla Delete. Com isso, já é possível enviar a mensagem.

Recebendo – Ao receber um email com attachments, você verá o ícone de uma carta com uma setinha, se a mensagem ainda não tiver sido lida, ou uma carta com clipe preso, se já tiver sido aberta.

Ao abrir a mensagem, os documentos "atachados" que forem imagens JPEG ou GIF aparecerão automaticamente no corpo da mensagem. Se quiser salvar a imagem para alguma pasta específica, clique sobre a imagem e mantenha o mouse apertado até aparecer o menu contextual e, então, selecione a opção Save As.

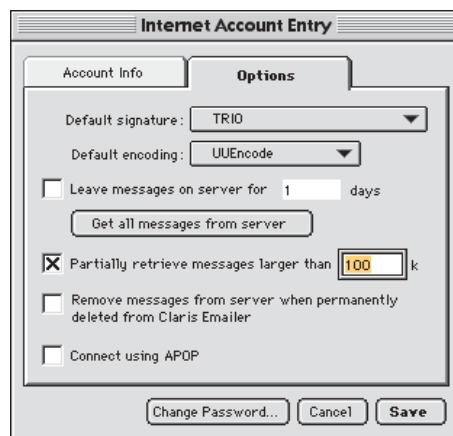
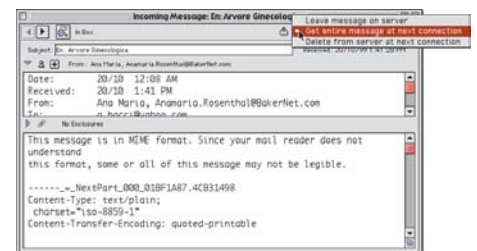
Clique no botãozinho com o ícone de clipe no alto da mensagem e todos os attachments vão aparecer num quadro na parte de baixo da janela.

Mantenha o botão do mouse pressionado sobre um dos arquivos anexos e o menu contextual dará as opções de abri-lo (Open Attachment) ou salvá-lo (Save Attachment As).

Você ainda tem a opção de arrastar o ícone diretamente para o seu desktop ou para alguma pasta visível no Finder.

Claris Emailer 2

Enviando – Ao criar uma nova mensagem (⌘N ou clicando no botão com um ícone de carta na barra de ferramentas), você verá, entre o cabeçalho e o corpo, um clipe de papel junto às palavras "No Enclosures". Logo à esquerda há um triangulozinho. Clique nele e surgirá um campo dedicado para adicionar attachments (as quais você já terá adivinhado que o programa chama de "enclosures"). Clique no botão com o símbolo "+" e mostre para o programa onde se encontra o arquivo.
Outra maneira de fazer isso é arrastar um ou mais arquivos do desktop ou de uma pasta para esse campo – ou para o clipe de papel, sem precisar abrir o campo.
Caso você não saiba onde se encontra o arquivo (ou ele não esteja visível na tela para ser arrastado), o Emailer inclui uma ferramenta de busca. Clique no botãozinho da lupa (não é a lupa do Sherlock!) e digite o nome do documento.
Para excluir algum item da lista de attachments, selecione-o e clique no botão da lixeira. Se você tiver o StuffIt instalado e quiser comprimir os arquivos "atachados", habilite a opção Compress files, mas lembre-se que a pessoa do outro lado pode não ter o StuffIt Expander para descompactá-lo, principalmente se for pecezista.
O menu Encoding oferece a opção de codificação. A que normalmente funciona com Macs, PCs e Unix é a uuEncode. Se não tiver certeza sobre qual opção utilizar, deixe em Service default. Pronto: já é possível enviar a mensagem.

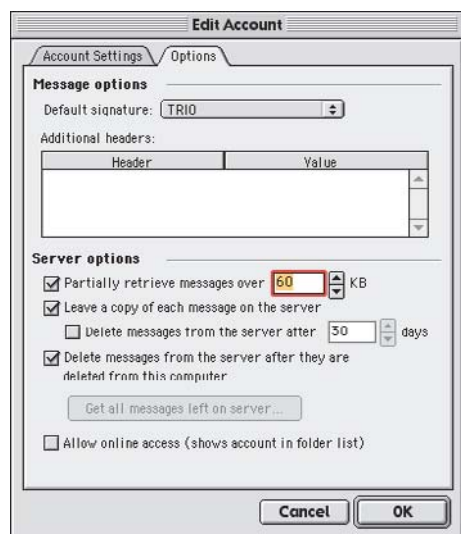
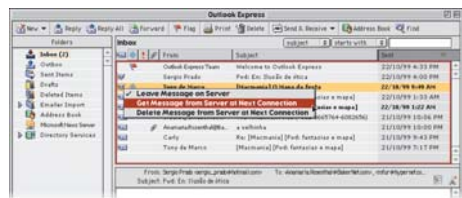
Recebendo – Quando você recebe um email com algum arquivo anexo, o Emailer mostra um clipe ao lado do nome da mensagem. Ao abri-la, você verá ao centro da janela a listagem dos attachments. Duplo-clique cada arquivo e o programa apropriado deverá abrir automaticamente com ele. Se nenhum software estiver associado ao documento, vai aparecer uma lista de programas. Escolha um que sirva e dê OK. Também é possível abrir o attachment arrastando-o para o ícone de um programa.
Os arquivos recebidos ficam guardados na pasta Emailer ▸ Downloads (que você pode mudar para qualquer outra, inclusive o desktop); você pode mudá-lo para qualquer outro lugar de seu disco, arrastando o seu ícone na janela de attachments.
Um detalhe que vale ressaltar é que o Emailer não apaga nenhum attachment, mesmo que você delete a mensagem que o trouxe. Por isso, fique de olho na sua pasta de downloads, para ela não ficar gorda demais.

Mensagens que empacam

Mandar ou baixar mensagens que trazem imagens engraçadinhas ou qualquer outro arquivo pode ser muito legal, mas também pode ser um belo estorvo. Tem coisa pior do que ficar esperando o programa de email baixar aquela mensagem com três megas para descobrir que o documento anexo era uma baita besteira? Tá certo, tem coisa bem pior que isso, mas é ruim do mesmo jeito.
A verdade é que ninguém em sã consciência deveria enviar um attachment muito grande sem consultar ou, pelo menos, avisar previamente quem vai receber. Isso deveria constar da Constituição, já que ninguém tem a obrigação de saber o conteúdo de uma mensagem antes de baixá-la e muito menos ter que esperar muito até terminar o download – geralmente, para ver que se tratava de algo estúpido.
Para nenhuma mensagem ficar empacando a sua caixa postal sem ser convidada, existe a solução de cortar o mal pela raiz. Programas como o Communicator e o Eudora oferecem opções que simplesmente ignoram mensagens com tamanho acima de um valor em KB estipulado pelo usuário. O problema disso é que você não vai ficar sabendo o conteúdo do texto da mensagem. Já o Emailer e o Outlook Express 5.0 (somente esta versão) executam essa tarefa de modo mais racional, baixando parcialmente o email. Veja como acionar essa função em cada software.

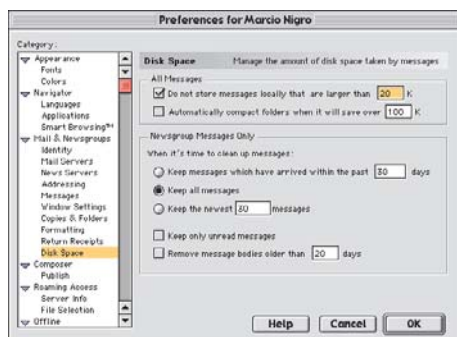
Emailer

Selecione a função Setup ▸ Accounts e duplo-clique o nome da conta a ser editada. Na janela Internet Account Entry, selecione a abinha Options. Você verá a opção "Partially retrieve messages larger than". Habilite-a e, no campo em branco, digite o tamanho máximo aceitável (50 K, por exemplo).

A partir de então, toda mensagem que for maior do que o valor estabelecido vai aparecer na lista com um ícone diferente: uma carta rasgada em vez da carta com um clipe. Ao abrir a mensagem, você verá no canto superior direito um menu que oferece as opções de deixar a mensagem no servidor (Leave message on the server), pegar a men-

sagem inteira na próxima conexão (Get entire message at next connection) ou deletar a mensagem do servidor (Delete from server at next connection).
Essas opções também aparecem se você clicar no iconezinho da carta rasgada. Depois de escolher uma das alternativas, o ícone mudará.

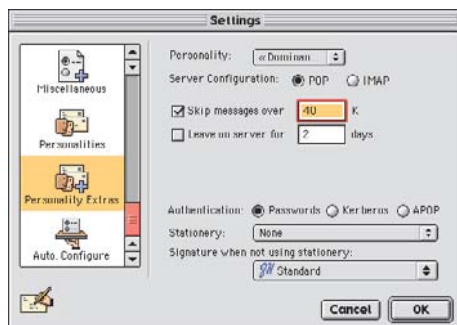
Outlook Express

O versão 5.0 do cliente de email da Microsoft marca a estréia desse recurso. Para acioná-lo, vá até o menu Tools ▸ Accounts.

Na janela que abre, duplo-clique a sua conta de Internet e selecione a abinha Options. Lá você encontra a opção "Partially retrieve messages over". Marque o quadradinho e defina o valor máximo de Kbytes.

Quando o programa encontrar um email que esteja acima desse limite um ícone diferente aparecerá do lado da mensagem. Clique em cima dele e você terá as opções de deixar a mensagem no servidor (Leave message on the server), pegar a mensagem inteira na próxima conexão (Get entire message at next connection) ou deletar a mensagem do servidor (delete from server at next connection).

Messenger

Vá até o menu Edit ▸ Preferences e clique no item Disk Space, localizado na categoria Mail & Newsgroup. Então habilite a opção "Do not store messages locally that are longer than". Por fim, digite qual o tamanho máximo que poderá ter uma mensagem. Os emails que não forem baixados ficarão no servidor.

Um conselho para quem usa o Communicator é desabilitar o recurso VCard. Se você não sabe do que estamos falando, o VCard foi introduzido no Communicator 4 para ser o equivalente a um cartão de visitas. Mas, no fundo, não passa de um attachment a mais que pode irritar quem está recebendo a mensagem. Para desativar essa função, vá até Edit ▸ Preferences ▸ Mail & Newsgroups ▸ Identity e desabilite "Attach my personal card to messages".

Eudora

Na barra de menu, selecione Special ▸ Settings. Na lista de categorias à direita, clique em Personalities Extras e escolha a "personalidade" (usuário) no menu Personality. Depois, habilite a opção "Skip messages over" e digite o número máximo de Kbytes que uma mensagem poderá ter para ser baixada.

É bom ter em mente que, no caso do Communicator e do Eudora, essa função simplesmente ignora as mensagens acima de valores determinados. O que quer dizer que você não saberá que elas existem. O Emailer e o Outlook são bem mais inteligentes nesse ponto.

É isso aí

Enfim, chegamos ao final da série especial do Bê-A-Bá do Mac dedicada a programas de email. Depois de tudo isso, você estará apto a sobreviver no selvagem mundo dos emails. Mas fique ligado, que logo voltaremos a dar mais dicas sobre o assunto. **M**

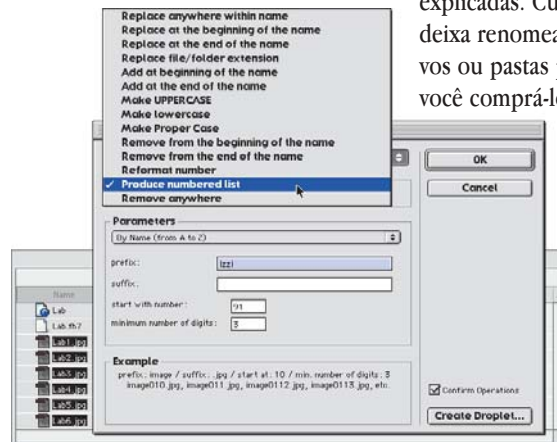
MÁRCIO NIGRO
mnigro@matrix.com.br
Passou a sentir enjôo toda vez que vê um programa de email.

Acelere seu Mac

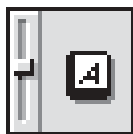
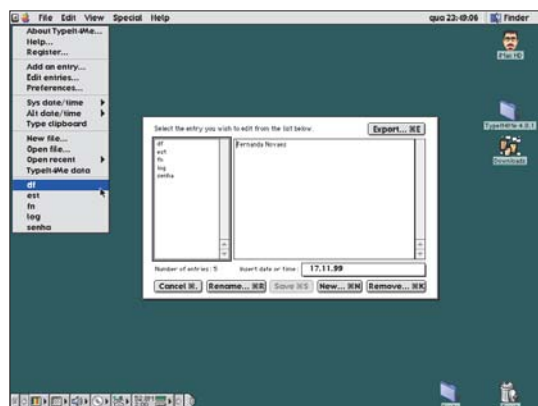
Conheça alguns programinhas que ajudam a tornar você e seu Mac mais produtivos

Velocidade é a palavra-chave no mundo da informática. O que há seis meses era super rápido hoje é muito lento e já não serve mais. Você compra um Mac de 400 MHz achando que comprou o computador mais rápido do mundo, mas depois de um mês (ou antes) aparece um de 500 MHz, por um preço mais barato do que aquele que você pagou. O que fazer? Se você não tem dinheiro para ficar comprando um Mac novo a cada lançamento e fica sempre tentando fazer mais rápido as coisas do dia a dia, espremendo cada ciclo do seu processador para conseguir alguns segundos de produtividade, você precisa conhecer dez sharewarezinhos bala que encontramos por aí. Eles não vão transformar seu performinha em um G4, mas com certeza vão te ajudar a fazer as coisas mais rápido.

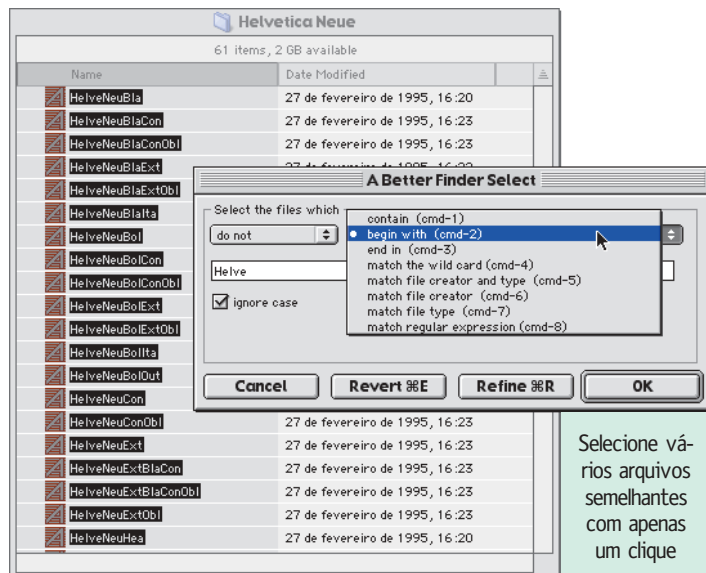
A Better Finder Rename

Sabe aqueles dias em que você precisa mudar o nome de um monte de arquivos para passá-los para um PC, para uma máquina Unix, para a Internet ou mesmo para organizá-los? Seu dia pode ser pior se você ficar renomeando um a um no Finder, ou pode ser melhor se você usar o A Better Finder Rename. A coisa é bem simples: selecione vários arquivos e clique em um deles com a tecla Control apertada para aparecer o menu contextual. Uma das opções vai ser *Rename*, o que leva a uma janela onde você pode escolher vários critérios de renomeação. Você pode pedir para ele numerar todos os arquivos ou pastas, deixar o nome em maiúsculas ou minúsculas, acrescentar sufixos ou prefixos (muito bom para quem trabalha com vários sistemas operacionais) e mais algumas outras funções muito úteis e muito bem explicadas. Custa US$ 15 e deixa renomear até 10 arquivos ou pastas por vez antes de você comprá-lo. Para ver, usar e comprar.

Renomear várias pastas e arquivos não precisa ser uma tarefa tortuosa

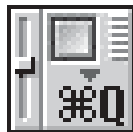
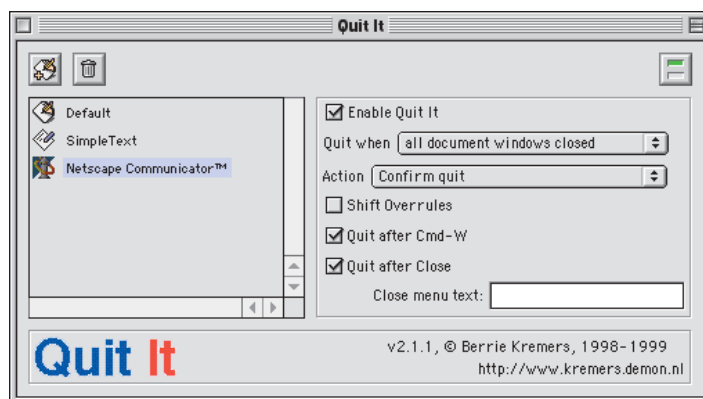
TypeIt4Me

Se você já usou o Word ou o Netscape, já notou que em algumas circunstâncias, quando você começa a digitar um texto, o programa procura entre as palavras que já foram digitadas para tentar adivinhar o que você quer escrever e já o coloca na tela?

Algumas pessoas não gostam disso, mas outras adoram e gostariam que isso existisse para todos os programas. O TypeIt4Me faz mais ou menos isso: você define algumas abreviaturas que, quando digitadas, se transformam em uma palavra que você usa constantemente (que você também define). Por exemplo, o seu nome, sua senha, seu endereço e coisas assim. Muito prático, fácil e grande otimizador de tempo. Confira.

Para bom digitador, meia palavra basta

A Better Finder Select

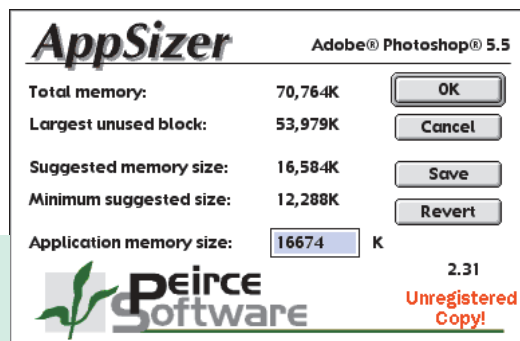
Irmão menor do Better Finder Rename. O funcionamento é mais ou menos igual: você seleciona vários arquivos, chama o menu contextual e escolhe um critério para selecionar apenas aqueles arquivos que você quer, por exemplo, todos que terminam com ".jpg", o que é muito mais rápido do que ficar selecionando arquivos um a um. Bastante útil para quem lida com vários arquivos ao mesmo tempo e precisa rapidamente selecioná-los. Limitado a dez seleções enquanto não é registrado.

Selecione vários arquivos semelhantes com apenas um clique

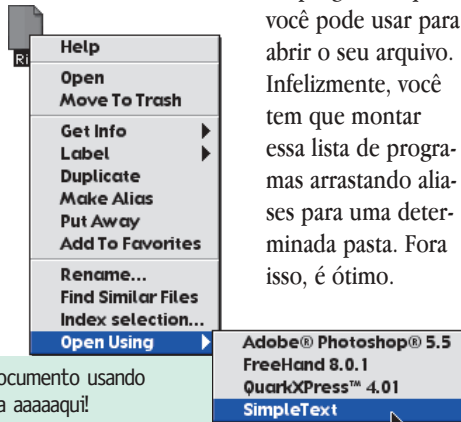
Quit It

Muitos ex-pecezistas que passaram para o lado do Bem (o nosso lado sempre é o lado do Bem) sentem falta de algo que acontecia no Windows e não rola no Mac: ao fechar todas as janelas de um programa no Windows, o programa também fecha. Muitas vezes os usuários de Mac, mesmo os mais experientes, acabam ficando com o programa de bobeira, sem arquivos abertos, o que acaba consumindo memória à toa. Se esse é o seu caso, apele para o Quit It. Ele é um control panel que deixa você definir qual programa vai fechar quando o último arquivo for fechado e tem algumas opções como dizer para ele confirmar antes de dar o Quit e quando exatamente isso vai acontecer.

O Quit It é bom para os ex-pecezistas que acham que um programa deve fechar quando todas as suas janelas forem fechadas

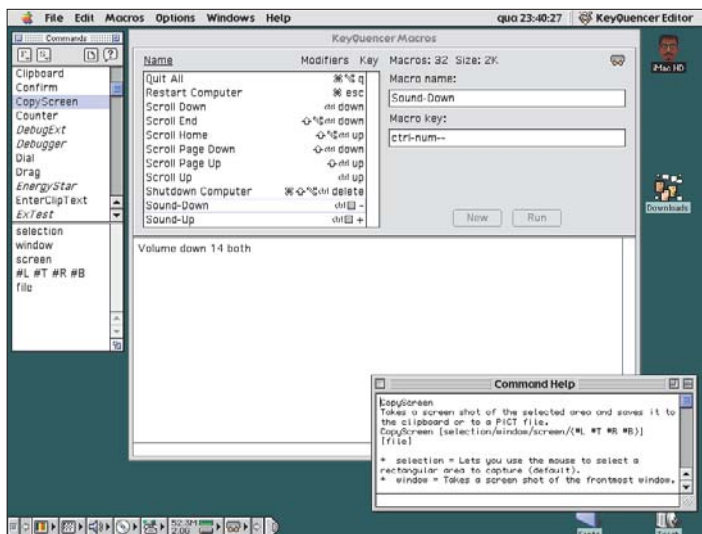
AppSizer

Shareware clássico entre os macmaníacos espertos e um programa fundamental na época em que os Macs vinham de fábrica com 4 MB de memória RAM e os pentes de memória custavam uma fortuna. Se você ainda sofre dos problemas de pouca memória, só tem duas saídas: ou toma Fosfosol ou baixa esse programinha, que ajuda a administrar cada byte de memória da sua máquina. Segure a tecla Control ou ⌘ (só existem essas duas opções) enquanto clica duas vezes para abrir um programa para que a janela do AppSizer venha à tona e deixe você colocar um novo valor de memória. A janela do AppSizer mostra o total de memória e quanto de memória livre você tem, e o mínimo de memória de que o programa precisa. A partir daí, dá para chutar um valor mais adequado às suas necessidades para cada programa que está sendo aberto e aproveitar melhor a memória. Confira.

Gerencie sua memória com o AppSizer

OpenUsing

Sabe quando você quer abrir um arquivo em um programa mas sabe que se clicar duas vezes nele o seu Mac vai abrir o programa que *ele* acha mais adequado? Por exemplo, quando você quer abrir uma imagem do Photoshop ou um texto do SimpleText em outros programas, tudo o que pode fazer é arrastar o arquivo para o ícone desse outro programa ou abrir o programa e dar um Open. Mas tudo isso é muito complicado e lento. Tente instalar esse menu contextual no seu computador: quando quiser abrir um arquivo em outro programa, aperte o Control e clique nele. Uma das opções será a *Open Using*, que tem uma lista de programas que você pode usar para abrir o seu arquivo. Infelizmente, você tem que montar essa lista de programas arrastando aliases para uma determinada pasta. Fora isso, é ótimo.

Eu vou abrir esse documento usando esse programa aaaaaqui!

KeyQuencer Lite

Para aqueles que adoram fazer tudo pelo teclado e deixar o mouse de lado, o KeyQuencer é um paraíso. Você pode automatizar quase tudo no seu computador, desde restarts até a troca de cores do seu monitor e, é claro, funções em vários programas. Tudo isso é feito definindo-se macros associados a comandos do teclado. O ponto negativo é que toda essa automatização é feita usando uma linguagem de programação, que apesar de bem documentada pode parecer um bicho de sete cabeças para muitas pessoas. Mesmo assim, vale a pena dar uma olhada se você não resiste a dar comandos para tudo ou se é fã do QuickKeys mas acha que não precisa de um programa de Macro comercial. Usa menus contextuais e o control strip para facilitar algumas ações.

Com esse programa você faz qualquer coisa sem tirar a mão do teclado

Startup Doubler

O nome pode até sugerir que o startup do seu computador (o que o computador faz desde o momento em que você o liga até o momento em que está pronto para ser usado) terá o tempo da sua duração duplicado. Mas é o contrário disso. Uma extensão é instalada no seu Mac e, a partir da segunda inicialização, você poderá sentir que o seu computador liga muito mais depressa. Esse "mais depressa" varia de máquina para máquina e depende dos softwares instalados.

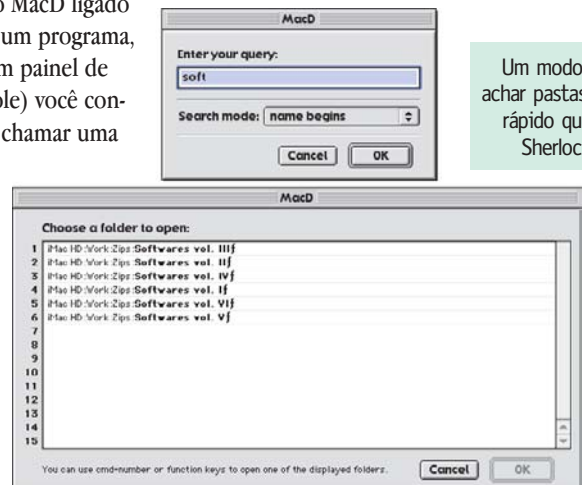
Um iMac 233 MHz com sistema 8.6, por exemplo, teve uma redução de cerca de 30% no tempo de startup e não apresentou nenhum problema de incompatibilidade.

O autor diz que pode chegar a até 50% em alguns casos. Para usar sempre.

O Startup Doubler é o modo mais fácil de acelerar o startup do Mac

MacD

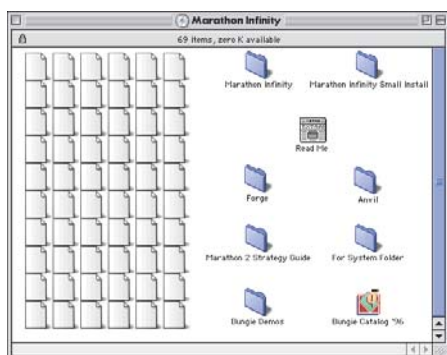
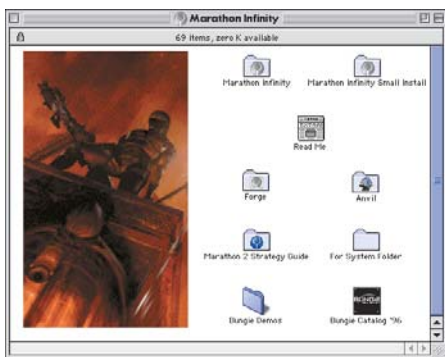
O MacD é um programinha para quem tem um monte de pastas dentro de pastas dentro do Mac. Com os discos crescendo de gigabyte em gigabyte de capacidade, é facil perder uma pasta no meio de um mar de ícones, e para achá-la você tem que ficar abrindo e fechando pastas até a exaustão. Com o MacD ligado (ele é um programa, não um painel de controle) você consegue chamar uma janela e colocar nela o nome ou as primeiras letras da pasta que você procura. Ele mostra uma lista das pastas achadas, e aí é só clicar em uma delas para abrir. É mais rápido do que o Sherlock ou o Find do sistema, mas você sempre precisa indexar o seu disco (ou pedir para fazer isso automaticamente). Menos um ponto pra ele. Mas ele chega lá um dia.

Um modo de achar pastas mais rápido que o Sherlock

CDIconKiller

Se você tem um Mac antigo (ou até alguns mais novos), sabe como é chato abrir um CD que tenha na janela principal imagens formadas por vários ícones juntos.

O efeito é até legal, mas demora anos para abrir e formar o desenho na janela.

A única coisa que o CDIconKiller faz é mostrar esses ícones bonitinhos que formam o desenho como ícones comuns (a famosa folha cinza com uma ponta virada), e se o ícone do CD e das pastas dentro dele também forem diferentes do padrão, ele mostra como se fossem pastas comuns. Pode parecer bobagem, mas isso economiza um tempo precioso.

Dê um fim nos ícones inoportunos

Onde encontrar

A Better Finder Rename	662 KB	www.publicspace.com/abetterfinderrename
A Better Finder Select	599 KB	www.publicspace.com/abetterfinderselect
Quit It	663 KB	www.kremers.demon.nl
TypeIt4Me	530 KB	www.r-ettore.dircon.co.uk
Startup Doubler	107 KB	http://marcmoini.com
AppSizer	182 KB	www.peircesw.com/appsizer.html
KeyQuencer Lite	1782 KB	www.binarysoft.com
CDIconKiller	24 KB	www.kagi.com/authors/fab/cdiconk.html
OpenUsing	63 KB	www.home.aone.net.au/carter/software/download
MacD	243 KB	www.poboxes.com/abeyeler

Quem conhece informática há algum tempo sabe que nem sempre as máquinas foram tão rápidas como hoje ou podiam ter tanta memória. Infelizmente, muitas pessoas e empresas ainda usam esses computadores menos dotados de, digamos, capacidade para operar rápido. Ou então, você tem uma máquina nova mas ainda não está satisfeito com o que tem e quer usar aquele resto de megahertz que o vendedor falou que tinha. Se você já fez todo o possível pelo seu computador, comprando memória, colocando mais discos ou acendendo vela pra santo para que ele deslanche na vida, ainda existe alguma esperança com esses programinhas. Mas vale uma dica: não tente usar todos ao mesmo tempo, porque aí o efeito pode ser o inverso e você pode acabar com uma carroça. M

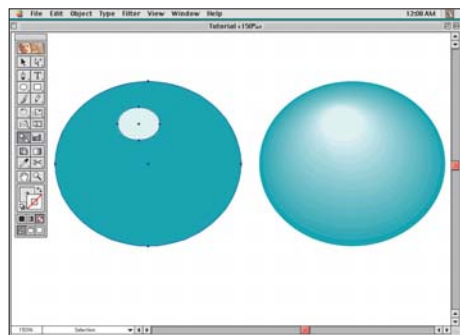
DOUGLAS FERNANDES dougfern@dialdata.com.br
Tem inveja de quem tem Ferraris e G4s.

Ilustração profiça

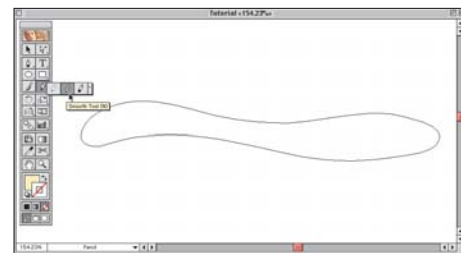
Desenhe usando blends e efeitos chocantes no Illustrator

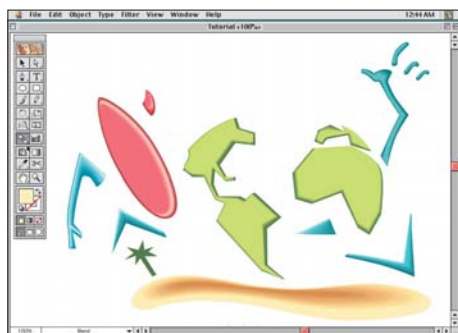
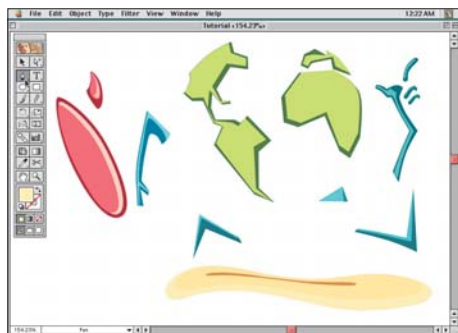
Você é um ilustrador profissional e acaba de receber um pedido de uma revista de ciências para crianças: fazer uma ilustração sobre a quantidade de água existente na Terra. É lógico que você pensou em desenhar o nosso planeta com uma prancha de surf, mas não sabe como começar. Fácil! É só abrir o Adobe Illustrator 8, ler este tutorial com atenção e seu problema estará resolvido.

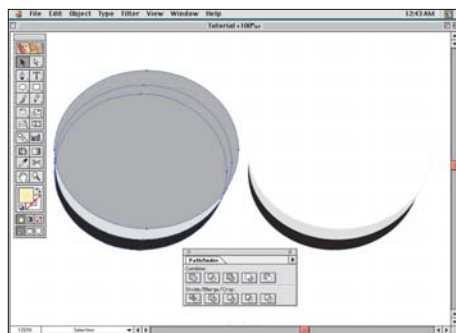
Fazendo os blends

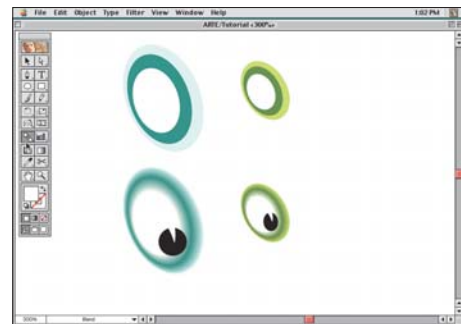
Vamos começar pelo "corpo".
Depois de escolher uma cor na palete Color, faça uma elipse com a Ellipse Tool [L] e outra menor por cima, com a mesma cor bem mais clara, quase branco. Selecione as duas elipses e, com a Blend Tool [W], clique em algum ponto da figura maior e no seu correspondente na figura menor, fazendo um blend entre as duas. Se não gostar do resultado, você pode mudar a cor, mover as figuras ou mudar as proporções, que o blend se ajustará automaticamente.

Para o seu arquivo não ficar muito pesado, pode-se reduzir o número de *steps* (etapas intermediárias que formam o blend). É só dar dois cliques no ícone Blend Tool, selecionar Specified Steps na opção Spacing e digitar um número. Quanto menor for o número de etapas, mais leve ficará o seu arquivo e mais rápido ele será redesenhado na tela. Mas, em compensação, a suavidade (transição de uma cor para outra) perderá qualidade.

As outras peças são feitas com a Pen Tool [P], de maneira bem direta, criando poucos pontos. As formas mais regulares, como a prancha, podem partir de uma elipse com os pontos ajustados pela Direct Selection Tool [A] (seta branca).

Com a Pen Tool, faça o chão, clicando e arrastando para criar os pontos de curva.
As curvas mal resolvidas podem ser suavizadas usando a Smooth Tool [N], nova ferramenta que facilitou bastante o uso da Pen Tool e da Pencil Tool [N].

Copie cada uma das figuras, reduza o tamanho e coloque por cima, clareando as cores e movendo os pontos para se ajustarem melhor. Selecione cada par de figuras e use a Blend Tool nos pontos correspondentes.
A prancha, a quilha da prancha e o chão podem ter uma terceira figura intermediária,

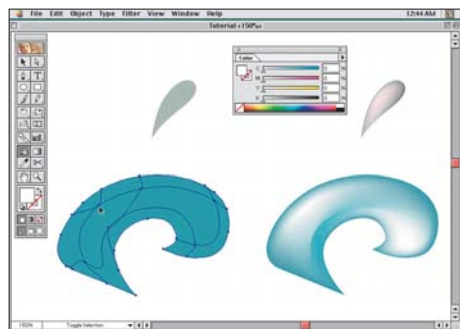
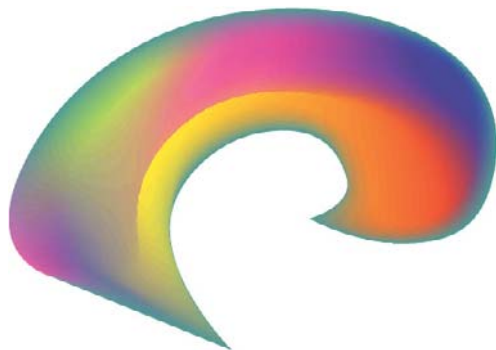
mais clara, para dar mais volume. Nesses casos, passe a Blend Tool nas três figuras.

Intersecções de formas

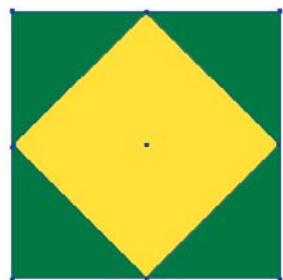
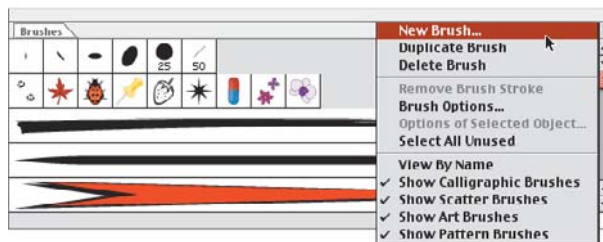
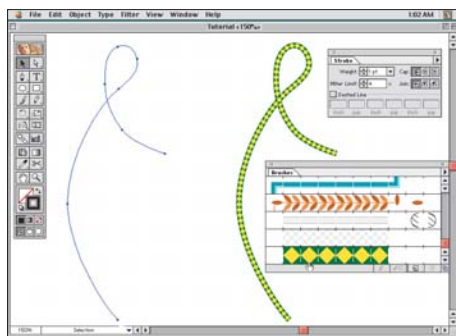
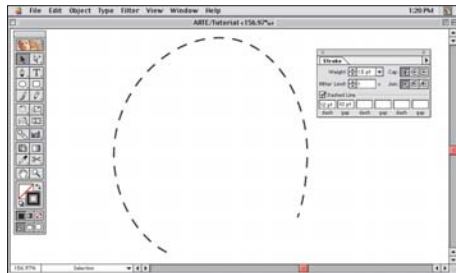
Para fazer a boca e os dentes da Terra, em vez de você tomar uma surra da canetinha da Pen Tool, faça três elipses de cores diferentes, desloque as duas de cima, selecione todas e use o comando Divide, da palete Pathfinder. As figuras serão interseccionadas (cortadas entre si).

Após aplicarmos qualquer comando da palete Pathfinder, as figuras resultantes estarão automaticamente agrupadas. Com a Group Selection Tool (a seta com símbolo +), selecione as partes que não interessam e delete-as. A Group Selection Tool permite selecionar uma única figura dentro de um grupo, sem precisar desagrupar. Experimente os outros comandos do Pathfinder para ver os resultados. É muito prático para criar formas.

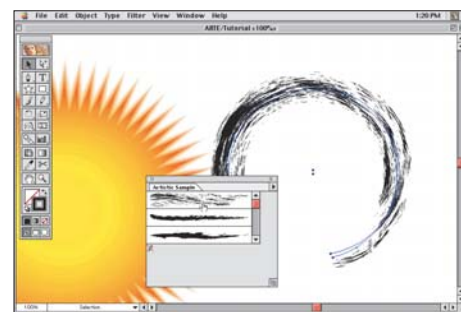
Cada olho é formado por três elipses sobrepostas, de cores diferentes, para formar um blend. As elipses de baixo deverão ter a mesma cor da figura à qual o olho vai se juntar. No caso do olho esquerdo, a cor de baixo é azul, pois vai se juntar ao mar, enquanto a do olho direito é o verde mais claro dos continentes.

Agora, vamos fazer a onda-topete e as gotas. Faça uma figura em forma de gota usando a Ellipse Tool e a Convert Direction Point Tool

Option P (variação da Pen Tool que transforma curvas em pontos de quinas). Faça o topete com a Pen Tool ou com uma elipse, adaptando sua forma e subtraindo partes com os comandos da palete Pathfinder.

Degradês de malha

Agora, a maior novidade da versão 8 do Illustrator: Gradient Mesh!
Cada clique com a Gradient Mesh Tool U na figura cria uma espécie de malha com pontos que podem ser movidos com a Direct Selection Tool. É só clicar, escolher uma cor na palete Color (ou na Swatches) e correr pro abraço!

Veja no exemplo abaixo as incríveis passagens de cores, com controle quase total. Vale a pena estudar suas possibilidades. É com isso que todo aerografista sonhou a vida inteira!

Efeitos de linhas

Para fazer o elástico da prancha, vamos criar um *pattern brush* (pincel com padrão).
Faça um quadrado, usando a Rectangle Tool M com a tecla Shift pressionada. Faça outro menor, de cor diferente, gire-o 45 graus com a Rotate Tool R (também com Shift) e coloque-o sobre o maior. Selecione os dois, vá ao menuzinho da palete Brushes e indique New Brush.

Na janela que se abre, selecione New Pattern Brush. Abre-se outra janela, chamada Pattern Brush Options, onde você poderá dar um nome ao pattern. Clique em OK e está criado seu novo pincel, com o respectivo ícone já aparecendo na palete Brushes.

Faça um path na forma do elástico sem Fill e, como Stroke, selecione o ícone de seu pattern na palete Brushes. O pattern deverá se ajustar ao formato do path.
Se o pattern ficar muito grande ou pequeno, ajuste sua espessura no controle Stroke Weight na palete Stroke. Outra opção é dar dois cliques no ícone do pattern na palete Brushes e indicar na janela Pattern Brush Options uma porcentagem maior ou menor em Size.

As linhas pontilhadas da Terra são muito fáceis de fazer. Crie um path e, na palete Stroke, selecione a opção Dashed Line, escolhendo os valores de Dash (traço) e Gap (intervalo) desejados. Experimente valores bem diferentes para ver o resultado. Esse comando é muito útil na execução de mapas.

Fazendo um Sol

Desenhar os raios do Sol é muito mais fácil do que parece, depois do desenho pronto. Use a Star Tool L, do mesmo menu da Ellipse Tool.
Arrastando a ferramenta e pressionando as teclas de setas verticais ↑↓, você escolhe a quantidade de pontas da estrela (↑ = mais pontas, ↓ = menos pontas). Arrastando com a tecla ⌘ pressionada, você escolhe o ângulo dessas pontas.
Aplique o gradient Yellow & Orange Radial, o default da palete Swatches (você pode editar suas passagens e tons na palete Gradient). Copie ⌘C a figura da estrela, pinte de branco (se o fundo da ilustração for branco) e coloque-a por trás ⌘B, aumentando o tamanho com a tecla Shift pressionada.
Use a Blend Tool entre as duas figuras. Note que o degradê da estrela se funde ao fundo branco uniformemente.
Para finalizar, faça um path curvo e aplique uma das pinceladas default da palete Artistic Sample (Window ▸ Brush Libraries ▸ Artistic Sample), colocando-o sobre a estrela.

O Illustrator "tomou emprestado" esses brushes do programa Fractal Design Expression, que por sinal resolvia muito melhor esse tipo de pincel, podendo editar sua espessura e até aplicá-lo com transparência.

Finalizando

Você não precisa ser tarado ao ponto de querer resolver toda a Ilustração em vetores (embora não seja impossível). Alguns detalhes são muito mais fáceis quando feitos no Photoshop. Mas, cuidado! Até a versão 5.0, o Photoshop não reconhecia certos efeitos novos do Illustrator, como o Gradient Mesh. Para não ter erro, vá ao menu File ▸ Export do Illustrator e salve o arquivo como Photoshop 5, escolhendo a resolução desejada e mantendo a opção Write Layers se você quiser que o Photoshop reconheça os layers do Illustrator.
Pronto! Agora é só entregar a ilustração, pegar a grana e ir pra praia pegar umas ondas! M

MARIO BAG
mariobag@domain.com.br
É ilustrador, mas nunca praticou surf.

Ano 2 - Nº15
Parte integrante da revista Macmania
Não pode ser vendido separadamente

MacPRO

o suplemento dos power users

ProNotas

OpenGL 1.1.2 na praça

Apple adiciona suporte ao Velocity Engine

A Apple lançou para download gratuito uma versão de sua implementação do **OpenGL,** projetada para trabalhar com o Mac OS.

O OpenGL permite que Macs mostrem imagens 3D baseadas em padrões gráficos universais, originalmente desenvolvidos pela Silicon Graphics em 1992. Desde então, o OpenGL ganhou aceitação em várias plataformas de computadores, em parte porque é um padrão aberto com características e especificações não controladas por qualquer empresa, diferente do Direct3D da Microsoft ou do QuickDraw 3D da Apple. Em janeiro deste ano, a Apple anunciou que adotaria o OpenGL como a API de gráficos preferencial da companhia e que logo introduziria o driver compatível com o Mac OS. A versão 1.0 ficou pronta em abril.

O OpenGL 1.1.2 requer um sistema baseado em PowerPC, com 32 MB de RAM ou mais e Mac OS 8.1 ou superior (incluindo o Mac OS 9). Precisa também do QuickDraw 3D 1.6; vem com um instalador deste no pacote de software.

O OpenGL 1.1.2 está disponível para download no site da Apple, em formato BinHex ou MacBinary.

Apple: www.apple.com/opengl

Desenvolva software para o Mac OS 9

Saem kits de desenvolvimento para as novas tecnologias do sistema operacional

A Apple lançou kits de desenvolvimento de software para algumas das novidades do Mac OS 9. O **Game Sprockets SDK** inclui todos os sprockets do Mac OS 9 (DrawSprocket 1.7.2, InputSprocket 1.7.2, NetSprocket 1.7.1 e SoundSprocket 1.7.1), e o **ColorSync 3.0 SDK** contém a coleção completa de instaladores, cabeçalhos, bibliotecas e utilitários para trabalhos de perfil profissional.

O Security SDK traz as informações de programação para o Keychain Manager, Cryptographic Message Services e Macintosh File Signing (incluindo a aplicação Apple Signer, necessária para assinar arquivos digitalmente de modo que o Apple Verifier e URL Access possam verificá-los).

Esses kits podem ser mais tentadores do que você pensa, uma vez que alguns deles podem trazer as tecnologias do Mac OS 9 para o 8.6. O ColorSync SDK, por exemplo, inclui um instalador completo e *stand-alone* do ColorSync 3.0, que pode ser utilizado com o Mac OS 8.6. Além disso,eles podem ser baixados livremente da Internet.

Apple: http://developer.apple.com/sdk

O PDF na pré-impressão

Fique por dentro da mais nova revolução tecnológica que vai mudar o seu jeito de trabalhar com DTP

por Bruno Mortara

Quem trabalha com pré-impressão sente-se arrebatado a cada nova corrente tecnológica que chega ameaçando as rotinas de trabalho conquistadas com esforço e experiências por vezes penosas. Deixar-se levar ou não pela correnteza do PDF (Portable Document Format) certamente está sendo questão em pauta na maioria dos bureaus, estúdios e editoras. Pois a esse respeito digo, sem medo de exagerar: o PDF vai arrebentar na minha, na sua, na nossa praia. Ele já está transformando as rotinas de criação de documentos e impressões digitais, fotolitos, chapas, personalizações, multimídia, documentação em CD e Web Design.

> O PDF é uma tecnologia derivada do PostScript, o fundamento do DTP

Um pouco de história

O PDF é resultado da evolução do PostScript, é uma linguagem de descrição de páginas criada pela Adobe Systems para os aplicativos "falarem" com os periféricos, independentemente da resolução de saída. O mesmo arquivo PostScript pode gerar uma impressão em jato de tinta (300 dpi) ou uma saída em fotolito (2400 dpi). A consagração do PostScript não demorou, mas a exigência de melhorias na linguagem por parte da própria Adobe e de toda a indústria resultou no surgimento do PostScript Nível 2. Alguns conceitos dignos de nota nessa etapa do desenvolvimento do PostScript foram: melhor administração de memória e de fontes, cache de páginas e separação de cores no RIP (*raster image processing*, máquina que "mastiga" o código PostScript para facilitar o trabalho da impressora/imagesetter).

Nesses "anos de ouro", a Internet cresceu de tal maneira que a indústria de software não pode mais manter separadas as ferramentas de pré-impressão e de Web. Alguns sinais dessa tendência foram a introdução de ferramentas para Web no FreeHand e no Photoshop. A Adobe decidiu criar o PostScript Nível 3 como estratégia de reunir as mais variadas maneiras de *publishing* (papel, papel *high-end*, CD multimídia e Web).

Quem fabrica plug-ins para o Acrobat Exchange

- **Trapping:** In-RIP Trapping (Michael Jahn & Agfa)
- **Impressão em imagesetters e platesetters:** Crackerjack™ (Lantana)
- **Imposição:** PDF Imposer (Computerstream Limited)
- **Edição e preflight:** PitStop (EnFocus Software, Inc.)

Acrobat

A Adobe introduziu uma série de programas juntamente com as especificações do Nível 3 e do formato PDF: a família Acrobat. O Acrobat é um conjunto de quatro aplicativos:

PDF na pré-impressão

continuação

•**Reader** – Leitor de arquivos PDF. Permite visualizar e imprimir esses arquivos nas mais diferentes plataformas. Distribuição gratuita.
•**Exchange** – Permite visualizar um arquivo PDF e também aceita anotações e criação de links entre páginas do mesmo arquivo, ou até entre elementos de um .PDF e páginas da Web. O Exchange tem arquitetura de plug-ins e pode ser ampliado com novas funções, como checagens de fontes e imagens, separação de cores, impressão nos periféricos mais variados, catalogação, criação de HTML, SGML etc.
•**Distiller** – Serve para transformar arquivos PostScript Nível 1 ou 2 em PDF.
•**PDF Writer** – Serve como driver de impressão, permitindo que os programas criem diretamente arquivos PDF. O PDF Writer tem distribuição livre.

As novidades

As principais modificações introduzidas com o Acrobat são a independência total entre as páginas do mesmo documento em relação a fontes, recursos e imagens, suporte a sistemas de administração de cores (*ICC profiles*) e suporte a OPI (Open Prepress Interface). Como as páginas são independentes no PostScript Nível 3, um arquivo PDF pode ser imposicionado por um software de imposição ou ter seu *trapping* modificado. Com a enorme mobilidade conferida pelo Acrobat, os arquivos podem ser visualizados e checados, e os problemas com fontes, posicionamento de imagens e outros, corrigidos facilmente, em qualquer momento e em qualquer plataforma, independente do computador em que foi criado.

As vantagens

Compare o fluxo de trabalho nas diferentes versões do PostScript:

Nível 1

Após verificarmos que a nossa publicação está certa, procedemos à geração do arquivo de saída PostScript com a ajuda do driver do sistema operacional (*LaserWriter driver*). Este convoca o PPD (*PostScript Printer Description*), onde estão resumidas as características físicas do periférico. Esse arquivo é pré-separado (CMYK) e enorme, não pode ser visualizado com segurança e, ao ser mandado para o bureau, elementos cruciais como fontes e imagens de alta resolução podem estar faltando, gerando refações caras e desnecessárias.

A maioria da indústria prefere a pré-separação de cores para garantir resultados previsíveis

As informações referentes ao periférico (*hardware dependent*) estão contidas no PostScript. Os dados vindos do PPD – linhatura (em lpi ou lpc), ângulos de retículas e resoluções – podem não estar corretos, causando perdas e refações.

Nível 2

Da mesma maneira como no Nível 1, partimos do arquivo gerado por nossa publicação com o auxílio do driver de impressão.
O PostScript é CMYK e contém as dependências de hardware vindas do PPD. A única vantagem que o usuário de serviços gráficos sentiu com a introdução do PostScript Nível 2 foi a melhor administração da memória, que reduziu tremendamente os problemas de erros ("Offending Command:@##...") e o tempo de processamento, transferindo o gargalo dos RIPs para outras etapas do processo (*trapping*, digitalização etc.).
As promessas de separação de cores ou *trapping* no RIP não foram realizadas na maioria dos casos. O mesmo se pode dizer da potencial utilização da separação no RIP para corrigir cores e mantê-las consistentes ao longo do processo de produção.
A grande maioria da indústria no mundo e no Brasil se ateve ao processo de pré-separação de cores, desde a digitalização dos originais. Isto é, um workflow CMYK que garante resultados previsíveis desde o início dos trabalhos. O *trapping* ainda é feito nos programas de desenho (Illustrator ou FreeHand) ou nos programas de layout (QuarkXPress ou PageMaker) ou após a geração do PostScript, gerando um .PS *trapped*.

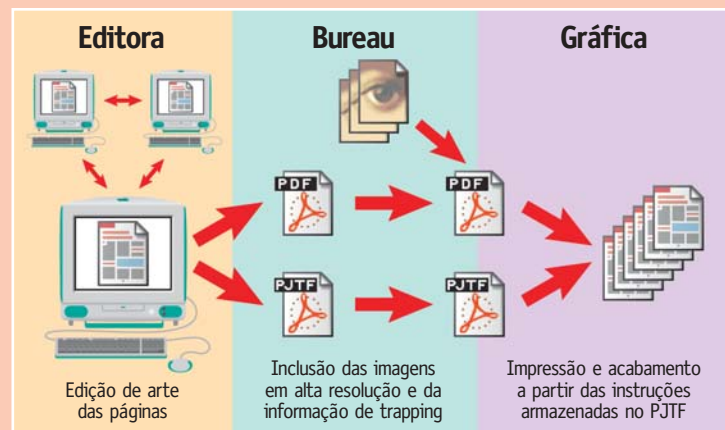
No Nível 3, tudo pode ser feito em PDF, em RGB, sem preocupações com traps ou cores

Nível 3

Aqui se inicia a revolução. Desde o bate-bola inicial entre departamentos de design, redação, editorial etc., tudo pode ser feito em PDF. As imagens são digitalizadas em RGB ou sRGB, todas com *profile* embutido. Em seguida, são feitas as ilustrações em programas como o Illustrator ou o FreeHand, sem preocupação com *trapping* ou espaços de

Onde saber mais

•**Adobe:** www.adobe.com
•**PDF Zone:** www.pdfzone.com
•**Agfa:** www.agfahome.com
•**Heidelberg:** www.heidelberg.com
•**Lantana:** www.lantanarips.com
•**Enfocus:** www.enfocus.com

O que é o Adobe Extreme

A tecnologia Adobe Extreme foi criada inicialmente para demostrar que era possível utilizar RIPs PostScript para renderizar páginas na mesma velocidade elevada das impressoras laser monocromáticas, como as da IBM e Xerox. Ele representa um passo adiante na arquitetura de impressão, no qual os arquivos nativos (*masters* digitais) são PDF e os arquivos de controle são PJTF (*Portable Job Ticket Format*).
A intenção dos engenheiros da Adobe foi lançar mais uma estrada em direção à novas possibilidades de workflow, fundindo os conceitos de workflow distribuído e processamento distribuído. Por exemplo: a editora cria uma revista e faz os PDFs e e PJTFs, que vão para um bureau, o qual adiciona os arquivos de alta resolução OPI, faz o trapping e gera novos PDFs. Estes irão para a gráfica, que gerará chapas CTP (Computer-to-Plate), orientada pelo PJTF. A impressão é orientada pelo PJTF e o refil e a encadernação também podem ser orientados pelo PJTF.
Como observamos, o PJTF é a linha-guia do PDF ao longo de todo o processo de produção.

cores. Tudo isso é reunido em um programa de paginação (PageMaker ou QuarkXPress) e todas as correções entre ilustradores, redatores e editores ficam sendo em PDF.
Com o PDF, pode-se fazer anotações e mandá-lo de volta, facilitando muito o trabalho de editoração. Quando o arquivo estiver pronto para impressão, é feito um PostScript genérico *composite*, a partir do qual é gerado o PDF com o Acrobat. Com esse PDF, inicia-se o novo fluxo de pré-impressão, onde poderão ser efetuadas as seguintes operações dentro do RIP:

- **OPI** – Substituição das imagens de baixa resolução por imagens de alta.
- **Trapping** – Engrossamento de linhas ou áreas para que não surja aquele terrível filete branco entre elementos de cores diferentes.
- **Correção de cores** – Para que as cores finais correspondam às esperadas, usando-se um sistema de administração de cores (CMS), como o ColorSync da Apple.
- **Separação de cores** e geração das quatro (ou mais) tintas do processo CMYK.

O futuro do workflow

Se o processo estiver configurado com mais de um RIP para aquele periférico de saída (*imagesetter, platesetter* etc.), poderemos nos valer de mais uma incrível capacidade da arquitetura Extreme do PostScript nível 3: o PDF é distribuído entre um ou mais RIPs e, à medida que uma página fica pronta em um RIP, ele a manda para a saída. Portanto, páginas mais pesadas não são mais um "gargalo" como num fluxo do tipo "fila indiana".
Como a competitividade das empresas de pré-impressão é crucial para a sua sobrevivência, temos que ficar de olho nesse novo modo de trabalhar, verificando caso a caso quais serão os benefícios econômicos e de produção e escolhendo as partes desse fluxo de trabalho a serem adotadas gradualmente. Certamente, nos próximos anos a indústria convergirá para o workflow Extreme/Nível 3.
Como pioneiros, temos dois excelentes exemplos, dos quais falaremos em artigos futuros: o Agfa Apogee e o Heidelberg Prinergy. **M**

BRUNO MORTARA
É diretor do bureau e provedor de acesso Prata da Casa:
www.pratadacasa.com.br

Adicionando scripts

Curso de AppleScript, parte 8

por Maurício L. Sadicoff

Você, a esta altura, já deve ter ouvido falar de Scripting Additions. O quê? Não ouviu? Tsc, tsc... Vamos ter que resolver isso. Como eu havia prometido, hoje vamos destrinchar as Scripting Additions. *Afinal de contas, que diabo é isso? E onde foi mesmo que vi isso escrito?* Foi no nosso querido Script Editor, mais especificamente, quando você chamou o comando Open Dictionary. Você encontra um botão que diz: "Go to 'Scripting Additions' folder." Se você clicar nesse botão, maravilha das maravilhas: lá vai você parar numa pasta chamada Scripting Additions, que obviamente tem um monte de coisas com ícones que parecem scripts ali dentro.
Acontece que esses ícones não são de scripts. São de dicionários. Se você andou seguindo tudo direitinho até aqui, já deve ter visto esses ícones em algum lugar. Em todo caso, vamos abrir um desses arquivos. Escolha `display dialog` e vamos em frente que atrás vem gente:

Display Dialog Dictionary
System Objec...
display dialog
reply
display dialog: Display a dialog.
display dialog anything -- title of dialog
[default answer anything] -- default editable text
[buttons list] -- list of up to three buttons
[default button anything] -- name or number of default button
[with icon anything] -- name or id of the icon to display
[with icon stop/note/caution] -- display one of these system icons
Result: reply -- record containing the button hit and text entered (if any)

Na janela que se abre, algo que já vimos antes. Lembra do dicionário do Finder? Parecido, não? Pois é, mas se você notou, até agora usamos o verbo `display dialog` adoidado, mas esse comando não estava no dicionário do Finder. Como o Script Editor podia aceitar? Fácil: era uma scripting addition. Ou seja, scripting additions estão para o AppleScript assim como as extensões estão para o Mac OS, com a única e relevante diferença de as scripting additions não congelarem o sistema.
Pois bem, agora que você já sabe o que é essa scripting addition, que tal olhá-la com mais detalhe? Clique em "display dialog", à esquerda, logo acima de "reply". O que você vê é uma lista de parâmetros, como aquela do dicionário do Finder. Note, no entanto, que o resultado (`return`) do script é algo chamado `reply`, que até agora não foi definido.
Por isso, os caras que escreveram essa scripting addition colocaram também a segunda definição, `reply`, que nada mais é do que uma classe (sim, programadores orientados a objeto: AppleScript também tem classes!) com duas propriedades: `button returned` e `text returned`. Soa familiar? Pois é, são essas as propriedades que testamos quando chamamos o `display dialog`, como por exemplo em:

```
display dialog ("Do you love me?")
set resposta to the button returned of the
result
if (resposta = "OK") then
	beep
end if
```

Lembre que o resultado chamado `reply` tem a propriedade `button returned`, que só pode ser `OK` ou `Cancel` porque não definimos o nome dos botões (usamos os botões padrão). Aí criamos a propriedade `resposta` pra guardar a resposta (criativo, não?) e fazemos seu Mac bipar de felicidade quando alguém diz que o ama.
Aí, você deve estar pensando: "Grande coisa, e daí? Eu já sabia o que o `display dialog` fazia, já usei até..."
Ah, é? E por acaso você sabe o que faz o comando `the clipboard`? E que tal o comando `info for`? Complicou, né? Pois é. AppleScript é fácil mas é poderoso, e pode ser complicado de tal maneira que às vezes perdemos noção do que faz o quê. Aí, vamos lá no dicionário do Finder e, se a resposta não está lá, vai estar nas scripting additions.
Só pra terminar: você encontra as definições dos comandos que mencionei na scripting addition chamada Standard Additions.
A seção File Commands contém `info for` e `the clipboard` está em Clipboard Commands.
No mês que vem, falaremos de Folder Actions e o que mais der na telha. **M**

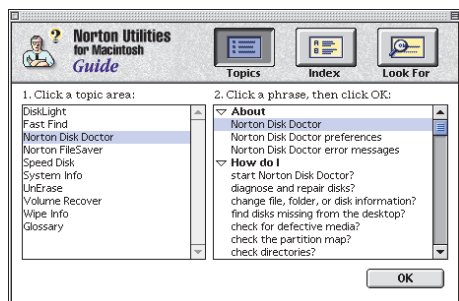
MAURÍCIO L. SADICOFF
Escreveu este artigo enquanto tentava convencer um bilheteiro do ProPlayer Stadium a trocar um ingresso pro jogo do Miami Dolphins contra o New York Jets por uma reportagem de capa na Macmania. Entre uma e outra solicitação violenta, o bilheteiro retrucava, curioso: "Quem deixou esse louco escapar do hospício?"

Norton Utilities for Macintosh 5.0

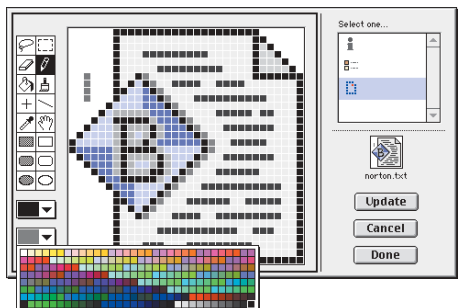
Programa fica mais confiável, mas não traz muitas novidades

Mesmo com as melhorias que a Apple fez em seu Disk First Aid e o avanço tecnológico dos discos rígidos nos últimos anos, nenhum usuário minimamente escolado vive hoje sem ter à mão um programa para recuperação de dados.

O Norton Utilities, da Symantec, já teve seus momentos áureos, quando reinava absoluto nesse terreno. Hoje a coisa já não é mais assim, existindo boas opções, como o Disk Warrior, da Alsoft, e o DiskTools, da MicroMat, que ganharam mercado depois que a Symantec ficou quase um ano sem fazer o upgrade do Norton para Mac.

Para o usuário brasileiro, entretanto, a balança acaba pendendo para o Norton, posto que a Symantec tem filial no Brasil, o que sempre ajuda na hora de registrar, fazer upgrades e obter suporte para o produto. Então é sempre bom saber que uma versão nova desse programa imprescindível já chegou às prateleiras locais.

O manual online é bem completo

A última versão do Norton Utilities não vem com grandes novidades em relação à anterior, mas melhorou muito seu suporte a HFS+, corrigindo vários bugs. O programa agora está compatível com discos e equipamentos FireWire e USB.

A principal novidade do Norton 5.0 é a capacidade de realizar o "Live Repair", ou seja, consertar o próprio disco onde o programa está instalado. É uma boa ferramenta para prevenção de problemas ou check-ups periódicos, mas é óbvio que, se o seu disco realmente estiver com problemas, o Norton dentro dele não servirá para nada, pois estará inacessível. Mas para isso existe o CD, que é "bootável", vindo com uma versão mínima do Mac OS 8.6, o que permite dar partida no Mac por ele em uma emergência.

Quem não tem ResEdit caça com Norton

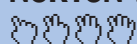
Outra nova função alardeada pela Symantec é que agora você pode voltar atrás nos reparos feitos pelo Norton. Não é bem assim: em vários casos o programa avisa que alguns reparos não podem ser revertidos. Por outro lado, o Norton não travou nenhuma vez durante os testes e pareceu estar livre da "praga dos erros que não vão embora". Era irritante, na versão 4.0, repassar o Norton e descobrir que erros que supostamente haviam sido consertados voltavam a aparecer. Às vezes alguns erros novos apareciam entre uma passada e outra, fazendo os adeptos de teorias conspiratórias suspeitarem que o próprio Norton causava os erros para criar no usuário uma dependência do programa. O caso foi encerrado, por falta de provas e porque isso não acontece mais.

Pró: Bugs da última versão foram consertados; maior suporte ao HFS+

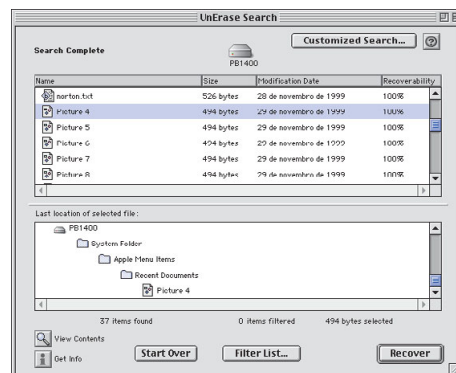
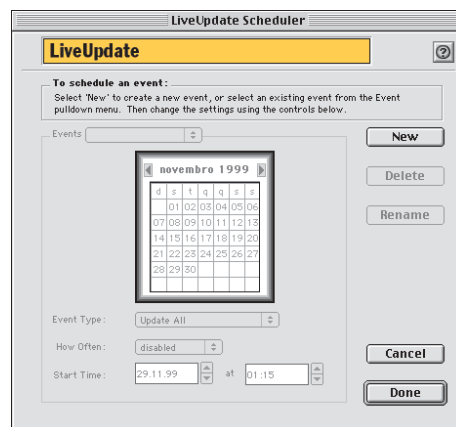
Contra: Poucas mudanças em relação à versão anterior; não é compatível com Macs 68K

Um sinal de que a Symantec está realmente preocupada com a estabilidade da nova versão foi a eliminação sumária do Norton Crashguard, módulo que supostamente deveria servir para evitar paus e bombas, mas que acabava se revelando um causador deles.

O manual que acompanha o CD cobre apenas o funcionamento básico, mas o Help online do programa é bem completo. O Norton 5 suporta os Power Macs G3, iMacs e os novos PowerBooks, mas não é compatível com máquinas mais antigas, com chip 68K, exigindo Mac OS 8 ou superior, 24 MB de RAM e 16 MB de espaço livre no HD.

NORTON 5.0

Symantec: www.symantec.com

(11) 5561-0284

Preço: R$ 356

Cate seus arquivos do lixo com o Unerase

Deixe seu Norton se atualizar automaticamente

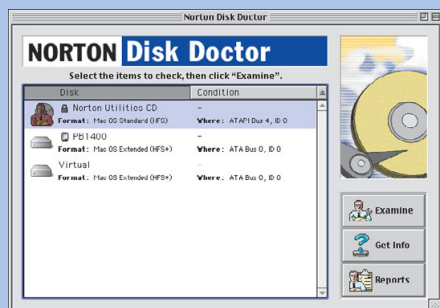
No final das contas, o novo Norton não traz grandes mudanças, sendo apenas mais estável e mais confiável que a versão anterior. Não são melhorias desprezíveis, já que confiabilidade é o fator mais importante em um programa que serve para manter e recuperar a integridade dos seus dados.

ROBERTO CONTI lucca@pobox.com

É consultor de Macintosh e desenvolve sistemas em FileMaker Pro.

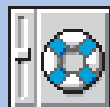
Os instrumentos do Dr. Norton

Norton Disk Doctor

Sem sombra de dúvida, o principal programa do pacote. Ele verifica se os discos do HD não estão riscados, se as partições estão em ordem, se a estrutura hierárquica do HD está em ordem e, finalmente, se os arquivos (programas, documentos etc.) têm começo, meio e fim. Aqui vale um parênteses: muitos usuários acham que o Norton "conserta" programas. Isso não é verdade e nem poderia ser, pois para isso ele teria que rodar o programa, verificar se ele está funcionando e depois simular todo o seu uso para garantir que está tudo OK com ele. O que o Disk Doctor faz quando checa os arquivos é ver se eles se encontram gravados corretamente no HD.

UnErase

Você pode não saber, mas quando jogamos um arquivo no lixo e damos Empty Trash, ele continua no HD. O Mac OS simplesmente libera a área em que ele está no disco para que novos arquivos possam ser escritos sobre essa área. Se, logo após apagar um arquivo inadvertidamente, você rodar o UnErase, terá 100% de chances de recuperá-lo. Essa porcentagem diminui drasticamente na medida em que você vai usando o disco (criando novos arquivos nele).

Volume Recover

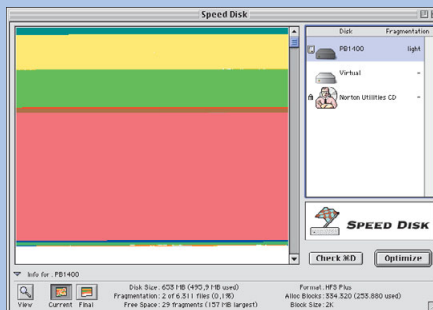
Esse cara tem a árdua missão de tentar reconstruir o seu HD quando um desastre (como a perda de uma partição do disco ou sua estrutura de arquivos) acontece. Se você é um cara cuidadoso e tem um arquivo atualizado do FileSaver salvo em um disquete, por exemplo, há grandes chances do VR conseguir reconstruir seu HD como ele era antes do desastre. Caso você não tenha esse arquivo disponível, ele tentará recuperar seus diretórios de uma forma aleatória. Se nem isso for possível, ele tentará recuperar seus arquivos individualmente e muito provavelmente trará o *resource fork* (ícone) separado do *data fork* (o arquivo propriamente dito). Mas é melhor que nada.

Norton FileSaver

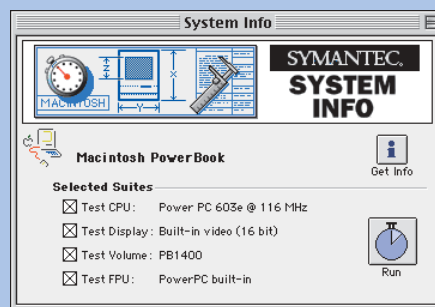
O FileSaver pode ser considerado o "zelador" do HD. Ele mantém um arquivo atualizado sobre a estrutura do disco, checa se não há defeitos na mídia, verifica se ele não está muito fragmentado e agenda as atualizações online, entre outras coisas.
O FileSaver é quem primeiro avisa se há algum problema com o HD ou se ele precisa ser desfragmentado.

WipeInfo

Como dissemos acima, um arquivo jogado no lixo ainda está no HD. Se você realmente deseja apagá-lo, precisa usar o WipeInfo. Após ele entrar em ação, não existe mais nenhuma chance de recuperação daquele arquivo confidencial que você não quer correr o risco que outros vejam.

Speed Disk

É o programa que desfragmenta os arquivos no disco. Apesar de você ver um arquivo como um único ícone no HD, ele pode estar distribuído em espaços diferentes do seu disco, o que aumenta o tempo de acesso. O Speed Disk reorganiza os arquivos, deixando seu disco arrumadinho. A desfragmentação é uma ação importante na hora de queimar um CD ou trabalhar com áudio ou vídeo. A versão 5.0 traz a opção de otimizar diretórios.

System Info

Tá a fim de saber uma infinidade de dados técnicos sobre o seu Mac (processador, HD, memória etc.) e também fazer um teste de "benchmark" para saber o quanto ele é mais lento que um G4? Então use o System Info, oras.

DiskLight

Para os PowerBooks que não têm uma "luzinha" para mostrar que o disco está em uso. Ele fica "piscando" na barra de menus, mostrando quando o disco está sendo acessado.

Fast Find

Mesmo o Sherlock não superou o Fast Find. Com ele, podemos achar arquivos no HD, ver o código desse arquivo, mudar diversos atributos (como tipo e criador) e editar seu ícone. Muito útil para programadores que não sabem onde está o ResEdit.

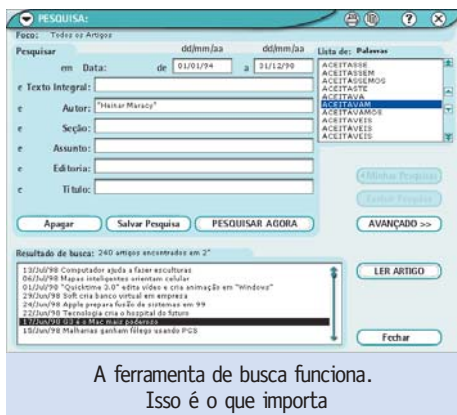
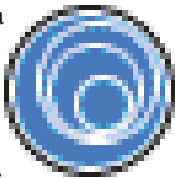
Norton LiveUpdate

Uma verdadeira "faca de dois legumes". De um lado é legal termos um jeito fácil de atualizar o Norton, automaticamente, via Internet. Por outro lado, algumas pessoas ficam preocupadas com o que ele pode estar transmitindo quando está fazendo a atualização. Se optar pelas atualizações automáticas, você pode marcar horários para que ela seja feita através do Norton Scheduler.

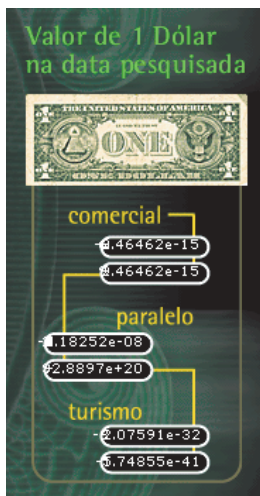
CD-ROM Folha 1999

Má adaptação ao Macintosh compromete uso de obra de referência

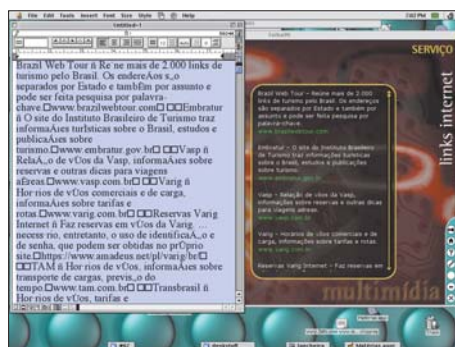
Usuários de Mac sempre sofreram com a falta de obras de referência em português, com uma honrosa exceção: o CD-ROM da Folha de S. Paulo (parece que o próximo Almanaque Abril sairá para Mac, é esperar para ver). Infelizmente, em sua última edição, o CD, que traz o texto integral dos últimos cinco anos do maior jornal do país, dá vários passos para trás em relação às últimas versões.

A começar pela interface. O CD-ROM da Folha sempre primou por suas interfaces não-convencionais, uma maneira de imprimir um pouco de diversão a uma mídia que geralmente é maçante: o CD de consulta. Só que a interface

A ferramenta de busca funciona. Isso é o que importa

atual não é só não-convencional: é irritante. A tela principal do CD é composta de vários círculos concêntricos, vagamente baseados no logo do UOL, serviço de acesso à Internet da Folha, que somem e aparecem com o passar do mouse. Bolinhas com os links que dão nas seções também vêm e vão. Se você errar o link, precisa refazer todo o caminho. Exasperante. Fora que, esteticamente, a tela principal também deixa a desejar.

Quanto vale mesmo o dólar?

Outra complicação é a divisão do conteúdo em dois CDs: um com conteúdo multimídia e outro com o texto integral para consulta. Não espere muito da parte multimídia. A princípio, parece oferecer um mundo de conteúdo, mas além de algumas charges, fotos e trailers de filmes, sobram apenas uns textos mixurucas e links para sites. A seção Primeiras Páginas traz algumas (215) das capas do jornal publicadas entre os anos de 1921 e 1998. Ao clicar na página, ela abre em uma janela, onde o leitor, com lupa e muita paciência, pode ler o texto.

Na hora de trocar o CD, talvez o usuário novato encontre certa dificuldade, pois o programa não ejeta o CD automaticamente, como é normal nesses casos. Pode demorar até a ficha cair e ele notar que é preciso ir até o Finder, jogar o CD-ROM no lixo e inserir o outro para continuar.

Chegou a hora da Caça ao Link

Onde foram parar os meus acentos?

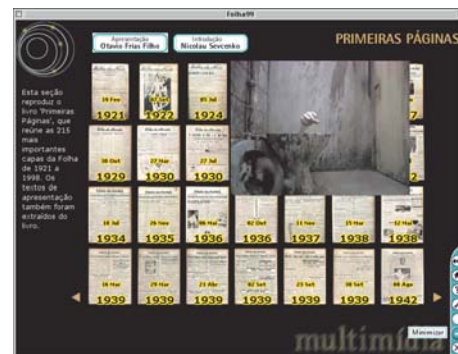
O CD com o texto integral do jornal é o filé do produto, podendo ser consultado por uma eficiente ferramenta de pesquisa. Com certeza esse é principal motivo para se comprar o CD, passando por cima dos problemas relatados aqui. Infelizmente, o pessoal que fez a adaptação para o Mac (a produtora Tulipa Negra, com o auxílio do DRC da Apple) errou feio. O texto copiado do CD-ROM aparece com os acentos trocados quando colado em um editor de texto no Mac. Ou seja, para utilizar os textos do CD da Folha, você vai precisar de um conversor de caracteres Windows/Mac, como o ASCII Converter, de Marco Bambini.

No final das contas, fica a tristeza de ver uma obra tão importante com uma portagem tão mal feita. O CD-ROM ainda vale pelo conteúdo que traz, resta a esperança de que os problemas sejam sanados na edição do ano que vem.

CD-ROM FOLHA 99

PubliFolha: 0800-140090
www.publifolha.com.br
Preço: R$ 59

Pró: Gigantesca quantidade de informação sobre fatos e notícias dos últimos anos

Contra: Interface confusa, adaptação ao Mac mal feita

Clique com cuidado. Coisas bizarras podem acontecer

Aurelinho Século XXI

CD-ROM ajuda crianças a conhecer o significado das palavras

O dicionário Aurélio em CD-ROM é um dos maiores vexames da história do Macintosh no Brasil. Prometido há mais de dois anos, em coletiva conjunta da Apple e Lexikon, ele até hoje não viu a luz do dia, por diversos motivos que não vêm agora ao caso.
As crianças, pelo menos, estão com mais sorte. Elas já podem contar com o Aurelinho Século XXI – Dicionário Infantil Multimídia, um ótimo CD-ROM educativo.
O Aurelinho é um barato. O produto da Lexikon está agora com o dobro de verbetes, além de músicas (produção de Paulo Tatit e Sandra Peres) e muitas brincadeiras. A criança aprende o significado das palavras lendo e ouvindo, e o software é compatível com Mac e PC.
O passeio educativo é feito pelas casas da Cidade das Palavras, de A a Z, com a ajuda de várias personagens. Dentro de cada uma das 23 casas existem armários que guardam palavras. Ao clicar em cada palavra aparece uma tela com definição – para ler e ouvir – e ilustração, às vezes com animação. Essa tela também permite consultar, com rapidez, outra palavra.
A Cidade do Saber também possui uma Vila Temática, com cinco casinhas que guardam palavras agrupadas por temas: frutas, roupas, cores, modalidades esportivas e plantas.
A diversão fica na Praça das Brincadeiras, que vem com cinco opções: tem a História Mal Contada, onde um garotinho (que não é o prefeito do Rio) diz mentiras na maior cara-de-pau; cabe à criança fazer com que a verdade apareça. Nesse caso, ela se apresentará no mais ameaçador vermelho.
Outra coisa que impressiona são os poemas de Vinícius de Moraes, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira e outros, que fazem parte da brincadeira Livro Velho. A criança vai procurando, nas ilustrações espalhadas, as palavras que faltam no texto. Depois é só ouvir, é demais!
Na brincadeira de arrumar a Bagunça do Baú, o objetivo é agrupar palavras que mudam de significado com a troca de uma das letras. Dá pra fazer rimas, também. Balões Cruzados é uma espécie de palavras cruzadas falantes.

A cidade também possui um Circo repleto de canções populares, com karaokê e parlendas (se você não souber o que isso significa, procure no Aurélio, porque o Aurelinho não traz esse verbete). O bom é que também é possível imprimir os textos e desenhos.
No Controle da Cidade do Aurelinho estão atalhos para busca, ajuda e ajuste de volume. Há um registro, chamado de Resumo, onde são armazenados dados sobre o aprendizado para pais e professores poderem acompanhar o desenvolvimento da criança. O software faz o levantamento do tempo de consulta e a quantidade de palavras pesquisadas, classificando-as por categorias gramaticais.
É tudo muito intuitivo, fácil, às vezes lento, principalmente em Macs mais antigos. Rafael, meu amigo de cinco anos que pilota um iMac 266 MHz, brincou muito e não reclamou de nada.

CLÁUDIA TENÓRIO
É jornalista e não sabia o significado da palavra parlenda.

AURELINHO SÉCULO XXI

Lexikon Informática: 21-537-8770
Preço: R$ 45,00

Você deve aceitar a Apple como ela é

Quem vos escreve é um homem apaixonado. Que está (ela sabe muito bem) e é apaixonado. E por que, raios, o cara vem falar das paixões dele numa revista de computador? Ora, porque estamos falando de Apple e Macintosh (pelo menos por enquanto, é esse o assunto da revista) e não é possível falar de ambos sem tocar em paixão. Seja na própria, seja na alheia. Apesar de ser apenas (como se a expressão coubesse aqui!) uma empresa que fabrica computadores e um "exótico" sistema operacional, que roda apenas nas máquinas que ela própria fabrica, a Apple não é tratada pelos seus usuários (e também pelos não-usuários) como uma empresa, mas como um objeto de paixão, seja ódio ou amor. Como uma pessoa física e não jurídica.

E talvez seja por aí que devamos começar. Não se deve esperar (já vi defendido nestas páginas) um tratamento pessoal, ou, digamos, maternal (ou paternal, dependendo de quem fala). Também não se deve pretender que ela ofereça a nós (a cada um) exatamente aquilo que nós queremos, desejamos e, principalmente, veementemente exigimos, pois temos "toda a razão". Afinal, "A Apple é minha!" (É minha, eu falei primeiro!)

> Não é possível falar de Apple e Macintosh sem tocar em paixão

É por isso que é preciso falar de paixão. O usuário Mac tem que entender isso se ele pretende continuar a poder usar Mac e não ser forçado a ter que enfrentar a "interface amigável" e "bonita" do Windows. É preciso que a Apple não só sobreviva como empresa, mas que, além disso atinja uma "massa crítica" (para quem não sabe, massa crítica é a quantidade mínima de material radioativo necessária para disparar uma reação em cadeia, vulgo bomba atômica) de máquinas instaladas. Falo de máquinas novas, o que hoje quer dizer Macs com processador G3; software disponível; periféricos; etc. etc. E isso só se consegue através de medidas nem sempre populares, como, por exemplo, tornar máquinas com processador menor que G3 233 MHz cada vez mais inúteis para aplicativos e documentos modernos. Isso está sendo praticado, sem ser abertamente, é claro. Tente tocar um filme QuickTime recente, como o anúncio do iMac DV, num 8500/180, e veja se consegue assistir algo.

Outra medida impopular é cobrar. Cobrar por updates de software. Cobrar por serviços como o AppleLine (ainda não é cobrado). Cobrar por suporte a desenvolvedores e consultores etc. etc.

Bem, mas o Heinar me pediu um texto falando sobre "coisas que eu gostaria de ver acontecer no Mac". Então, na matriz, eu gostaria que o time Jobs/Ive/eminências pardas (toda a diretoria que tem reestruturado a empresa; o serviço não é de Jobs sozinho, mas de gente muito boa, profissionais vindos de outras empresas do ramo, que "enxugaram" a Apple direitinho) continuassem "keeping the good work" e nos entregando máquinas melhores, rápidas, bonitas e com bons preços (sem chiadeira sobre o preço no Brasil, por favor; reclamações não na Av. Berrini, mas em Brasília, nos endereços conhecidos). Sistemas operacionais estáveis, com recursos cada vez mais modernos e fáceis de usar. No Brasil, cá entre nós, que ninguém está nos escutando, que o pessoal percebesse que o Rio é muito mais legal e se mudasse para cá. No Leblon tem até Rua Cupertino Durão :-)

Brincadeiras à parte, espero que o pessoal continue o bom trabalho que fez até aqui e (se o Fernandenrique não atrapalhar mais do que já atrapalhou) consigam montar Macs por aqui. E que sigam no duro trabalho de também atingir massa crítica para que produtos importantes como o MS Office (também não gosto, mas é necessário, para a sobrevivência do Mac) sejam traduzidos. Secretárias e brasileiros, em geral, não lêem inglês. M

MARIO JORGE PASSOS
Está tentando descobrir como se consegue um emprego no Departamento de Fronteiras do Itamaraty, pra se dedicar apenas a escrever (atenção! Eu falei emprego, não trabalho :-)